



Nós e a Pandemia

VOLUME III

alias



INSTITUTO FEDERAL
Ceará

Nós e a Pandemia

Volume III

Instituto Federal de Educação, Ciência e
Tecnologia do Ceará – IFCE
Pró-Reitoria de Pesquisa, Pós-Graduação
e Inovação – PRPI

Reitor

José Wally Mendonça Menezes

Pró-Reitor de Administração e
Planejamento

Reuber Saraiva de Santiago

Pró-Reitora de Ensino

Cristiane Borges Braga

Pró-Reitora de Extensão

Ana Claudia Uchoa Araújo

Pró-Reitor de Gestão de Pessoas

Marcel Ribeiro Mendonca

Pró-Reitor de Pesquisa, Pós-Graduação e
Inovação

Joélia Marques de Carvalho

Editora-Chefe

Anna Érika Ferreira Lima

Conselho Editorial

Anna Érika Ferreira Lima (IFCE)
Auzuir Ripardo de Alexandria (IFCE)
Joelia Marques de Carvalho (IFCE)
Antônia Lucivânia de Sousa Monte
(IFCE)

Cassandra Ribeiro Joye (IFCE)
Cidley Teixeira de Souza (IFCE)
Elias Teodoro da Silva Júnior (IFCE)

Francisco José Alves de Aquino (IFCE)

Gilberto Andrade Machado (IFCE)

Glória Maria Marinho Silva (IFCE)

Ialuska Guerra (IFCE)

Kelly de Araújo Rodrigues Pessoa (IFCE)

Marcus Tullius Soares Falcão (IFCE)

Maria de Lourdes Macena Filha (IFCE)

Maria Lindalva Gomes Leal (IFCE)

Paulo César Cunha Lima (IFCE)

Rinaldo dos Santos Araújo (IFCE)

Mesa Editorial

Anna Érika Ferreira Lima

Auzuir Ripardo de Alexandria (IFCE)

Secretaria Editorial

Sara Maria Peres de Moraes (IFCE)

Instituto Federal de Educação,
Ciência e Tecnologia do Ceará –
IFCE – CONEXÕES – CIÊNCIA E
TECNOLOGIA

© 2021 Aliás Editora
© 2021 Instituto Federal do Ceará

Edição executiva
Anna K. Lima
Isabel Costa

Diagramação e projeto gráfico
Jéssica Gabrielle Lima

Organização
Robson Campanerut da Silva
Ana Amelia Rodrigues de Oliveira
José William Moreira Moreno
Mailton Nogueira da Rocha
Marcelo Aguiar Távora
Nadya Brito Gurgel Correia Dutra
Márcio Monteiro Cunha
Robson Pontes Custodio
Zilfran Varela Fontenele

Todos os direitos desta edição reservados à Aliás Editora
www.aliaseditora.com
[@aliaseditora](https://www.instagram.com/aliaseditora)
[/aliaseditora](https://www.facebook.com/aliaseditora)

Catálogo na publicação
Elaborada por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

I59n

Nós e a Pandemia / Instituto Federal do Ceará – IFCE [OCHE] – Fortaleza : Aliás, 2021.

(Nós e a Pandemia, volume 3)

Pdf 248 p.

ISBN 978-65-86800-27-2

1. Artigo 2. Pandemia. 3. Miscelânea I. IFCE, II. Título.

CDD 009

Índice para catálogo sistemático

I. Miscelânea

Os conteúdos dos capítulos publicados neste livro são de inteira responsabilidade dos seus respectivos autores, não refletindo, necessariamente, a opinião da organizadora do livro.

Sumário

Apresentação	8
Onça preta	44
Only human	47
Os arretados do Cariri	51
Os calangos da Telecom	55
Os cariris	58
Os cornos	61
Os monarcas	65
Os padawans	69
Os tamborinos	73
Os três do Nordeste	77
Otakus literários	81
Oxe Chente	85
Oxigênios	89
Penso logo desisto	92
Pichulas bestas	96
Picolés de cajuína	100
Pipocas	104
Pokémons cearenses	108
Polaris	112
Power Team	116
QI do Sertão	120
RaBeKás	124
Raios de luz	128
Rendeiras das ondas	132
Revolucionárias do Nordeste	136
Sábios pereirenses	140
Sangue latino	143
Sans Carlotas	147
Sertão veredas	152
Soldadinhos	156
Soldadinhos do Vale	162
Subidores do Horto	166

SuperAG	170
Tabajaras do Arabê	174
Team Agro	179
Tengo Lengo Tengo	183
Terákios	187
Terra de Alencar	191
The Ispilicutes	194
The Three Gladiators	198
Time Currupião	202
Três espiões demais	205
Trindade do Sertão	209
Trindade Olimpiana	212
Trio Humanities	216
Tríplice Aliança	220
Unidos pela ciência	224
Uz Três Aperriandin	228
Vanguarda	232
Vozão	235
White Wings	240
Xêro no Cangote	244

Apresentação

A Olimpíada de Ciências Humanas do Estado do Ceará (OCHE) é um projeto de inspiração e vida que tem em sua história o Orgulho de um povo, o jeito Cearês de se comunicar, a Humanidade das ciências e, de forma ímpar, a Essência do espírito livre, da ousadia, do atrevimento e por meio da participação de estudantes, professores, pais e demais familiares, a descoberta e divisão de novas experiências e saberes que se relacionam com as diversas formas de aprendizagem. Sua primeira versão, inimaginável, aconteceu no IFCE campus Caucaia, em 2019, e congregou neste município de Serra, Sertão e Mar um cenário empolgante de trocas de experiências, conhecimentos e paixões pelas ciências. E foi nesse calor que acendemos em Caucaia (cuja denominação de origem indígena quer dizer “mato queimado”, “vinho queimado” ou ainda “queimado”) a primeira tocha olímpica da OCHE.

A segunda versão aconteceu em 2020 e mais uma vez se renovando e desafiando o inimaginável. Esta versão foi realizada, por conta da pandemia de Coronavírus, de forma totalmente online. Enfrentamos desafios diversos de conectividade e inclusão, e neste vale de batalha mais uma vez a OCHE venceu e mostrou-se ainda mais GIGANTE e APAIXONANTE.

A Olimpíada de Ciências Humanas do Estado do Ceará (OCHE) começou a ser sonhada a partir do

atrevimento de um grupo de professores e técnicos administrativos, que se reuniram posteriormente na sala da Pró-reitoria de Pesquisa, Pós-graduação e Inovação (PRPI) do IFCE e começaram a rabiscar o modelo, e (.....) após meio mundo de conversas e debates o modelo foi fechado, depois o nome foi fechado: “tem que ser um nome bem cearense, bem nordestino”, e veio então o popular OXE que virou OCHE. Em sequência posterior veio o desafio de se desenvolver um sistema informatizado, em pouco tempo, mas este também foi superado pela garra dos professores e alunos do GDESTTE, um laboratório de desenvolvimento do IFCE.

Assim nessa breve história, que um dia, futuro próximo, será pesquisada em uma das questões da OCHE, quero apresentar a todos os leitores deste livro, que a paixão move montanhas, que o acreditar faz coisas impossíveis tornarem factíveis, que o atrevimento é necessário, que as ciências humanas, em todas as suas dimensões e formas, são reflexo de nossa existência.

A OCHE tem a mística de despertar os talentos de forma colaborativa e participativa, ela não é uma olimpíada com foco na competitividade em si, ela possui uma metodologia de pesquisa que potencializa a criatividade, a superação de desafios e principalmente permite que a prática docente extrapole a sala de aula tradicional permitindo uma interação positiva no conjunto aluno-professor-escola. A OCHE estimula as equipes a pensarem fora “da caixa”, contribuindo assim para expansão e compreensão do universo da aprendizagem além de estimular o protagonismo dos estudantes.

Finalizando, nem nestas linhas aqui escritas, e nem em nenhuma unidade de medida, caberá ou poderá

ser adequadamente medida, o campo de pensamento que a OCHE criou. Aqui tem o esforço coletivo de pessoas que acreditaram e acreditam que a educação é um trabalho de equipe cuja maior estrela é partilhar o conhecimento e acreditar que todo dia é um dia de aprendizado. Por aqui “acabOCHE” esse prefácio e para as próximas versões da OCHE monte sua equipe e venham participar.

Prof. Dr. Jose Wally Mendonça Menezes
Reitor do Instituto Federal do Ceará - IFCE

Nós nos encontramos em “Nós e a Pandemia”

O que seria apenas mais uma etapa, a quarta e última da segunda Edição da Olimpíada de Ciências Humanas do Estado do Ceará (OCHE) - 2020, exigindo das equipes, constituídas por um(a) docente e três estudantes, a produção de artigos de opinião abordando o tema “Nós e a Pandemia”, transfigurou-se em lenitivo coletivo para mentes e corações. Expectadores (e vítimas) deste tempo de milhares de perdas humanas e instabilidades emocionais devido à COVID-19, no Brasil e no mundo, o simples e mágico ato da escrita proporcionou-lhes catarses que se converteram em registros pessoais e históricos dos mais valorosos e imprescindíveis.

Transcendendo a própria proposta da OCHE, de que deveriam ser elaborados textos à guisa dos das colunas de jornal ou revista para exposição ou visão acerca de aspectos marcantes dos tempos vividos (pelas equipes) nos tempos pandêmicos de 2020, tamanho fora o júbilo de todos nós, componentes da comissão e avaliadore(a)s das produções textuais, diante dos relatos tão legítimos e tocantes, invadidos pela saudade e impacto da parada súbita das aulas presenciais e implementação do ensino remoto em caráter de emergência. Sentimos a mesma dor e insegurança quanto ao porvir. A empatia foi nossa corrente. Revivíamos, em cada leitura e releitura, seus medos e, também, revigorávamo-nos com a esperança da vitória da Ciência (contra este mal global), exaltada por todas

as equipes.

A apologia dada aos cientistas, que incansavelmente estiveram (e ainda continuam) nas horas intermináveis de trabalho no desenvolvimento de vacinas e testes em voluntários, unindo os Continentes todos, bem como a unânime exaltação aos médicos, enfermeiros, técnicos em Enfermagem e demais profissionais da saúde, no enfrentamento deste deletério vírus, indubitavelmente foram elos entre os artigos aqui coligidos. As ações altruístas, em auxílio aos mais vulneráveis da vizinhança, realizadas em suas unidades escolares e a alusão às práticas solidárias por todo o Município, Estado, Nação e em outros Países emolduraram grande parte dos artigos de opinião deste trabalho. Houve, também, a reiterada validação das medidas de biossegurança, como o uso obrigatório de máscaras quando do ir e vir da população; uso disseminado de géis antissépticos à base de álcool; implantação de barreiras sanitárias intermunicipais; toques de recolher; distanciamento social e defesa do acirrado lockdown, que ainda não ocorreu verdadeiramente em nosso País.

Não raramente, então, deparamo-nos com textos patenteadores dos seus dissabores frente a visões e ações de gestores, no Brasil e em outros países, negacionistas da doença e que minimizam ou minimizavam o número cada vez maior dos que haviam sido sucumbidos pela doença. Desditoso tempo de insensibilidades e incongruências, que levaram populações a, igualmente, desdenharem dos mortos e só pensarem na Economia, que não poderia parar nem perder mais dividendos.

Artigos de opinião extremamente humanistas são a tônica desta coletânea virtual. Foram elaborados por Estudantes e Docentes de Instituições Escolares das

redes pública e privada do Estado do Ceará e, neles, muito dos seus bastidores precários para a participação do ensino a distância foi revelado, quer seja pela saúde mental extremamente abalada, quer seja pela ausência de conectividade ou inexistência dos aparelhos de celulares ou congêneres, nos lares de muitos discentes. A infeliz realidade da discrepância ou abismo social foi amplificado pela exclusão digital e muitas Equipes descortinaram esta verdade de penúria para Todos e Todas Nós, seus leitores, ávidos por leituras calcadas na realidade e isentas de alienação. Consoante a isso, como verdadeiros agentes de seu tempo, deste nosso tempo de Pandemia, apresentaram engajamentos em campanhas on-line como #fiqueemcasa e #adiaoenem.

Ares irreverentes também são contraditórias, desde as escolhas dos nomes de muitas Equipes, como ocorre em “Arreégua” e “Oxe Chente”, apologéticos da nordestinidade. Criatividade e telurismo cearense firmaram-se e confirmaram-se: “Juá”, “Kariris”, “Comedores de Cocada”, “Atenas do Nordeste”, “Cuscuz com Ovo” e “Corra Linda”. Inquestionavelmente originais e leves, de modo a conseguir amenizar, de certa forma, a temática primordialmente trágica norteadora dos artigos que estavam em elaboração. Contemplemos, agora, parte das suas geograficidades: juazeirense; sobralense; icoense; iguatense; milagrense; horizontino; ipueirense; ubajarense; pacotiense; maracanauense; aquirazense; fortalezense, sem deixar de aludir, por exemplo, o bairro Grande Bom Jardim.

O protagonismo estudantil foi extremamente evidenciado, muitas vezes com estruturas lexicais em espontaneidade ou prosaísmo linguístico e, também, em espécie de treinamento formal, como se estivessem – paralelamente – reforçando preparatórios para a produção textual dissertativa-argumentativa do Exame

Nacional do Ensino Médio (ENEM). Reiteramos, claro, que nosso gênero textual exigido não fora o texto em prosa dissertativo-argumentativo nem usamos os critérios de correção da Redação do ENEM, mas valorizamos todo o esforço das equipes, que em tempos de tantas fragilidades deste tempo enfermiço, como as que anteriormente foram citadas, também usaram de estratégias fortalecedoras de suas múltiplas leituras, aprendizagens e exercícios.

À tona vieram, também, como verdadeiros presentes destas vivazes Equipes, intertextualidades, a citar alguns exemplos: de cunho literário, deleitando-nos com versos de Antônio Gonçalves da Silva, o nosso magistral Patativa do Assaré; histórico, ao citar a terrível epidemia de varíola no Ceará, em 1878, e a abjeta Febre Espanhola, que perdurara de 1918 a 1920; artístico, em alusão ao pintor pré-Expressionista holandês Vincent van Gogh, e filosófico, em referência à germânica Hannah Arendt, combatente do antissemitismo. Em meio ao confinamento, na segunda metade de 2020, tentando superar tantos planos frustrados e assombros, Docentes e Estudantes cearenses foram tenazes e nos presentearam com criações textuais excelsas, frutos dos seus anseios pela disseminação dos saberes e catarse pelos dias e noites de aflição.

“E mais”, como nos diria um dos maiores expoentes da Literatura Brasileira, o autor mineiro João Guimarães Rosa: as Equipes destes artigos de opinião ainda tiveram a primazia da inserção de fotografias ou memes autorais, apresentando teores poéticos, críticos e líricos, e/ou exibição de imagens de jornais e revistas de renome, com os devidos créditos e datas de acesso, tornando ainda mais rotundos os artigos deste material de excelência, no universo cibernético, acerca dos seus

olhares e registros quanto à primeira onda deste letal coronavírus. Aqui estão coadunados textos verbais e visuais que não nos deixarão olvidar o quanto foram meses (que não terminaram) de angústias, desafios, perdas humanas e financeiras.

O presente E-Book “Nós e a Pandemia” deve ser lido e relido, pois nos conta, sob óticas sensíveis, díspares e sensatas, o quanto somos sobreviventes deste caos, e fadados a lidar com a inexorável saudade dos entes que partiram e a não desistir de nos irmanar, sempre, incessantemente. Os *** artigos de opinião desta cibernética obra literária são lumes nestes tempos de ínvios caminhos. São registros coletivos de resistência e confiança... que nos abraçam, nestes tempos de hiato, e nos conçoçam.

*Nádyá Gurgel*¹²

Professora de Português - IFCE Campus Itapipoca
Membro da Comissão Organizadora da OCHE Ceará

¹ Romancista, contista, ensaísta e poeta, membro da Associação de Jornalistas e Escritoras do Brasil (AJEB), desde 1999, e Professora Efetiva EBBT de Língua Portuguesa do IFCE, desde julho de 2016, e lotada no Campus Itapipoca, desde 2019.

² Texto concluído no fatídico dia 15 de março de 2021, quando o Brasil totalizava mais de 278 mil mortos pelo COVID-19.

O ano de 2020 começou repleto de sonhos e desafios para todos, especialmente para nós que compomos a Comissão Organizadora da OCHE Ceará. Estávamos muito empolgados e extremamente felizes com a primeira edição da Olimpíada, ocorrida no segundo semestre de 2019, com as repercussões positivas e acima de tudo com a motivação de seguir em frente, gerada pelos sorrisos, agradecimentos e gestos de carinho que recebíamos de estudantes e docentes, tanto por meio de redes sociais quanto no encontro maravilhoso ocorrido na final presencial no Campus Caucaia do IFCE.

Caminhávamos para uma segunda edição grandiosa, com apoio entusiasmado do então Magnífico Reitor Virgílio Augusto Sales Araripe e do então Pró Reitor de Pesquisa e Extensão e atual Magnífico Reitor do IFCE José Wally Mendonça Menezes, que novamente garantiam as condições necessárias e fundamentais para a realização desta iniciativa. Ampliávamos apoios e simpatias de gestores e servidores do IFCE. Nos reunimos com diversos Secretários Municipais de Educação, gestores escolares e representantes do Governo do Estado do Ceará, tanto na Secretaria de Educação, onde sempre tivemos excelente receptividade e grande apoio de Ianne Nobre, Cannigia Carneiro, Raquel D’Albuquerque; e na Secretaria de Ciência e Tecnologia, através do Secretário Inácio Arruda e sua equipe.

Pensávamos em questões, calendário, melhorias, divulgação, ... na feijoada ... (Para o leitor que não entendeu, na final presencial realizada em novembro de 2019 no Campus Caucaia do IFCE, sob direção do amigo e professor Jefferson Queiroz Lima, foi servido aos presentes uma das feijoadas mais gostosas que já comemos. Isso foi confirmado por quem lá estava! Pergunte a quem foi...)

A vida seguia normalmente.

Os canais de notícias abordavam que um vírus surgira na China e causava doença similar a uma gripe forte, mas que evoluía para grave infecção respiratória. Ao mesmo tempo as notícias veiculadas falavam de restrições sanitárias de vários países e ações do governo chinês para conter a disseminação do vírus. Confesso que achei que não seria algo tão grave, pois já tinha visto situações semelhantes gerarem preocupação, tais como as epidemias de H1N1 e Ebola, que foram controladas. Achei que a COVID-19 seria controlada. Infelizmente me enganei. Nos enganamos.

Cidadãos de diversos países saíam da China. Nações repatriavam cidadãos em vôos exclusivos. Me recordo da repatriação de brasileiros, tardia, como na maioria absoluta das situações que envolveram ações de combate à pandemia pelo Governo Federal. Os brasileiros que voltaram da China foram trazidos em um avião exclusivo para este fim e ficaram isolados em quarentena no estado de Goiás. Mas o vírus já estava se espalhando rapidamente pelo mundo. Não houve jeito, pois no mundo globalizado e em um Ceará que faz parte de rotas turísticas nacionais e internacionais, os contágios foram muito intensos e rápidos.

Muitos continuavam negando a gravidade da situação e se recusando a se cuidar e cuidar dos outros, infelizmente motivados por lideranças políticas nacionais e estrangeiras, o que dificultou e dificulta no combate à pandemia.

Desemprego e aumento da miséria já vinham se acentuando no Brasil. A pandemia agravou a situação, mas não a causou. Que isso fique registrado. As medidas restritivas começaram a chegar até nós junto com as notícias que cresciam os números de contaminações e mortes, inclusive de amigos e familiares. Escolas fechadas e diversas atividades suspensas. Parou o futebol e quando voltou, os estádios não podiam receber torcidas. Aulas remotas se tornaram a nova práxis para professores e professoras que não dominavam tecnologias e tiveram que “se virar” para não perder seus empregos. Impossibilidade de aulas remotas para estudantes de escolas e universidades públicas que não tinham acesso à internet em seus domicílios, ou se o tinham, de maneira muito precária. Estudantes de escolas públicas foram os mais afetados.

A ONHB foi adiada e depois confirmada a sua edição de forma online. Confesso que pensei e propus a reflexão sobre o adiamento da OCHE 2020. Professor Wally imediatamente vetou esse pensamento, com sua energia positiva de sempre, e afirmou que a continuidade era importante, e portanto, faríamos a OCHE “nem que fosse para 10 ou 100 participantes!”. Mas no ano de 2020, infelizmente não teríamos a feijoada em Maranguape¹...

Tomada a decisão, o trabalho fluiu, até por que a cada dia me convenço que temos a melhor equipe para se trabalhar. Trouxemos a reflexão sobre nossa realidade

¹ A final presencial da OCHE 2020 estava definida para o Campus Maranguape do IFCE.

para o centro das discussões. Analisamos a Pandemia e seus reflexos em todas as fases da OCHE 2020.

Para a última fase, decidimos prestar um serviço a aos guerreiros e guerreiras que em meio a tantas dificuldades e atividades, decidiram se divertir e aprender um pouco mais conosco. A ideia é que falem, se expressem, reflitam, deixem fluir seus sentimentos escrevendo sobre suas experiências pessoais e coletivas diante da Pandemia.

Ao mesmo tempo, desejamos prestar um serviço à sociedade e às gerações futuras, imortalizando estes relatos através desta obra, permitindo que, no futuro, a pesquisa e o conhecimento continuem a ser o principal mecanismo de desenvolvimento humano. Desejamos contribuir para a valorização da História e da Memória como instrumentos de reflexão e conhecimento do passado, permitindo que erros sejam veementemente repelidos e nunca mais repetidos.

Esta obra é um relato histórico e tem algo de muito inovador, que é apresentar uma coletânea formal de textos e reflexões produzidos pela chamada “Geração Z”, abrindo espaço de manifestação acadêmica a experiências de atores sociais que viveram a pandemia de SARS-COVID 2019 e têm as redes sociais como espaço fundamental de manifestação, algo incomum em gerações anteriores.

São muitas as fontes sobre nossa realidade, mas trago alguns números deste momento em que editamos esta coletânea. Estamos em março de 2021. Há exatamente um ano a COVID-19 foi declarada Pandemia Global pela Organização Mundial de Saúde. As medidas restritivas e suspensão das aulas tiveram início em nosso estado no dia 19 de março, dia de São José,

considerado pelos católicos como o padroeiro do Ceará. Os EUA acabam de anunciar vacinação para toda a população do país para o início de maio. Enquanto isso o Governo Federal Brasileiro mantém atitudes dúbias, críticas a medidas restritivas e nega fatos concretos, como o colapso evidente e declarado por gestores locais nos sistemas de saúde de vários estados e municípios². Em todo o Brasil, hospitais públicos e privados anunciam não ter mais leitos disponíveis, especialmente para pacientes graves que necessitam de UTI, fatos comprovados pelos dados de casos e óbitos crescentes e que colocam o Brasil, neste momento, no epicentro da pandemia no mundo³. Há cerca de um mês faltava oxigênio nos hospitais de Manaus – AM. Esta semana somos avisados que o estoque de oxigênio é muito baixo e existe risco de escassez, inclusive no Ceará⁴.

A vacinação no Brasil teve início no final de janeiro, trouxe e traz muita esperança e vemos a comemoração de pessoas sendo e tendo familiares vacinados. Todavia, este processo tem sido muito lento e de certa forma desorganizado, além de ter enfrentado dificuldades impostas por um Governo Federal que, diante de críticas, tem mudado suas atitudes nos últimos dias e demonstrado maior esforço em garantir a aquisição de vacinas e insumos⁵.

As águas de um março de 2021 chuvoso no Ceará, que também começam neste mês a chegar no açude Castanhão, a partir da transposição do Rio São Francisco, são acompanhadas pela esperança de aproximadamente 11,4 milhões de doses de vacinas

2 <https://www1.folha.uol.com.br/equilibriosaude/2021/03/com-estados-em-colapso-por-covid-pazuello-diz-que-sistema-de-saude-nao-colapsou-nem-vai-colapsar.shtml>, acesso 15 mar. 21.

3 https://susanalitico.saude.gov.br/extensions/covid-19_html/covid-19_html.html, acesso 15 mar. 21

4 <https://www.opovo.com.br/coronavirus/2021/03/13/quase-40-cidades-cearenses-correm-risco-de-falta-de-oxigenio--diz-aprece.html>, acesso 15 mar. 21.

5 <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/2021/03/10/bolsonaro-muda-tom-e-diz-que-brasil-tera-400-milhoes-de-doses-de-vacina-em-2021>, acesso 15 mar. 21.

aplicadas (sendo pouco mais de 8,5 milhões de pessoas que receberam apenas a primeira dose, enquanto pouco mais de 2,8 milhões receberam as duas doses, entre idosos e profissionais de saúde)⁶, mas também pela dor das famílias de mais de 278 mil vítimas da doença, número que tem crescido nos últimos dias⁷. Ressaltamos nossa dor e prestamos solidariedade a familiares e amigos.

Compartilhamos dor e esperança.

Presto minha total solidariedade, reconhecimento e agradecimento a professores e professoras das diversas esferas, por demonstrar mais uma vez que são o sustentáculo e guias fundamentais para o conhecimento e a educação em nosso país, além de manterem uma heroica conduta de continuar e seguir em frente, não só caminhando, mas engatinhando ou rastejando, na maioria absoluta das vezes, não passando por cima, mas convivendo com e carregando cada dificuldade, desafio, perdas, medos, afazeres pessoais, dramas e tudo o mais que nós que labutamos na área da educação sabemos e vivemos.

A distância mostra quão fundamental é e sempre será a escola enquanto ambiente de saberes, aprendizagens, convivência, vivência, debate, igualdade, diversidade e respeito.

Uso ainda este espaço para prestar minha solidariedade a todos e todas estudantes cearenses ceifados de estudar ou participar da OCHE 2020 por questões socioeconômicas. Suas importantes vozes tradicionalmente excluídas infelizmente não poderão ressoar nesta coletânea, não por vontade nossa, mas por dura imposição de uma realidade que insiste em se perpetuar

⁶ https://viz.saude.gov.br/extensions/DEMAS_C19Vacina/DEMAS_C19Vacina.html, acesso 15 mar. 21.

⁷ https://susanalitico.saude.gov.br/extensions/covid-19_html/covid-19_html.html, acesso 15 mar. 21.

em nosso país.

Esta realidade social e econômica do Brasil e do Ceará, marcada por profundas, revoltantes e inaceitáveis diferenças, impede que estudantes que não possuem quase ou nenhuma estrutura residencial e familiar encontrem na escola alimentação, apoio, amizades e mesmo o acesso à internet, que possibilitaria estar participando da OCHE e relatando aqui suas vivências e experiências diante deste momento difícil que vivemos.

Apesar de novamente calados pela dura realidade, vocês não foram esquecidos por seus colegas nem por nós.

Zilfran Varela Fontenele

Professor de História - IFCE Campus Crateús
Membro da Comissão Organizadora da OCHE Ceará

Quando fui convidado a participar da OCHE, me senti honrado em fazer parte de um grupo de professores capacitados, competentes e com disposição de pensar e divulgar o Ceará com todo amor a nossa terra. Até aí, já me sentia muito bem em poder participar.

Mas para minha surpresa e agonia, o ano de 2020 nos trouxe uma pandemia. Esse foi um ano inesquecível por todo medo e angústia que vivi como nunca tinha visto. Preocupação com familiares e amigos me fizeram chorar e ao mesmo tempo desenvolver ainda mais minha fé.

Pois como um presente divino, aprendi a ter resiliência e perceber que em meio a tantas notícias ruins e de um cenário nada bonito para nosso país, é possível encontrar vida e beleza diante daqueles que eu tanto amo.

E é nesse ponto de encontrar algo belo em meio a um cenário difícil que venho falar da OCHE. A OCHE, é como uma flor de mandacaru encontrada diante de um cenário de seca no sertão nordestino. A OCHE traz beleza e vida quando vemos alunos e professores que encontram forças num ano de pandemia, para refletir sobre a vida, sobre a existência, sobre a sociedade e sobre o mundo. E nessa reflexão em coletividade surge a beleza de relatos de jovens cheios de vida e de sonhos que nem mesmo uma pandemia pode barrar.

A OCHE é uma pérola encontrada. Em minha vida me fez crescer não só profissionalmente, mas enquanto ser humano. Pois o protagonismo estudantil me encanta, me faz sonhar com tempos melhores, e me faz relembrar o quão importante é ser professor dentro de uma sociedade. E como bairrista que sou, a OCHE me traz além de tudo isso que já mencionei, um orgulho em presenciar todas as disciplinas de humanas terem como ponto em comum, e ao mesmo como ponto de partida, o estado do Ceará.

Portanto, só tenho a agradecer a todos que fazem a OCHE, principalmente aos alunos, pelo privilégio de participar de uma olimpíada com tantos significados e simbolismos positivos que contrastaram com um triste cenário num ano de pandemia. Obrigado por terem permitido que eu não enfrentasse nesse ano de 2020, uma pandemia sozinho. Não posso dizer que fui eu a pandemia, mas que verdadeiramente foi: “nós e a pandemia”.

Robson Pontes Custódio

Professor de Filosofia - IFCE Campus Caucaia
Membro da Comissão Organizadora da OCHE Ceará

Foi na infância que comecei a apresentar os primeiros sintomas de ansiedade, sempre me cobrando pelo melhor resultado nas avaliações da escola e para figurar no chamado “quadro de honra”, uma espécie de competição que as escolas já estimulavam na época em que eu começava a minha vida escolar. Com o passar do tempo e a chegada da vida adulta, começaram a chegar também as crises de ansiedade, que passaram a tumultuar a minha vida, principalmente profissional, e lidar com isso foi um dos maiores desafios nesse período de pandemia.

No dia 16 de março de 2020, estava em casa, preparando aula, quando recebi um comunicado do diretor do meu campus de que as aulas ficariam suspensas em todo o IFCE até o dia 20 de março por conta do aparecimento dos primeiros casos de Covid-19 no Ceará. Mal sabia eu que aquele era só o início de uma trajetória de trabalho remoto que se estende até os dias de hoje, e ao qual eu tive que me adaptar de forma rápida e lidando com todas as minhas inseguranças. Se atividades simples do cotidiano já são capazes de despertar preocupação e medo extremo numa pessoa com transtorno de ansiedade, que é o meu caso, que dirá uma situação como essa em que nos encontramos.

Aprendi ao longo dos anos que transtorno de ansiedade não é algo que se cura, mas que se aprende a conviver,

e para evitar qualquer crise nesse período pandêmico eu tive que encontrar estratégias que me ajudassem a lidar com o medo do presente, e do futuro também. Moro num apartamento de 70 m²o que durante estes meses de pandemia tornou-se o meu principal lugar no meu mundo. Nos períodos de isolamento mais rígido, comecei a fazer atividade física dentro de casa, inclusive porque esta é uma forma de combater a ansiedade. Com a impossibilidade de sair para um restaurante, em alguns dias da semana, eu colocava uma mesa na varanda para almoçar ou jantar “fora”. Estas foram algumas das formas que encontrei para tornar o meu período de confinamento menos doloroso.

Isso não significa que os períodos ruins não aconteceram. Convivi e tenho convivido com momentos de choro, desespero, desânimo, insatisfação, angústia e de saudade. Saudade dos amigos, da família, dos lugares que eu costumava frequentar, das coisas que eu normalmente fazia e que hoje já não são mais possíveis. Tenho saudades de fazer planos de viagens, profissionais, enfim, sinto falta de planejar a minha vida.

Gostaria muito de ter uma mensagem positiva para registrar neste texto, mas no momento em que escrevo, recebo notícias do falecimento e adoecimento de gente próxima, do colapso do sistema de saúde em todo o país e do descaso do governo federal com o caos instalado. A pandemia da Covid-19 será um marco na história da humanidade, mas não pelas razões ideais.

Ana Amélia Rodrigues de Oliveira

Professora de História - IFCE Campus Maranguape
Membra da Comissão Organizadora da OCHE Ceará

A chegada do ano de 2020, como toda virada de ano, foi celebrada com muita expectativa, pois é o momento que renovamos a esperança de um ano novo cheio de alegrias, paz, saúde e conquistas, deixando para trás um 2019 marcado por muitas dificuldades pessoais.

Tudo parecia normal, indo bem, até que a notícia de um surto pandêmico de um novo tipo de vírus - SARS-CoV-2 - estava se espalhando rapidamente pelo mundo provocando mortes e a superlotação nos leitos hospitalares chegando ao Brasil pouco tempo depois do carnaval, última grande festa popular que tivemos no ano.

Acredito que ninguém pudesse presumir o que aconteceria, nem mesmo os melhores roteiristas de Hollywood poderiam imaginar um script tão ficcionista como foi e está sendo a nossa dura realidade.

Com o aumento do número de pessoas infectadas e o intuito de achatar a curva de contaminação para poder prestar atendimento hospitalar, prefeitos e governadores decretaram o lockdown. O comércio, indústria, setor de serviços, escolas, tudo que fosse considerado não essencial deveria ser fechado para evitar aglomerações e as pessoas deveriam permanecer em suas casas, sem contato umas com as outras, a não ser que residissem na mesma casa.

Esta conjuntura trouxe problemas financeiros e emocionais causando incertezas por não saber como e quando acabaria, tristeza porque vidas estavam e continuam sendo perdidas e ansiedade por não saber o que ainda está por vir. Tudo isso provocou em mim um turbilhão de sentimentos que se misturavam causando muito medo e como consequência a dificuldade para dormir.

As atividades de trabalho foram temporariamente suspensas, aulas, comissões institucionais, calendário acadêmico e a realização da Olimpíada de Ciências Humanas do Estado do Ceará – OCHE, que chegamos a cogitar o seu cancelamento. Tudo estava muito incerto e desafiador.

Aos poucos fomos procurando um novo normal, as atividades de trabalho passaram a ser por videochamadas e as aulas retomaram de forma remota (síncronas e assíncronas). Pelas recomendações da instituição, nas aulas síncronas, os estudantes deveriam manter câmeras e microfones desligados, ligando apenas para tirar suas dúvidas ou fazer alguma colocação. Essa situação e novo modelo de aula me causou desconforto e provocou desânimo, pois sentia muita falta da presença física da sala de aula, da expressão do estudante quando compreendia ou não um conteúdo explicado.

Contudo, esta nova realidade também me possibilitou refletir sobre a minha prática e perceber como sou um professor tradicional, fato constatado diante das dificuldades encontradas neste novo modelo de ensino e a falta de preparo para lidar com as novas ferramentas tecnológicas na educação.

Com o retorno das atividades laborais as dificuldades

aumentaram, pois agora tinha que retornar a ministrar as aulas de maneira virtual e demais atividades que a docência exige e ao mesmo tempo atender as demandas do serviço doméstico (limpar, preparar a alimentação, lavar roupas e etc) e seio familiar.

Mas, apesar de todo medo, trabalho e incerteza encontrei as forças que precisava no convívio com minha companheira e meu filho, Caio, de 4 anos de idade.

Exploramos nossa criatividade e fantasia, realizamos brincadeiras dentro de um apartamento pequeno, que apesar do pouco espaço, corríamos em volta de um sofá velho para brincar de pega-pega. Aproveitava a oportunidade da brincadeira para poder me exercitar e sair do sedentarismo. Brincamos de nos esconder e o lugar preferido do Caio era o guarda-roupa. Preparamos lanches e fizemos piqueniques dentro do apartamento.

Neste contexto nos reinventamos e pudemos aproveitar momentos especiais em família que com certeza, ficarão guardados nas nossas memórias afetivas.

As dificuldades continuam, contudo, acredito que saímos mais maduros e fortalecidos, pois diante das adversidades podemos nos reinventar, nos fortalecer para suportar o tédio dos dias que não passavam, a ausência de amigos e demais familiares e buscar satisfação em pequenas realizações do dia a dia como brincar com o filho de esconde-esconde dentro de casa por horas.

Márcio Monteiro Cunha
Professor de História - IFCE Campus Maracanaú

Nós e a pandemia ou os nós da pandemia

No momento em que escrevo meu texto, faltam menos de uma semana para o aniversário de um ano do anúncio da OMS sobre a escala pandêmica que o vírus da COVID-19 alcançava.

O que foi 2020? Aliás, o que está sendo esta “vertigem”, dentro do contexto que Camus fala do absurdo? Quem não chegou em algum momento do ano e perguntou a si e aos próximos: que loucura é essa?

A analogia da vertigem também exemplifica o que é estar trabalhando remotamente. Lembro-me muito de quando fui ao parque aquático Beach Park, há um tempo atrás, e desci em um toboágua todo preto. É a mesma sensação, agora virtual, que tenho desde então. Você está na entrada de um tubo e, após adentrá-lo, o que você escuta, sente e percebe são gritos de outras pessoas nos demais toboáguas, uma série de água indo contra você, perda da noção de espaço e tempo, e, ao término de um passeio que dura em média um ou dois minutos, você sai numa piscina, tonteado, ainda se situando de onde surgiu e onde foi parar.

Esta analogia é vaga, pois é necessário ter experiência em parques aquáticos. Mas ela fica mais próxima se substituirmos algumas palavras. Se, ao invés de tubo, colocar meets, lives, aulas síncronas? E o que escutamos, sentimos e percebemos foram as redes sociais inundadas de memes, fotos, vídeos, textos

entre outros, compartilhando lamúrias, horrores e também, arremedos de esperanças? E, se no lugar da água nos sufocando, for uma quantidade extraordinária de informações que recebemos cotidianamente, nos afogando num mar de infodemia, desinformações, fake news, derretimento das coisas que acreditamos e defendemos? E, quando nos situamos no ano, sem saber onde estamos, literalmente em vertigem, quase afogados numa piscina rasa, que num contexto mais ameno, saberíamos sair com maior destreza?

Pois bem. É assim que resumo o ano pandêmico de 2020. Dentro deste circuito, podemos narrar que é um ano histórico. Por ser muito significativo para humanidade, cada passo dado dentro dele ficará registrado, de certa forma, em nossa memória e, mais que isso, nos infindáveis registros virtuais que realizamos dentro da virtualidade. A vida vai, as palavras voam, mas a escrita (e os logs de internet) sempre ficam, como diz um clássico provérbio romano. A pandemia começou, com temores que jamais conseguiremos descrever com tanta precisão em nossas vidas. Ao mesmo tempo, pareceu que a Terra, numa perspectiva da Gaia, tem demonstrado que o verdadeiro vírus do cosmos é o ser humano. Ela, em suas autorregulações, como qualquer sistema, aprende também a se defender. Mais de 7 bi de seres destruindo-a e desrespeitando sua existência fez com que ela desenvolvesse seus anticorpos. Ironias à parte, a COVID-19 é uma simples gripezinha, doença comum mas que, na História, matou muito mais que inúmeras guerras.

Esta reflexão parece, em uma primeira vista, uma chacoalhada existencial: “você está vendo que, da forma que você está fazendo, vai acabar por matar a mim e a nós todos?”. Parece um discurso de uma mãe que pega

seu filho adicto e imerso no mundo das drogas, mas é a Terra-Mãe (Gaia) tentando dar uma acordada em seu filho pródigo.

No início da pandemia, esta era a reflexão mais recente, O Antropoceno é a Era geológica autodestrutiva. É necessário parar, literalmente. É foi o que aconteceu. A Terra, a Natureza, em alguns lugares altamente antropomorfizados, voltou a sorrir. Golfinhos em Veneza, diminuição da emissão de CO² no ambiente, desaceleração do mundo. Quem diria? O caminho para a redenção começava a despontar no horizonte. Há esperanças na Humanidade!

No entanto, muito daquilo que eram prospecções otimistas viraram exatamente o contrário. O negacionismo, a relativização da pandemia, a sobreposição da importância da economia frente à vida - deixe de mimimi, e vá trabalhar - mostraram a verdadeira faceta do ser humano na contemporaneidade: um extremo individualismo, o ódio como força política e o anticientificismo ganhando cada vez mais força. Eu sei, são alguns, uma minoria, mas extremamente engajada, barulhenta e com poder político e ideológico em dominância.

É vixe em cima de eita, é cada dia uma luta. Seja ela ontológica (o que sou e o que faço aqui, afinal?), profissional (o que é um professor sem aula, ou melhor, sem a sala de aula?) e até mesmo situacional (que diabos estou vivendo ou como viabilizar este ano a OCHE ou qualquer coisa?), são desafios enormes de se manter confiante e até mesmo não ceder para sentimentos niilistas de impotência, conformismo e evitar ao máximo de “entrar em parafusos”. E bote reflexão, cabeça para pensar, autocentramento, conversas com amigos, respirar fundo, pirar e surtar,

entre outros movimentos cíclicos que veio com a pandemia.

Flexibilidade. É um conceito muito em voga na atualidade. E ser flexível não significa necessariamente ser relativista em tudo. É uma questão de organização. Ou, melhor dizendo, uma diretriz que conduz a determinadas metas. E foi assim que vi o ano de 2020. Muitas responsabilidades, muitas demandas - e cada vez maiores - de compromissos pessoais, mas principalmente profissionais. Muito aprendizado, inclusive.

Ser flexível é tentar adaptar nossas diretrizes às condições que fogem de nossa alçada. É tentar organizar alguma coisa dentro do caos infodêmico e encontrar algum sentido nisso tudo. É saber cair na vertigem que estamos vivendo. E não é nada fácil. Mas, parafraseando Ariano Suassuna, não adianta sermos nem pessimistas, pois seremos chatos, mas tampouco otimistas, pois seremos tolos. O que é bom é sermos realistas. Mas um realismo esperançoso, com a perseverança de que, nas lutas diárias, consigamos superar algum desafios postos.

E no meio deste turbilhão até agora relatado a vocês, tem a OCHE Ceará. Como todo projeto do qual faço parte, a Olimpíada é um misto de sentimentos, razões e atitudes para dar prosseguimento na empreitada.

Como sou o atual presidente da Comissão Organizadora, meu papel não é meramente formal. Junto ao IFCE, sou o responsável pela parte burocrática, pelo fluxograma e pelo retorno aos demais membros. Editais, prazos, pregões, atas, enfim, toda burocracia passa pelas minhas mãos, nem que seja para dar o visto, assinar e repassar. É algo muito

longo; por ora, precisamos de muita paciência, mas necessária para a consolidação e reconhecimento da OCHE Ceará como referência dentro da instituição. Às vezes, sabemos dos limites que temos dentro das instituições públicas, pois temos que nos limitar aos papéis atribuídos pela Administração Pública. Não tem como passar por cima de algumas coisas, mesmo que porventura elas acabam atrasando muito os processos.

Eu também sou o responsável pela Comunicação. Processos, respostas, gestão compartilhada das redes sociais, imprevistos, retificações, entre outras coisas que precisam ser “filtradas” - tanto para o público externo quanto entre nós - e que passam também por minhas mãos. O Instagram, de certa forma, é uma janelinha para o “mundo exterior”. E ali encontramos de tudo. Por isso que o “estagiário” estava afiado este ano. Muitas coisas eram relevantes, mas, pela sua leveza, conseguiu-se contornar, e muita coisa irrelevante, mas que acaba pesando no processo, fez-se necessário arcar com a terapia que ele faz desde que foi “selecionado” para ser nosso Relações Públicas. E foi sua personalidade que facilitou em alguns momentos, mesmo quando sua avó apagou nosso quadro de pontuação, ou quando o gato dele comeu o papel do resultado final. São coisas que trouxeram a fina ironia e a descontração para um processo que muitas vezes é muito mais tenso que aparenta. Lidar com expectativas e emoções dos outros é de uma enorme responsabilidade.

Além do mais, temos nosso grupo. Como manter a moral do grupo em um contexto remoto? A última vez que nos reunimos presencialmente já faz mais de um ano. E, nem mesmo a distância, já que cada membro é de um campus diferente e tem rotinas variadas, conseguiu desconstruir nosso *spirit du corps*,

como se usa no linguajar militar. O grupo se vê como um coletivo bastante engajado, e nossas reuniões são conduzidas de forma muito leve. Estar em casa e trabalhando ao mesmo tempo pode ser muito desafiante, mas também temos muitas boas anedotas registradas. Quando lembro de algumas, eu começo a rir sozinho, lembrando que, como pessoas comuns, também temos nossos momentos nonsense.

Mesmo assim, tivemos problemas. Seja relacional ou seja estrutural. A pandemia foi um prato cheio para que se cortasse as minguadas verbas dos Institutos Federais. A garantia de melhoramentos ficou apenas em mantermos a Olimpíada, apesar de todos os percalços. E, além de recursos, nossa equipe como um todo foi se reduzindo. Muitas pessoas saíram por diversos motivos, mas conseguimos trazer novas caras e até dar um certo renovo em nossa condução olímpica.

O desafio logístico também foi muito dificultado. Tínhamos o projeto de peregrinação pelo Estado. Mas como realizar? Não possuíamos recursos e, pior, era perigoso demais para nossa saúde qualquer movimentação e possíveis aglomerações. Tivemos, então, que contar muito com a boa vontade de todos. Estes todos que digo não são somente os membros da Comissão e os colegas de dentro da Pró-Reitoria de Pesquisa e Inovação (PRPI), capitaneadora do projeto. É a boa vontade dos colegas professores do IFCE, mas principalmente, aos bravos guerreiros professores orientadores de todas as Equipes.

Sem a coordenação, a sensibilidade, e também a confiança nos objetivos da OCHE Ceará, provavelmente ela teria sido implodida. Não haveria o impacto que ela teve na sua primeira edição. Conseguimos manter praticamente o mesmo número

de equipes de 2019, o que, dadas as circunstâncias, é uma vitória enorme. Gargalos temos muitos, e direta ou indiretamente, sabemos de grande maioria deles. Alguns são sussurrados a nós e tentamos contorná-los de diversas formas. Por isso, sem o apoio massivo dos professores à gente, individual e institucionalmente, com certeza teríamos naufragado nos redemoinhos de vida que foi - e de certa forma está sendo - a educação em tempos de pandemia.

A OCHE Ceará já é um projeto audacioso no contexto em que vivemos, de redução da carga horária das Ciências Humanas na BNCC, da diminuição da importância das referidas disciplinas dentro dos currículos da Educação Básica, entre outros grandes equívocos que estão ocorrendo em nosso país. Nada mais inteligente que saber controlar as mentes inquietas que o saber crítico traz. Cada vez mais as CCHH são a interface de uma interpretação que as outras Ciências necessitam para não cairmos na tentação tecnocrata do controle geral da vida pela técnica. É sabido que mentes brilhantes não são apenas raciocínio lógico-matemático aguçado. É mais que isso. Pessoas com alto coeficiente de inteligência (QI) tendem a ter problemas sociais e emocionais, pois são resultado da falta de reflexão de temas que nós, das chamadas Humanidades, fazemos e desenvolvemos juntamente com todos os envolvidos no processo.

É tentar abrir a mente e os olhos das cavernas e bolhas digitalmente construídas. O principal problema hoje é possível de ser mitigado APESAR do governo e PRINCIPALMENTE pelas Ciências Humanas. O isolamento social, o extremo individualismo entre outros problemas são tratados (é um processo também terapêutico, pois não é algo instantâneo) na reflexividade trazida pelos componentes curriculares

da gente. Além do mais, um povo que não conhece a sua História não conhece a si mesmo, estando fadado a repetir os mesmos erros de seus antepassados. É aí que nós entramos, com o pé na porta por acaso, demonstrando aos leigos e para os detratores que CADA VEZ MAIS precisamos de maior Humanidade na educação.

O fio condutor disso somos nós, especialistas em Sociologia, Filosofia, História, Geografia, Artes, entre outros profissionais que se baseiam nas nossas interfaces e constructos teórico-metodológicos. Como não pensar a desinformação sem desconstruir a ideia original de um mito? Como tentar pensar a tecnologia como um artefato político de dominação e manipulação sem pensar nos usos humanos dela? Como pretender inovar sem saber como se constitui a construção de um pensamento disruptivo? A Educação por si não salvará o mundo, mas faz com que pensemos como podemos construir novos mundos possíveis.

Para finalizar, jamais esqueço que, além de ser um educador, um burocrata, um comunicador, um gestor, entre outros papéis sociais que me foi atribuído, sou um cidadão. Todas essas demais funções não podem suplantar que, para sabermos conviver em uma sociedade, não tem como alocar todos meus interesses individuais acima de tudo. O bem comum, termo esvaziado de sentido por muitas vezes, precisa ser sempre considerado. Para vivermos de forma mínima e relativamente estável, é fundamental a construção da chamada solidariedade social. E para ser solidário, mais que abrir mão de direitos individuais pretensamente absolutos - uma mera abstração moderna do jusnaturalismo para construir o conceito de contrato social -, precisamos ter sentimentos e éticas de solidariedade. Basicamente são valores de fortalecimento das relações sociais mais primárias,

como também de relações mais abrangentes. É ter uma percepção e consciência planetária que está para além de nosso círculo de vivência. É tentar imaginar a apropriação global, coisa que apenas a tecnologia pode se vangloriar, mas ainda estamos presos a tribalismos e ídolos que foram debatidos exaustivamente pela Filosofia em geral.

Sim, ser realista esperançoso é um pouco de utopia. Mas são dessas imaginações e elucubrações que obtemos fôlego - algo que ganhou outro sentido neste contexto, tendo uma semântica mais forte que poderia ter antes - para podermos pensar e construir um mundo mais justo, fraterno e mais humano possível. É dentro dessas contradições entre competir, debater e combater, mas mais que isso, cooperar, sensibilizar, comemorar, solidarizar, aprender... Sim, tudo foi-me um enorme aprendizado que neste texto tentei sintetizar. Foi difícil, não foi muito breve, mas espero que ele reflita parte do que li, me emocionou e me sensibilizou com todos os trabalhos desenvolvidos para a Fase Final da OCHE 2020, que compõem este precioso livro-memorial-documento histórico.

Março de 2021.

Robson Campanerut da Silva

Professor de Sociologia - IFCE Campus Tabuleiro do Norte
Presidente da Comissão Organizadora da OCHE Ceará

Durante muitos séculos, o desenvolvimento das civilizações do mundo antigo convivia com o risco iminente de sua própria destruição. As ameaças à existência dos povos eram, em grande parte, imprevisíveis pelo conhecimento humano. Com passar do tempo, as mudanças climáticas globais de curto período, as forças tectônicas, o vulcanismo, os tornados e até mesmo as ameaças externas ao próprio planeta, como os impactos de corpos celestes, foram cada vez mais sendo incorporadas ao campo da observação humana.

Entretanto, a raça humana nunca foi tão vitimada pelas ameaças invisíveis. Pestes, surtos, epidemias sempre sinalizaram ao mundo: cuidado, risco à vida. Paradoxalmente, o ser humano, a forma biológica mais evoluída já conhecida, padece frente à ofensiva dos organismos unicelulares mais simplórios (bactérias, protozoários e algumas espécies de fungos).

O ano de 2020 nos fez lembrar do poder de dizimação de outra ameaça invisível. Desta vez, uma estrutura proteica acelular, portanto abiótica. O vírus dessa vez atende pelo nome de SARS-CoV-2, uma nova variação do Coronavírus que entrou para nosso dicionário como COVID-19.

A COVID-19 ganhou proporções globais de transmissão e adquiriu status de pandemia. Evidente!

Num mundo com espaços cada vez mais interconectados e fluxos populacionais jamais vistos, é notório que este cenário do século XXI torna-se preponderante para uma transmissão viral em larga escala.

Bem, dito isto, tentarei nas linhas a seguir compartilhar um pouco do que representou para mim a organização da OCHE 2020, num contexto de isolamento rígido e perdas afetivas.

Sou Mailton Nogueira, professor de Geografia, casado, amante das artes e da natureza. Descubro-me todos os dias, entre a leitura de um bom livro, no meu trabalho, numa conversa com os amigos... sou o que a vida me faz.

Apesar da pandemia surgir no fim de 2019, foram nos anos seguintes que senti seus efeitos na minha saúde física e mental. A primeira mudança cotidiana que me trouxe forte impacto foi o isolamento social/familiar. Foram 135 dias sem poder encontrar, pais, irmãos e amigos. 135 dias de combate emocional. Foram dias de luta e luto.

O afastamento no trabalho também me trouxe dissabores. Assim como todos os professores, tive que readequar minhas práticas pedagógicas, minhas habilidades no tratar com a técnica e, principalmente, readequar minha carga horária (ou melhor, não readequar). Percebi que minha mesa de estudo se tornou o local mais frequentado da casa e, por dias, não sabia quantos dias havia em um dia.

Pouco a pouco fui me adaptando à nova rotina docente (ou fingindo me adaptar). Neste ínterim, fui agraciado mais uma vez com a organização da OCHE 2020. Os alunos e colegas mais próximos sabem como é

prazeroso para mim estar junto com a equipe de organização da Olimpíada Cearense de Ciências Humanas. Nesta pandemia foi mais do que isto, foi uma válvula de escape para os problemas cotidianos impostos pela pandemia.

Cada questão e cada fase da prova, foram muito bem planejadas por todos nós. Mas algumas dúvidas ainda persistiam: como será a participação das equipes? Teremos inscritos suficientes? Estas perguntas caíram por terra à medida que as etapas prosseguiam. A surpresa maior foi na avaliação qualitativa dos artigos de opinião intitulados “Nós e a Pandemia”. Foram trabalhos sólidos e ao mesmo tempo sensíveis que retrataram um pouco do cotidiano dos estudantes e professores. Me senti em cada um daqueles relatos.

Portanto, a COVID-19 nos mostrou que, apesar de tudo, somos resistentes. E quando resistimos, nos reinventamos e a cada nova recriação nos construímos. E assim caminha a humanidade.

Mailton Nogueira da Rocha
Professor de Geografia - IFCE/Campus Quixadá

Em 2020 tivemos uma mudança total de cenário, em todos os aspectos, e não foi diferente para a equipe responsável pelo Sistema da Olimpíada de Ciências Humanas do Estado do Ceará, ou como ficou regionalmente conhecida, OCHE.

Perdemos amigos, tivemos colegas e membros de nossa equipe afetados diretamente pela doença, dentre vários outros casos que seria complicado descrever em poucas linhas. Porém, fomos notificados com a continuidade da OCHE, uma 2ª edição, e aceitamos tal proposta com muita alegria. Vimos a oportunidade de dar continuidade num projeto no qual nos dedicamos de corpo e alma, no qual em sua primeira edição e agora segunda também, tivemos noites e mais noites em claro para entregar o melhor possível para todos dentro de nossas limitações físicas e estruturais. Sabemos que apesar de estamos conectados por meio deste projeto, nunca tivemos uma ligação direta, mas no fim, somos estudantes como vocês, somos professores, somos filhos, somos profissionais que possuem outras ocupações além da OCHE no seu dia a dia.

Já finalizamos essa 2ª edição, e nós como a equipe desenvolvedora, podemos olhar para trás e ver o quanto foi difícil, principalmente os dias em que trabalhávamos, tínhamos aula e reuniões e pendências da OCHE, porém vencemos o sono, vencemos o cansaço e acreditamos que entregamos o melhor

possível para todos dentro de um cenário diferente em que estávamos.

Gostaríamos que quando falassem da OCHE, seja em alguma rede social, para amigos, família, ou outras pessoas, digam com bastante orgulho que se trata de um Projeto cearense, desde o seu planejamento inicial, escopo de projeto, desenvolvimento do sistema, elaboração das questões e provas, e principalmente no Gerenciamento e Execução da Olimpíada. Trata-se de algo 100% cearense.

Equipe GDESTE, responsável pelo desenvolvimento do Sistema da OCHE Ceará.

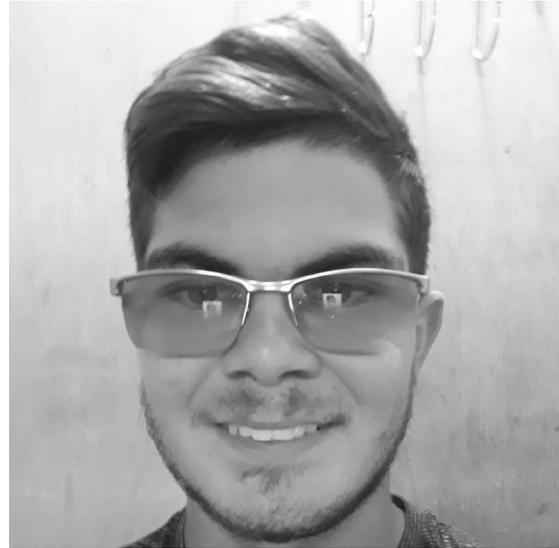
Jorge Fredericson
Gerente do Projeto)

Juan Igor
Desenvolvedor

Matheus Portugal
Desenvolvedor

Rômulo Alberto
Suporte

Victor Nunes
Desenvolvedor



Onça preta

EEM Manuel Sátiro (Jaguaruana/CE)
Orientação: Francisco das Chagas de Oliveira
Francisco Antoniel Alves Farias
Maria Alice Gonçalves da Fonseca
Fernanda Kelly Damasceno dos Santos

A pandemia ocasionada pela Covid-19 apresentou muitos desafios para a sociedade em geral, inclusive nós jovens em idade escolar. Sabemos, sem dúvida, que as medidas estabelecidas pela Vigilância Sanitária e outros órgãos do governo visam nossa proteção e preservação de vidas. Mesmo assim, o Isolamento Social afetou muito o modo de nos relacionarmos e convivermos com outros, especialmente com os membros de nossa família e em nossa dinâmica escolar.

Figura 1 - Isolamento Social e o impacto no modo de conviver e relacionar-se com outros



<https://porvir.org/diretor-usa-ferramentas-gratuitas-para-envolver-professores-e-alunos-durante-quarentena/>

Como o distanciamento tem afetado a família pode ser exemplificado pelo que a jovem Fernanda, aluna da 2ª série do Ensino Médio, expressa: “A pandemia me marcou muito. Ver minha família se distanciar uns dos outros não foi fácil. As pessoas que amamos tiveram que se encontrar apenas por meios virtuais”. Alice, aluna da 3ª Série do Ensino Médio, disse: “Vi a necessidade de me distanciar de muitas pessoas que amo, para o bem da minha saúde e a delas também.”

Que todos nós possamos aprender a dar ainda mais valor a presença de quem amamos e percebamos o quão importante é o toque, o beijo, o abraço.

No campo educacional o desafio tem sido a dificuldade para acompanhar as aulas por meios virtuais. “Tive que passar a assistir às aulas online, nas quais houve muita dificuldade para minha adaptação,” disse Alice. O estudante Antoniel, que também está na 3ª Série, mencionou que “o isolamento social foi uma experiência difícil”, e destaca principalmente o desafio do ensino remoto, pois a “maioria dos alunos e dos professores não sabiam como funcionava” essa modalidade de ensino.

Por outro lado, o que a pandemia trouxe de lições para todos nós? “Às vezes, me pego pensando que foi preciso surgir uma pandemia para obrigar-nos a manter um distanciamento físico para, depois, haver uma ‘aproximação’ entre outros membros da família tais como tios, primos, avós e netos”, confessa Fernanda. Quanto aos estudos, muitos estão vivenciando a aprendizagem com as aulas virtuais que, acreditamos, ser um instrumento de apoio aos professores e alunos no período pós-pandemia.

Sem dúvida, nossa forma de se relacionar mudou grandemente com a pandemia. Podemos dizer que muito aprendemos com ela. Assim, que todos nós possamos aprender a dar ainda mais valor a presença de quem amamos e percebamos o quão importante é o toque, o beijo, o abraço e todos os gestos de carinho que estão sendo privados neste tempo tão difícil que estamos vivenciando.



Only human

Colégio da PM do Ceará General Edgard Facó (Fortaleza/CE)

Orientação: Ana Suelena Cardoso Bezerra

Isabelle da Costa Lira Rebouças

Ellen Lima de Sá

Suyane da Silva Mendes

Em 15 de março de 2020, quando houve a confirmação dos primeiros casos de Covid-19 no Ceará, a população passou a viver seus primeiros momentos de temor diante da pandemia, que chegou mostrando suas facetas permeadas pela incerteza. Além do fato de ser inquestionável o quanto esse cenário é lamentável, a humanidade ainda está vivenciando uma dupla realidade: por um lado, a insipiência da seriedade do problema por pessoas que não possuem acesso viável às informações precisas referentes à doença e, por outro lado, o surgimento do negacionismo por parte daqueles que, mesmo com esclarecimentos, negam-se a aceitar e a cumprir as determinações das novas práticas que objetivam assegurar a sobrevivência da população.



Apesar dos casos confirmados de coronavírus no Ceará seguirem aumentando, a população continua desrespeitando os protocolos estabelecidos. (Foto: Mateus Dantas/2020). Disponível em: <https://www.brasildefatoce.com.br/2020/05/11/no-nordeste-ceara-segue-concentrando-o-maior-numero-de-casos-confirmados-de-covid-19>

Se no início o choque da notícia da chegada de um vírus desconhecido fez uma parte considerável dos cearenses repensar seus hábitos, com o tempo, mesmo com todos os novos conhecimentos sobre os cuidados

para a prevenção, há quem tenha regredido aos velhos costumes do mundo pré-pandêmico. À medida que os dias passam, o uso de máscaras, a higienização das mãos com sabão ou álcool em gel, o isolamento social, dentre outras medidas preventivas, parecem ser cada vez mais deixadas de lado. Como diz Euclides da Cunha, em seu livro “Os Sertões”, “Toda a gente se adaptara à situação. O espetáculo diário da morte dera-lhe a despreocupação da vida”. Nos adaptamos à anormalidade? Em um estado que, segundo dados disponibilizados pelo Ministério da Saúde, chegou a ocupar a segunda posição em número de casos de Covid-19 no País, bem como a terceira posição em número de óbitos provocados pela doença, notar que uma quantidade expressiva dos cidadãos sequer adota medidas sanitárias básicas para evitar a transmissão da doença nos faz perceber o quão apáticos nos tornamos.

Entretanto, não se pode confundir apatia com desinformação. Embora pareça indiscutível que uma noção clara do vírus esteja percorrendo pelo estado e que, dessa forma, agir, ou não, com cautela seja uma escolha, há quem não tenha sido advertido corretamente quanto ao problema. A dificuldade da difusão de informações precisas, encontrada principalmente em áreas com poucos veículos de comunicação, é um fator crucial para a permanência de comportamentos que, no contexto atual, não são prejudiciais apenas para o indivíduo que os tem, mas também para as pessoas ao seu redor. Além disso, a circulação das tão conhecidas “fake news” – informações falsas geralmente baseadas no senso comum – intensificou o descumprimento dos protocolos de segurança, visto que a alienação de parte da população é agravada pela influência de notícias deturpadas.

“Se aqueles que possuem ciência da problemática vigente não agem da maneira correta, quem dirá os que não a possuem.”

É necessário repassar os fatos acerca da pandemia conforme eles realmente são, como também não negá-los. Embora simular que tudo está como outrora nos traga uma sensação de segurança – diga-se de passagem, ilusória –, ignorar o problema não o fará sumir.



Os arretados do Cariri

Colégio Objetivo (Juazeiro do Norte/CE)

Orientação: Débora Esmeraldo

João Felipe Lima Muniz

Mirelly Oliveira Freitas

Isaac Felix Victor

Uma cena não vista desde 1939, na Segunda Guerra Mundial. Alunos distantes da sala de aula e escolas fechadas no mundo inteiro. A pandemia do novo coronavírus, SARS-CoV 2, trouxe uma série de mudanças para as crianças e adolescentes em todo o planeta. Em março, com o início do lockdown, os impactos do Coronavírus na educação surgiram e mais de 137 milhões de crianças e de adolescentes, na América Latina, viram seus processos educacionais serem pausados. Sem poder ir à escola e sem horários fixos, os estudantes estão sendo privados dos seus meios de aprendizado. Há, também, aqueles que dependiam da merenda escolar como única refeição nutritiva do dia. Em meio a esse panorama assustador e conturbado, não apenas na questão da saúde, mas também no meio escolar, sofrem alunos e professores desamparados, sem saber lidar com as consequências do isolamento social. A realidade vivenciada por todos os sujeitos ligados ao processo de ensino aprendizagem foi cruel, as escolas não tinham suporte necessário para oferecer o ensino a distância; professores sem formação adequada para ministrar aulas remotas e os próprios alunos sem maturidade e sem rotinas sistemática de estudo em casa.



https://oab.estuda.com/blog/id-6071/quais_os_impactos_do_coronavirus_na_educacao

Outro desdobramento é a desigualdade social, uma mazela que sempre causou muitos impactos na sociedade brasileira e que, durante a pandemia, ficou mais evidente. Nesse sentido, a tecnologia foi a principal solução e inovação para tal realidade, a partir do uso de dispositivos tecnológicos e da internet. Acerca do assunto, fica clara a desigualdade ao analisar que 46 milhões de brasileiros não têm acesso à internet. Desse modo, evidencia-se que a falta de acesso acontece devido o serviço ter alto custo e, também, a falta do aparelho celular, do computador ou do tablet, causando uma desesperança para aqueles que querem continuar o seu processo de aprendizagem e não tem condições. Pensando em amenizar essa contraposição, desde o início da quarentena, muitas plataformas de estudos disponibilizaram, gratuitamente, videoaulas, para que professores e estudantes possam se beneficiar durante esse período. Sendo assim, faz-se possível entender as palavras de Paulo Freire:

“Se a educação sozinha, não transforma as pessoas, sem ela tampouco a sociedade muda”.

Em meio a todos os impactos negativos, a pandemia foi um momento de reflexão e de ressignificação para a educação. O meio escolar, como um todo, desenvolveu novas habilidades e capacidades. O isolamento acelerou a ampliação da tecnologia, fazendo um novo processo de aprendizado. Alguns dos seus benefícios foram a adoção de conteúdos mais interativos, como videoaulas e infográficos, e a construção de uma responsabilidade ao utilizar os recursos digitais. O momento de isolamento social é difícil, mas é possível superá-lo. Não se pode vê-lo como um período desperdiçado e, sim, como uma oportunidade de criar uma postura empática aos marginalizados e usá-la como propulsora

da mudança social, tal como fez o governador do Ceará, Camilo Santana, ao sancionar um projeto de lei para aquisição de tablets e de chips com internet móvel, objetivando oferecer melhores condições de internet aos estudantes.



Os calangos da Telecom

IFCE (Fortaleza/CE)

Orientação: Odilon Monteiro da Silva Neto

Raissa Moreira Martins

Lara Marcela Carneiro Abbas

Lucas Emanuel Coêlho de Oliveira

O ano de 2020 foi marcado por um mal invisível que paralisou o mundo inteiro, o Coronavírus. Este foi um ano bem atípico para todos nós: a população em quarentena, a máscara como uma nova peça no vestuário, os desafios diários no home Office e no ensino remoto, vidas de pessoas que foram interrompidas, o descaso mostrado pelo governo e entre outras situações que se destacaram durante o período que estamos vivendo atualmente.

Figura 1 - Pessoas em uma rua usando máscaras para evitar o contágio da covid-19



Fonte: <https://bit.ly/3v6ffuU>

A pandemia trouxe uma experiência para cada um, lições de vida, novos aprendizados, algumas coisas boas e em meio a esse caos que está pairando no mundo, e nesse caos enfrentamos situações muito tristes desde o sentimento de solidão ocasionado pelo isolamento social até ver no jornal o número de vidas ceifadas aumentando cada vez mais. Como isso foi uma surpresa, diversos governantes não conseguiram administrar a situação, causando uma negligência no combate a essa doença, ocasionando até uma população dividida entre pessoas que acreditam que nada disso é real, criando até conspirações e fake news e as pessoas que sabem o perigo que está acontecendo mundo a fora, que entendem que não é apenas uma gripe qualquer, e sim algo que pode trazer inúmeras sequelas ou até mesmo um ponto final onde queríamos

que fosse apenas uma vírgula na história.

***“A maior de todas as doenças é a ignorância,
a falta de empatia e a idiotice crônica” –
Edna Frigato***

A nossa rotina foi mudada drasticamente, a saudade de sentar nas carteiras escolares e ter aquela dinâmica entre os colegas de turma, esse é o sentimento que predomina entre os alunos, alunos esses que encaram diversos desafios, desde a procrastinação e desânimo até aos problemas para poder ter acesso ao ensino. Os médicos virando noites trabalhando, pessoas da classe menos favorecida tendo que usufruir de um transporte público lotado, famílias que estão tendo como renda única o auxílio emergencial, indivíduos que lamentam a morte de alguém, as festas entre amigos sendo por via internet, o desespero para saber se será mais um nas estatísticas, esse é o nosso novo normal que estamos tendo que nos adaptar.



Os cariris

Colégio Paraíso da Cultura (Juazeiro do Norte/CE)

Orientação: Débora Esmeraldo

Marcílio Gustavo

Isabela Pinheiro

Eduarda Braga

A pandemia do novo corona-vírus mudou completamente a nossa rotina como alunos. Sem aulas presenciais desde a segunda metade de março, passamos a vivenciar os desafios das inúmeras dificuldades de aprendizagem apresentadas durante as aulas remotas.

O nosso colégio Paraíso da Cultura paralisou as aulas presenciais no dia 21 de março de 2020. Estávamos em semana de prova quando surgiu a intenção de suspender as aulas pela pandemia. Então suspenderam as avaliações e decidiram fazer as aulas online, para que nós alunos se familiarizássemos e, depois, para começarmos com as atividades obrigatórias, e essas mudanças foram vivenciadas por muitos alunos do mundo todo. A partir daí foram evidentes as dificuldades que muitos jovens passaram a vivenciar. Alguns exemplos bem visíveis desses problemas, foram: a dificuldade dos mesmos para terem acesso ao EAD (Ensino a distância), a dificuldade de aprender online, do acesso limitado à internet, falta de computadores e de espaço em casa.

A estratégia adotada para que pudéssemos nos adaptar de forma mais rápida a nova forma de ensino, acabou gerando uma série de problemas como já mencionados anteriormente, o que gerou um enorme agravante: a saúde cada vez mais debilitada de nós jovens estudantes.

“Saúde é o estado de complemento bem-estar físico, mental e social e não somente a ausência de doença” - OMS

Como fica a saúde dos alunos em tempos de pandemia? Foram inúmeras às vezes que nos deparamos com essa pergunta feita por tantos sujeitos participantes

do processo de ensino aprendizagem quanto pela sociedade em geral.

Segundo o urologista Daniel Suslik Zylbersztejn os jovens durante a pandemia estão passando mais tempo nas telas, se exercitam menos, comem mais junk food e sofrem com ansiedade provocando uma piora significativa na qualidade de vida dos mais jovens.

Para 68% dos participantes da pesquisa realizada pela Sociedade Brasileira de Urologia, houve aumento de ansiedade, irritabilidade e outras mudanças de humor.



Disponível em: https://www.ovale.com.br/_conteudo/viver/2020/06/107741-tempo-de-incerteza--pandemia-aumenta-niveis-de-ansiedade--especialista-ajuda-a-minimizar.html

Para a maioria dos alunos, o ano letivo já chegara ao seu fim, e muitos ainda procuram por ajuda, apoio, olhares atenciosos, ainda se encontram afetados com uma realidade nada esperada ou planejada imposta pela pandemia. Esperamos que esses achados façam a sociedade pensar que é cada vez mais necessário direcionar os olhares e cuidados para com a saúde mental dos adolescentes.



Os cornos

EEM Campos Sales (Campos Sales/CE)

Orientação: Iêda Mayara Santana

Caio Jacobina

Virna Brito

Matheus Moura

Hoje é estranho olhar para os meses atrás e pensar que vivíamos normalmente nossas rotinas, acordávamos cedo para trabalhar/estudar, e nos parece que logo pela manhã já estávamos cansados, atarefados, atolados pelos afazeres. Muitos de nós mal conhecia suas casas, pois os estudos, trabalhos e obrigações tomavam-nos o dia inteiro, a casa era lugar de repouso, de descanso.

Eis que como em um passe de mágica tudo isso mudou, a humanidade se viu mais uma vez em guerra contra um inimigo desconhecido, bem mais forte do que poderíamos imaginar. Clama! Vamos explicar o “mais uma vez...” É que nossa História é cercada por lutas, o tempo sempre nos reservou batalhas a vencer, desde a pré-história à Idade Média com a peste negra, que matou milhões através de um inimigo perigoso, desconhecido, temido, inevitável, um vírus! Em 1918, após a Primeira Guerra Mundial, mais uma vez o desconhecido abalou o mundo, a “Gripe Espanhola” mostrou que um inimigo microscópico poderia dizimar milhões. Em todos os momentos que a humanidade se viu diante desse inimigo, sempre novo, sempre desconhecido, a luta travada foi desleal.

Em 2020 um novo vírus, corona vírus, provocou a Pandemia da SARS-Covid 19, e vimos nossa rotina mudar, nossas casas viraram escola/trabalho/academia e tudo o mais que se possa imaginar, o espaço privado e o público agora se confundem. Em meio a perdas e aprendizados, estamos mais uma vez reféns de um inimigo invisível, que veio para mudar não apenas nossos dias, mas as nossas mentes e, sobretudo, a forma como olhamos a vida. Talvez hoje nosso olhar para o mundo e para a vida seja mais sensível, depois de tantas perdas, em vidas, em trabalhos, em detalhes que antes nos eram preciosos. Entendemos finalmente que acima de qualquer tecnologia, a arma mais poderosa contra

os inimigos invisíveis e temíveis que a humanidade possui, se chama resiliência.



Fonte: Arquivo pessoal.

Fomos resilientes ao encarar a vida sem aqueles a quem amávamos e perdemos para o vírus, fomos resilientes ao ligar nossos computadores e encararmos horas de aulas online, um sistema completamente novo, até para quem já nasceu em meio as tecnologias, fomos resilientes ao fazer dos nossos lares todo espaço que precisamos para sobreviver, ao encarar os encontros sem abraços, sem presença, ao fazermos festas virtuais, ao chorarmos de saudade da presença, mas encararmos que, nesse cenário, a distância é a lei.

Enquanto a ciência não produz a vacina, aprendemos a dançar na chuva, reinventamos nosso trabalho, nossas aulas, nossos encontros de amigos, e, incrivelmente, nós redescobrimos o nosso lar. Muita gente não conhecia sua casa, não entendia suas necessidades, para eles a casa não era lar.

De outro lado, a Pandemia também nos escancarou as desigualdades sociais gritantes que ainda existem no nosso país, pois enquanto uns conheciam seus lares, outros morriam desamparados, em situação de rua, de abandono. A necessidade de “lavar as mãos” e usar álcool, para quem vive na rua, tornou-se um desafio.

O desemprego levou milhares a situação de miséria, pessoas que se viam divididas entre dois medos: de um lado a fome, a impossibilidade de sair para trabalhar, de outro o vírus que poderia significar a morte. Para essas pessoas, ser resiliente era sobreviver. O colapso no sistema de saúde e mesmo nos cemitérios, que se tornaram pequenos diante das mortes em algumas cidades, nos fez olhar para o outro de forma mais humana, sensível.

Quantas realidades vivenciamos diante da Pandemia! O quanto fomos fortes e capazes, mesmo com todas as percas, seguimos tentando. Afinal de contas, depois que tudo isso passar, seremos novas pessoas, diante de novos tempos, experientes e capazes. Nada será o mesmo, pois não somos mais os mesmos!



Os monarcas

2º CPM Cel Hervano Macêdo Júnior (Juazeiro do Norte/CE)

Orientação: Monique Bezerra Cornélio de Lira

Marina Cristina de Sousa

Ryan Maycon Ferreira Fonsêca

Sávio Alves de Alencar

Acessibilidade em xeque

Dados do Governo Estadual de 2018 apontam que um a cada quatro estudantes não dispõem de acesso à internet em casa



Fonte: Spaece 2018

Diário do Nordeste

A pandemia do covid-19 trouxe consigo diversos problemas sociais e econômicos dentro da sociedade brasileira, isso confirmou o quanto nosso sistema está despreparado para combater e atender as necessidades da população. Isso é evidente em diversos setores, em resalta no educacional, uma vez que falhas causadas pela desigualdade social foram agravadas, e a fragilidade desse sistema exposta. Um exemplo disso é o fato de que o Brasil possui uma taxa de aproximadamente 26% da população sem acesso a internet segundo amostras divulgadas

pelos comitê gestor da internet.

Outro aspecto que comprova a ineficácia desse sistema é o fato de que uma grande parte das instituições de ensino se considera despreparada. Os baixos níveis de investimento por parte do governo na educação ocasionou na falta de estrutura técnica para o ensino remoto. Os professores foram pegos de surpresa e sem uma especialização básica para o uso dessas novas ferramentas, o que tornou-se um agravante para

inclusão de estratégias nesse novo formato de ensino.

“A injustiça secular dilacera o Brasil em dois países distintos: o país dos privilegiados e o país dos despossuídos.”¹

Ademais, é importante ressaltar que além dos problemas causados pela condição social do estudante de acordo com os dados supracitados, há também uma outra vertente que torna o ensino a distância menos efetivo, esse novo formato de ensino é um desafio para todos os envolvidos, principalmente os professores e estudantes. O dia a dia estressante e nem um pouco aproveitador para os professores e alunos vem lhes causando problemas como o agravamento da ansiedade, exaustão mental e outros sintomas relacionados com a saúde psicológica.

Dessarte, é possível concluir que todos esses fatores mostram como a pandemia foi a circunstância que desvendou as prioridades governamentais, uma vez que infelizmente, a educação não é valorizada. Embora a ciência já aponte para uma vacina de imunização do Covid19, o atual cenário brasileiro encontra-se distante de apontar para a resolução do descaso do governo para com a educação. Nesse ano e muitos outros que ainda virão, a educação será a ferramenta crucial para solucionar os problemas científicos e sociais, valorizar esse setor é garantir a sobrevivência humana e a construção de uma sociedade mais justa e fiel aos princípios éticos e morais.

¹ (SUASSUNA, Ariano, Entrevista com Ariano Suassuna, g1, 2007. Acesso em: < <http://g1.globo.com/jornaldaglobo/0,,MUL879161-16021,00-ENTREVISTA+COM+ARIANO+SUASSUNA.html> >. Data de acesso: 7 de mar. de 2020)

Referências

Matéria sobre obstáculos enfrentados pelos alunos de escolas públicas no ensino remoto, Diário do Nordeste, 2020. Acesso em: < <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/metro/alunos-de-escolas-publicas-enfrentam-obstaculos-no-acesso-remoto-1.2228974>>. Data de acesso: 16 de outubro de 2020



Os padawans

EEEP Maria M^osa da Silva (Ocara/CE)

Orienta^ço: Valdik Pimentel

Jos^e Lucas Inacio de Sousa

B^árbara Juca da Costa

Guilherme dos Santos Souza

Em dezembro de 2019, o mundo começou a mudar. Pouco a pouco, começava a se instaurar um caos inesperado e assustador, que foi se espalhando pelos quatro cantos do mundo. Mas foi no início do ano seguinte que a rotina na vida de milhares de pessoas mudou drasticamente, logo após a Organização Mundial da Saúde (OMS) decretar emergência de saúde pública internacional devido ao Coronavírus, um novo vírus epidêmico, denominado como Sars-Covid-19. Assim, a pandemia atingiu a todos, sem distinção de classe social, crença ou ideologia política, interrompendo milhões de vidas e deixando milhares de pessoas com sequelas. Na tentativa de frear a disseminação do vírus, muitos governos apostaram em medidas como o distanciamento social e, com isso, muitas escolas e faculdades foram fechadas.



Imagem ilustrativa de uma escola estadual vazia devido a pandemia. Fonte: Arquivo Pessoal.

Com o fechamento das escolas, como consequência das medidas de prevenção à Covid-19, muitos alunos tiveram que se adaptar ao novo modelo de aulas online. Contudo, não foi fácil para nós, estudantes, essa adaptação, inédita e desafiadora, uma vez que, não só no Brasil, mas no mundo inteiro, muitos alunos enfrentaram dificuldades como a falta de acessibilidade à internet, para lidar com o quadro atual de aulas online. Nesse sentido, a pandemia trouxe consigo a necessidade do ser humano se adaptar aos novos contextos de estudo e trabalho, o que não foi simples para nenhum de nós.

Pandemia: obstáculos, crises e inovações.

Em meio às dificuldades relacionadas à pandemia e ao necessário distanciamento social, muitos tentaram encontrar formas de reinventar-se e seguir em frente, principalmente, os estudantes, os professores e todos os que foram afetados direta e indiretamente pelas consequências do contágio de um vírus invisível aos olhos e que mata centenas de pessoas por dia. Assim como a vida de inúmeras pessoas, nós estudantes também tivemos que nos adaptar a uma nova rotina, a um novo modo de interagir com as pessoas, a lidarmos com a solidão, com o medo e com a saudade.

Diante de tantas dificuldades, tivemos – e ainda temos – que encontrar maneiras eficazes de continuar aprendendo, para dar o máximo de nós e nos formar como cidadãos. Foi nesse ano que vimos a importância de exercer de forma responsável o nosso papel na sociedade, a nossa cidadania, a nossa responsabilidade e a nossa empatia com o próximo.

O distanciamento social foi e está sendo um dos maiores obstáculos a ser vencido por todos os cidadãos, pois ficar longe da escola, dos amigos e da família não é fácil e exige muito apoio daqueles que estão a nossa volta, como também os cuidados com nossa saúde mental. Dessa forma, foi preciso aprender a lidar com os sentimentos e, principalmente, cuidar do nosso bem-estar psíquico. Logo, no ano do “novo normal”, mais do que nunca, o ser humano precisou se adaptar drasticamente e isso mostrou que a resiliência é muito importante para lidar com as crises, sejam elas individuais ou coletivas.

Além disso, todos nós, estudantes, cidadãos em formação, estamos tentando dar o melhor de nós

mesmos, e não é diferente dos nossos educadores. Em um relato, um professor de uma escola pública afirmou que “Fomos jogados em um mundo desconhecido: o mundo virtual. Tivemos que aprender a viver e a conviver, fisicamente distantes e muitas vezes virtualmente distantes também”.



Os tamborinos

EEMTI Prudêncio de Pinho (Poranga/CE)
Orientação: Maria José Gomes Bezerra Oliveira
Maria Nicolly Matos do Nascimento
Felipe Luciano Bonfim Marinho
Luiz Gustavo Chaves de Pinho

Como foi o seu 2020? Confuso? Triste? Revoltante? O que não nos falta são adjetivos para tentar explicar esse momento tão turbulento na história da humanidade, que foge à nossa capacidade de compreensão, afinal, como poderíamos nos conformar diante de uma doença que já ceifou tantas vidas?

As interrogações que tiram a nossa paz de espírito são muitas, porém, as respostas ainda são escassas. De concreto, o Estado do Ceará já registrou 313.761 casos confirmados de Covid-19 e 9.772 mortes causadas pelo novo coronavírus, segundo o último boletim da SESA (Secretaria da Saúde do Ceará), divulgado no dia 10/12.

Impossível não pensar sobre essas tristes estatísticas. Cada dia mais pessoas se tornam vítimas dessa doença, muitas delas sem ter a oportunidade de dizer um último adeus. Eram avós, pais, filhos, irmãos de alguém, e não podem ser resumidos a simples números. 2020 foi um ano de luto e de luta.

Na linha de frente dessa batalha, não podemos nos esquecer de homenagear e aprender com a força, a garra e o trabalho dos profissionais da saúde, que estão arriscando suas próprias vidas. Tivemos a oportunidade de ouvir o relato de Alan Oliveira, técnico de enfermagem do hospital São Camilo, da cidade de Crateús, e suas palavras, no mínimo, servem de alerta para o respeito às recomendações sanitárias. “O que mais me comoveu foi o alto índice de mortalidade e a quantidade de pessoas entubadas na UTI”, contou o técnico de enfermagem.



Ilustração que retrata a luta de uma profissional de saúde no sertão cearense, onde a escassez de recursos dificulta ainda mais o trabalho de combate. Fonte: Rosângela Oliveira.

Como não levarmos isso em consideração, quando um deslize pode nos deixar em uma situação entre a vida e a morte? Na falta de vacinas que, pelo menos no Brasil, ainda estão em fase de testes, o que temos é o cuidado com nós mesmos e com quem amamos. É a melhor forma de nos proteger e apoiar quem está lutando para salvar vidas.

Como jovens, nunca pensamos que as páginas dos livros de História serão escritas, um dia, com o que estamos vivendo hoje. Em um mundo tão tecnológico, nunca pensamos que a máscara de proteção seria um item obrigatório no dia a dia. Nós tivemos a nossa realidade e futuro profundamente impactados. Ficamos afastados de pessoas queridas e aprendemos a valorizar a companhia, o abraço e o aperto de mão.

Vale ressaltar ainda que, do nosso ponto de vista, os profissionais da educação também foram salvadores. Sem o esforço da nossa escola, esse momento seria ainda mais difícil. Pudemos continuar a convivência de forma remota, e isso é o que nos permite viver em comunidade e zelar pelo nosso futuro, fazendo a nossa

parte para que isso passe.

Em nosso íntimo, havia um sentimento de orgulho no início, pois acreditávamos que tudo estava sob controle, afinal, temos remédios e tratamentos para todas as doenças. No entanto, a vida nos ensinou que não somos imbatíveis e que ninguém pode se eximir da responsabilidade, pois a luta contra a Covid-19 é de todos nós. Esse aprendizado, sem dúvidas, marcará a nossa geração. A nossa esperança é construir um mundo no futuro em que estejamos muito mais preparados para as adversidades.



Os três do Nordeste

Farias Brito Pré-Vestibular Central (Fortaleza/CE)

Orientação: Isaac Santos

Jonas Nogueira

Valentine Nobre

Luiza Magalhães

Ao estudar história e adquirir conhecimento sobre guerras, pragas e desastres, por exemplo, nós utilizamos a imaginação para construir o cenário mais fiel possível do acontecimento em nossas mentes, porém, vivê-lo, de fato, é completamente diferente em todos os sentidos. 2020 certamente é um desses momentos históricos, que por mais que tentemos descrever para as gerações futuras, ainda assim será impossível compreender e explicar 100% desse turbulento ano para quem não passou por ele. Não está sendo fácil nem para nós, que estamos aqui, agora, acompanhando todos esses eventos de perto, então tampouco será para os que apenas poderão estudá-los. Mas esse trabalho é imprescindível, pois trata de relatar episódios que abalaram todas as esferas da sociedade, entender, denunciar e homenagear, não permitindo cair no esquecimento as dificuldades às quais o mundo foi submetido.

A notícia de que um vírus havia se alastrado globalmente foi o primeiro dos diversos impactos que se sucederam ao longo desse tempo. Vale ressaltar também o contexto político e sua influência quando o coronavírus (COVID-19) chegou ao Brasil: desde a eleição para presidência em 2018, a disseminação de “fake news” (notícias falsas) se tornou um grave problema, radicalizando ainda mais a divisão das pessoas entre lados políticos divergentes. Assim, a COVID-19, que precisava ser combatida com a colaboração e união de todos, acabou virando um dos alvos da politicagem egoísta e, ao invés de ser tratada como uma questão de saúde pública, foi transformada em questão ideológica. Esse fato gerou pânico, insegurança e negacionismo pois muitas mentiras sobre a doença foram espalhadas nas redes sociais - inclusive pelo próprio presidente Jair Bolsonaro -, aumentando os riscos para a população. Afinal, como agir quando

até mesmo as lideranças políticas não levam a pandemia à sério e não fazem seu papel? A sensação é de estar no escuro sendo guiado por um farol que se apagou propositalmente.

Além do medo de se infectar, as pessoas ainda precisam se preocupar com os efeitos da quarentena: cansativo “homeoffice”, EAD (ensino à distância) falho, isolamento social, saúde mental desgastada, desemprego, contas acumuladas a pagar, entre muitas outras dores de cabeça. Isso, aliado às cobranças pessoais e de terceiros, mexe intensamente com o psicológico dos indivíduos a ponto de deixá-los mais improdutivos. E, paralelamente, ver no noticiário o número de vítimas do coronavírus aumentando e acontecimentos como o movimento Vidas Negras Importam (protestos contra a violência policial), as queimadas no Pantanal e os casos de corrupção, por exemplo, e não poder fazer nada sobre - por ter de ficar em casa - faz crescer o sentimento de impotência.

“Afiml, como agir quando até mesmo as lideranças políticas não levam a pandemia à sério e não fazem seu papel? A sensação é de estar no escuro sendo guiado por um farol que se apagou propositalmente.”

Apesar do sofrimento diário, muitas histórias vieram para dar esperança. Por se tratar de um período muito complicado, várias “correntes do bem” se estabeleceram: as pessoas começaram a promover mais o comércio local, fizeram mais “vaquinhas” e doações ou descobriram novas formas de empreender, o que mostrou a grande influencia da tecnologia e da criatividade. É lindo e inspirador, mas também mostra

a crueldade do sistema vigente, então não se pode romantizar esses relatos, afinal, como diria o pensador Maxwell Vitor, se o capitalismo fosse bom, ele não estaria destruindo o nosso planeta. No lugar de apenas se orgulhar da resiliência das pessoas que saem do fundo do poço, é preciso se perguntar o que as levou até lá. O coronavírus, de fato, “ajudou” muito a expor essas injustiças, fazendo os indivíduos enxergarem essas desigualdades ou até mesmo sentirem na pele, portanto, espera-se que, a partir disso, a sociedade reflita e lute por um mundo mais igualitário



Charge crítica ao negacionismo. “Questão de Opinião”. Fonte: Instagram(@laertegenial), 2020

pandemia não acabou. Ainda há batalhas para evitar mais desgraças, como a cogitação do desmonte do SUS (Sistema Único de Saúde), o número crescente de pessoas antivacina, as desigualdades sociais, as fake news e os outros diversos absurdos que o governo atual nos proporciona. É difícil, mas ser brasileiro é isto: ter que estar sempre atento e forte, lutando pelos seus direitos. 2020 foi um ano de adaptações e perdas, não se espera otimismo da população, mas sim um pouco mais de resistência, o que já é pedir muito. A História nos faz aprender com o passado, então que sirva de lição para os eleitores. O povo precisa ser o seu próprio farol.



Otakus literários

Colégio Cônego (Fortaleza/CE)

Orientação: Ícaro Bezerra

Lara Bezerra

Levi Campos

Davi Freitas

O vírus que vem atingindo a população do mundo todo, o coronavírus, surgiu em dezembro de 2019 em Wuhan, na China. Em fevereiro do ano seguinte, 2020, ano atual, os casos de pessoas contaminadas mostraram a capacidade de infecção do vírus. Como foi algo que estourou de repente, os governos tiveram que tomar medidas rápidas e eficazes. Com todo esse caos, as pessoas começaram a ter muito medo, ainda mais aquelas que não teriam como se sustentar após essa decisão, caso esse o de vários nordestinos. No Ceará o prejuízo foi grande, pois as pessoas de menor renda acabaram perdendo muito de seu único modo de sustento e também muitos não tinham condição de se adaptar as mudanças ocorridas. Percebemos, de certo modo, que o perigo amenizou e as mortes como se a esse ponto já fosse algo normal, ou seja, há uma banalização do mal, algo tão horrendo, mas que passa sem sentirmos. O coronavírus atingiu a população nordestina de forma semelhante à varíola na época de Rodolfo Teófilo, grande farmacêutico; onde haviam tantos corpos que os coveiros criaram os chamados cemitérios clandestinos.

Figura 1 - Salas de aula ficam vazias durante pandemia



Fonte: <https://novaescola.org.br/conteudo/19173/escola-vazia-relato-de-uma-professora-de-alfabetizacao-durante-a-quarentena>

Desde o início dessa pandemia, medidas foram tomadas pelo governo. Algumas boas, outras não rigorosas o suficiente ou questionáveis. Atitudes desempenhadas rápida e eficientemente pelas instituições públicas ajudaram as pessoas em suas necessidades, como por exemplo a criação de hospitais de campanha, pelo menos 11 no estado do Ceará, segundo o site oficial do Governo do Estado do Ceará. Também ressaltamos a distribuição de auxílios emergenciais, bem como vale-alimentos para estudantes. Entretanto, a desorganização para com as escolas públicas resultou em alunos indispostos e estagnados, uma vez que eles perderam anos letivos e tiveram seus dias atolados de tarefas desacompanhadas de quaisquer ensinamentos. Ainda sobre o ensino, um em cada cinco (19,1%) estudantes de seis a vinte e nove anos não teve nenhum tipo de atividade escolar no mês de julho, em período de pandemia da Covid-19 no país, conforme informou ao fim do mês de agosto o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). Apesar alguns aborrecimentos corriqueiros ocasionados pelas novas mudanças de rotina ajustada às restrições da pandemia, nos divertimos e tivemos experiências muito boas nesses meses, inclusive aproveitando as horas livres como nunca antes.

No início desta pandemia, tínhamos empatia com as famílias que foram afetadas pela Covid-19, com perda de familiares e de emprego, mas com o passar do tempo banalizamos a doença e perdemos a empatia pelas pessoas. A filósofa Hannah Arendt trabalhou bastante com a filosofia da banalização do mal, onde as pessoas com o tempo perdiam a empatia com as outras apenas por estarem em condições favoráveis em uma situação onde muitos estão sofrendo. Ela deu seus principais exemplos de banalização do mal com o holocausto e estados totalitários. Jair Bolsonaro, atual presidente

da república, cumpriu com o dever que é previsto por lei em relação a questão econômica durante a pandemia ao decretar o auxílio emergencial financeiro a população de baixa e média renda, mas também fez atos de aspecto criticável, como o não uso da máscara e negação do problema da Covid-19 com argumentos como “brasileiro pula em esgoto e não acontece nada”, isso é claramente uma afirmação em prol das ideias de Ratzel sobre determinismo geográfico, em que o ambiente onde o indivíduo vive pode afetar suas características biológicas, como características físicas ou de personalidade. Ao fazer, essa afirmação o presidente refere-se às pessoas que vivem na periferia, que por viverem em um local sujo e cheio de lixo podem ter imunidade a qualquer tipo de microorganismos invasor como bactérias, vírus e fungos, o que é claramente uma afirmação sem base científica real.

“A empatia é uma das únicas capacidades que nos salva de generalizarmos nossas verdades pessoais em detrimento da realidade que é fornecida pelo outro.” (Josie Conti)

Pessoalmente, acreditamos que algo extremo como o “Lockdown” advém de um comportamento inerente ao humano de sempre agir com egoísmo e egocentrismo. Se todos pensássemos que não nos prejudicamos ao prezar pelo bem coletivo, então pessoas não morreriam pela irresponsabilidade de outras, nem empregados seriam obrigados a continuar num emprego inapropriado em uma quarentena. Como diz Cal Rogers (1902 - 1987): “Ser empático é ver o mundo com os olhos do outro e não ver o nosso mundo refletido nos olhos dele.” E isso falta na sociedade.



Oxe Chente

Castro Instituto de Educação (Aquiraz/CE)

Orientação: Lucas de Sena Alencastro

Yasmin Róseo de Oliveira

Ana Carolina Pinheiro Câmara

Franklin Maia Nogueira Neto

Na sociedade percebemos as diferenças socioeconômicas em vários grupos mas, desde o início da pandemia causada pela covid-19, essas desigualdades foram escancaradas e começaram a definir aqueles que iriam sobreviver e aqueles que continuariam na luta.

Figura 1 - Dois homens dialogam sobre pandemia da COVID-19



Fonte: Arquivo Pessoal.

Da mesma forma que no passado os retirantes foram desamparados pelo governo mesmo durante a grave seca de 1915, vemos a mesma situação se repetindo em relação as minorias na pandemia. O vírus pode ser democrático, já que, como disse Hannah Arendt, “a vida está fora das estruturas artificiais que os seres humanos constroem”. Mas as consequências, as formas de tratamento, prevenção e principalmente a letalidade não são, já que dependem da maneira que cada grupo irá enfrentá-lo, dependem do quanto cada um pode pagar e, principalmente dependem da cor da pele dos afetados. Afinal, os dados apontam que a letalidade da pandemia é maior entre as populações mais carentes e precarizadas, onde a grande maioria se identificam como pretos e pardos.

A saúde, que deveria ser um direito de todos, passou a se tornar mais um produto na sociedade capitalista e a banalização das vidas deixou apenas números. Números que fazem uma grande diferença para todos os Josés, Marias, Joãoes e Joaquinás. Afirmando o que já pensava Bauman ao escrever “Cegueira Moral”, quando dizia que o mal se releva com frequência na insensibilidade cotidiana diante das dores do outro, ou seja, a comercialização da vida humana é uma consequência também das estruturas da nossa sociedade.

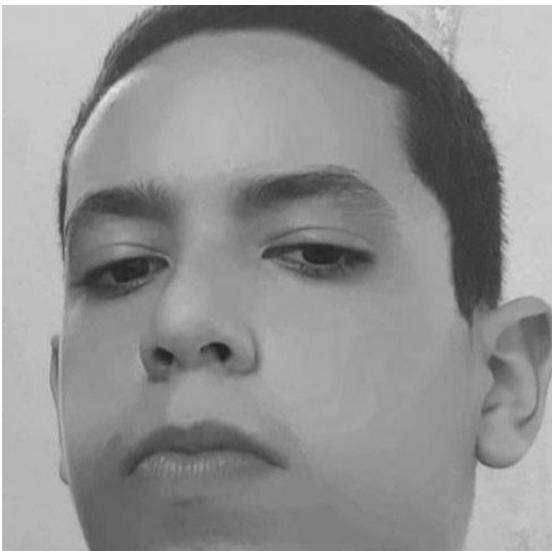
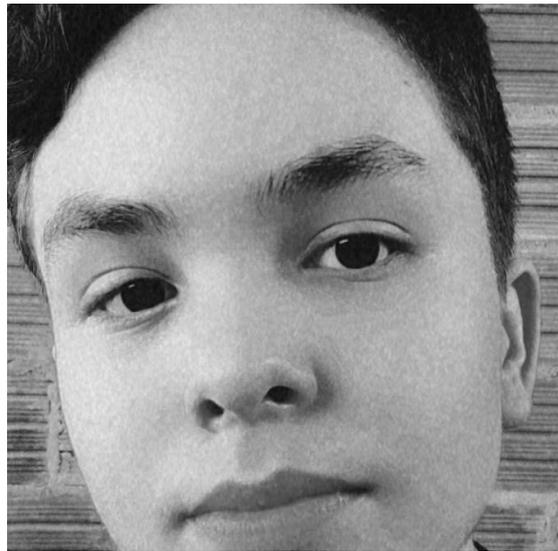
“A saúde, que deveria ser um direito de todos, passou a se tornar mais um produto na sociedade capitalista.”

Essa situação caótica acabou por nos mostrar o quanto, no atual modo de produção, é mais importante lucrar do que continuar vivendo, o quanto o mal continua a ser relativizado e naturalizado, e como são privilegiados aqueles que tem acesso aos medicamentos. Como uma espécie de eugenia sistemática, a parcela mais vulnerável sofre com uma seleção-não-natural.

Porém para alguns, já ter ocorrido mais de 1 milhão de mortes parece ainda não ser o suficiente para mostrar que o vírus é uma ameaça real que afeta os corpos físicos, mas também, como afirma Durkheim, os “sociais”. Vivemos na era da tecnologia e mesmo com os avanços da medicina, uma parcela das pessoas se nega a receber a vacina e quem defende a saúde é tratado como um herege. A epidemia de ignorância, agravada pelo “ubupoder contemporâneo”, vem preocupando tanto quanto a COVID e demonstrando cada vez mais como o conhecimento é essencial, principalmente, em tempos de crise.

Ainda assim, apesar das perdas, esse pode ser um momento de amadurecimento para a humanidade. Essa pandemia nos colocou em um “poço” existencial, econômico e moral. Porém, também nos permitiu compartilhar dores e sofrimentos e a partir disso entender que não existimos sozinhos. Nós podemos utilizar uma pergunta semelhante a que foi feita por Bertrand Russell, “tem futuro a humanidade”? As esperanças crescem com a ideia de uma pandemia de contágio de altruísmo e solidariedade. Afinal, não podemos relativizar uma perda descomunal de vidas humanas.

Uma democracia não se sustenta sem o mínimo de solidariedade e empatia. Assim, diante de um presente caótico e um futuro incerto, continuaremos nos rumos da indiferença ou renascemos em um despertar social?



Oxigênios

Patronato Pe. Luiz Barbosa Moreira (Fortaleza/CE)

Orientação: George Pinheiro da Rocha

Camila Lopes David

Guilherme Serpa Rodrigues

José Rubens de Lemos Filho

Nesse tempo de pandemia estamos aprendendo a viver de uma forma diferente. Estamos aprendendo a dar mais valor ao que temos, aos nossos familiares que, em dias mais difíceis, podem trazer um pouco de alegria para nós, enquanto que neste momento várias pessoas estão sozinhas em casa ou perderam alguém que amavam. Estamos nos adaptando a viver com o necessário, dando mais importância às nossas vidas e não aos bens materiais. Temos que agradecer a cada momento, pois não sabemos o que acontecerá no futuro.

Nesse tempo também reconhecemos a importância de estar perto de outras pessoas que nos fazem bem. Está sendo muito ruim não poder nos juntar a elas e comemorar aniversários, passar o final de semana ou um feriado.

A pandemia acarretou diversos problemas financeiros, não só para a população, como também para os cofres públicos. Com isso, muitas pessoas tiveram de se reinventar para viver o que chamamos de “o novo normal”, podemos citar como exemplo a perda de um considerável capital para sua sobrevivência. Uma parcela desse problema se dá devido ao despreparo dos órgãos públicos em relação ao desenvolvimento de projetos que viriam a ser úteis na situação em que estamos.

As escolas, universidades e outros institutos de educação estão enfrentando desafios no cotidiano para continuar dando ensino de qualidade, professores estão saindo da sua zona de conforto e se habituando a uma nova forma de trabalhar. Com o EAD (ensino a distância) a grande maioria dos alunos sofreram com mudanças em sua rotina de estudo.

“É com grandes desafios que aprendemos a dar valor aos pequenos gestos”. (Fonte: autoral)

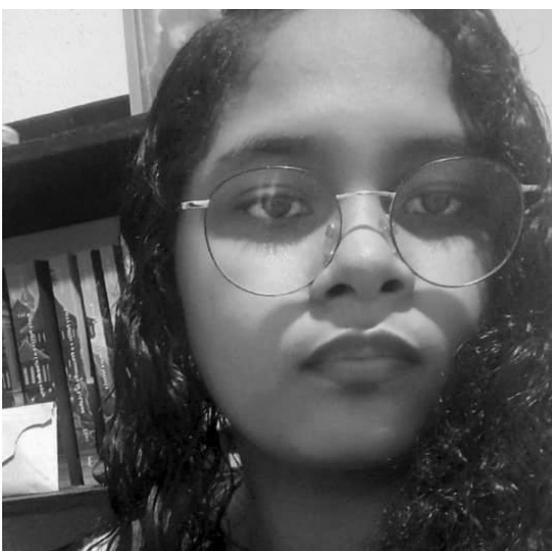
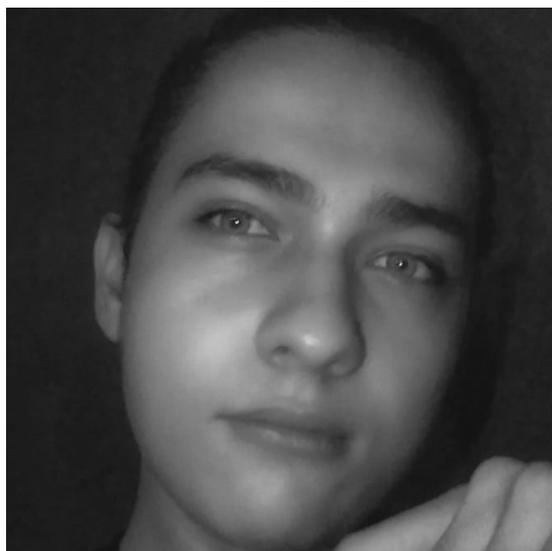
A crise econômica que se agravou devido à pandemia também prejudicou esses institutos de educação, que precisaram fazer desligamentos de seus funcionários, ou até mesmo declarar falência.

Tivemos muitos desafios, aprendizados e lições. Dentre eles, podemos citar que nós não podemos nos encontrar pessoalmente, principalmente pessoas do grupo de risco e ir a lugares públicos e privados. Mas com isso tivemos muitos aprendizados, por exemplo, aprendemos a valorizar simples ações, como um abraço e um aperto de mão, e a sempre higienizar as mãos para que, mesmo o sem o vírus, tenhamos uma prática de nos cuidar melhor.

Figura 1 - O médico segura o planeta nas costas, representando a sua responsabilidade, e o perigo que está correndo



Fonte: Melbourne. Veja (2020). Leia mais em: <https://veja.abril.com.br/cultura/murais-urbanos-preenchem-o-vazio-das-cidades-com-mensagens-de-esperanca/>Veja (2020)



Penso logo desisto

EEM Liceu do Conjunto Ceará (Fortaleza/CE)

Orientação: Karoline Queiroz

Ana Tainá

Diego Matos

Maria de Fátima

A pandemia do novo coronavírus trouxe mudanças que não foram fáceis para ninguém, principalmente para nós estudantes, que tivemos todas as nossas aulas presenciais trazidas para o ambiente virtual, sendo necessária uma nova rotina escolar. Muitos que nem sequer têm internet em casa para acompanhar o ano letivo acabaram desmotivados, evidenciando, com isso, a importância do acesso à Rede Mundial de Computadores para se obter um bom desempenho escolar.

Figura 1 - Reflexões acerca do ensino remoto no Brasil e no IFMG. SINASEFE



Disponível em: <<https://sinasefe.org.br/site/reflexoes-acerca-do-ensino-remoto-no-brasil-e-no-ifmg/>>. Acesso em: 02/03/2021.

De acordo com o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), “seis milhões de estudantes não têm acesso à internet em casa, o que dificulta acompanhar aulas e outras atividades de ensino de forma remota” (Radioagência Nacional, 02/09/2020, RJ.). Fatos como esse exemplificam as complicações da adaptação à nova realidade e adversidades, como a falta de um computador ou a necessidade de ajudar em casa. Fora a má preparação das escolas, alguns professores não têm um bom domínio com tecnologias, dificultando na hora de fazer uma aula online.

“Seis milhões de estudantes não têm acesso à internet em casa, o que dificulta acompanhar aulas e outras atividades de ensino de forma remota.” (Radioagência Nacional, 02/09/2020, RJ.)

De acordo com os art. 205 e 206 da Constituição Federal de 1988, devem ser garantidos aos estudantes “condições para o acesso e permanência na escola”. Analisando os dados de estudantes que não têm acesso à internet, esse direito básico parece estar sendo respeitado? Não houve nenhum tipo de organização e preparação antes da aplicação da EAD. Nenhum auxílio aos estudantes de baixa renda que não possuem internet ou um dispositivo adequado para os estudos online. Dessa forma, a aprendizagem desses alunos ficou bastante comprometida. Apesar do esforço de algumas escolas de procurar distribuir materiais aos alunos que possuem acesso limitado à internet, ainda houve barreiras para alguns desses educandos, que não puderam se deslocar à escola a fim de obter as atividades escritas, pois têm parentes no grupo de risco e, por isso, preferem não os expor à contaminação pela Covid-19.

Segundo dados da Unicef, cerca de 4 milhões de alunos que estavam matriculados antes da pandemia não conseguiram continuar as atividades em casa. Números obtidos pelo Datafolha indicam que o percentual de alunos sem motivação para estudar foi de 46% a 54% entre maio e setembro. Ou seja, muitos se sentem desanimados com os estudos pela falta de vontade e de concentração, além da cobrança por não estarem aprendendo tanto quanto no ensino presencial. Isso afeta a saúde mental, deixando os estudantes ansiosos e

sem ideia de como administrar o tempo para conciliar o estudo de todas as matérias. Como consequência, muitos passam apenas a copiar atividades, sem nenhuma reflexão. Os que não possuem acesso, acabam por desistir.

Já agora no fim do ano, a Secretaria de Educação do Estado do Ceará (SEDUC) começou a distribuir chips com internet para os alunos. É uma boa iniciativa, mas deveria ter sido realizada no início do ano. Dessa forma, se formos comparar o desempenho de alunos que têm acesso à internet com os que não têm, é possível observar um contraste enorme, pois existe diferença na condição social de cada estudante e os com poucas condições não vão ter o mesmo desenvolvimento e preparação dos que podem ter acesso. Portanto, a pandemia aumentou a desigualdade já existente dentro do ambiente escolar.



Pichulas bestas

Colégio Farias Brito Sobralense (Sobral/CE)

Orientação: Geraldo Filho

Andressa Andrade

Maria Esther Milles

Ana Letícia Santos

“Apesar de você, amanhã há de ser outro dia.”¹



Imagem tirada da Gazeta do povo – Ilustração com várias pessoas com destaque para as máscaras. (<https://images.app.goo.gl/6EbU9EnCSMGVqao29>)

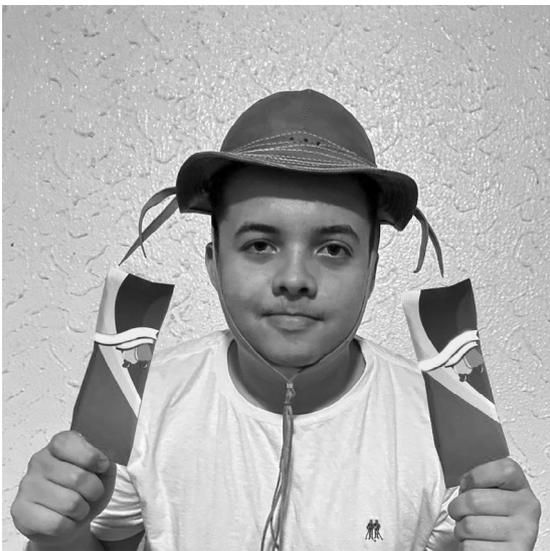
Na metade de março, um adiantamento de 15 dias nas férias parecia um sonho para os estudantes que haviam acabado de retornar da folia do Carnaval e ainda não queriam assumir as responsabilidades do ano letivo. A quarentena começou tranquilamente, com a crença de que iríamos retornar logo, mas faz 9 meses que o Brasil vive uma situação inédita, que nem sua positividade e bom humor foram capazes de melhorar. É impossível consolar o desespero das pessoas as quais tiveram que se isolar do mundo exterior, e mais ainda das famílias que perderam alguém.

Nesse período, o Brasil se tornou um caos, o Governo foi negligente e não houve uma preparação. Pessoas morreram, o número de casos cresceu absurdamente, e a mídia oscilou entre aliada e inimiga do povo, apresentando a realidade tenebrosa e quase inevitável de uma doença mortal. Além do vírus, problemas psicológicos afetaram a população, deixando marcas de superação e de dor. Os jovens foram abalados em

dobro, além do isolamento social, a escola migrou para um novo formato remoto, em que o ano foi quase um desperdício total devido a ausência de foco e de concentração. A geração atual carrega consigo as cicatrizes da angústia gerada de um ano em que é impossível não se sentir ineficaz, especialmente quando todos os estabelecimentos estão abertos, e há a necessidade de se fazer a escolha entre permanecer no isolamento social e continuar arriscando a sua saúde mental.

Nesse sentido, o Governo se mostrou deveras ineficiente e irresponsável diante desse problema, não conseguindo manter um Ministro da Saúde em plena pandemia, causando uma bagunça no plano de contenção. Ainda que a intenção tenha sido boa e muitas pessoas tenham sido ajudadas, o Auxílio falhou em diversos pontos quanto ao seu acesso, uma vez que algumas famílias recebiam demais, e outras pessoas sequer podiam acessar pela ausência da internet ou de um celular. Além disso, com o período de eleições, vimos mais descaso da classe política para com o povo, em que as aglomerações comandadas pelos candidatos dos cargos eleitorais aconteceram desregradadas. O poder político deveria ser um defensor das causas do povo, mas só se posicionou em nome de si mesmo, e sua ignorância e arrogância podem ter sido os maiores responsáveis pela chegada da segunda onda da doença. A reação do povo quanto à Covid-19 e ao desamparo do poder público foi a manifestação de um instinto de sobrevivência impossível de ser ignorado. Além disso, o instinto de sobrevivência se estendeu para com os outros, houve o crescimento de movimentos contra racismo, machismo, entre outros preconceitos que se tornaram inaceitáveis. Vimos a repercussão a favor de Mariana Ferrer, João Pedro, George Floyd e outras pessoas vítimas de crimes de ódio no país e no exterior.

“Apesar de você, amanhã há de ser outro dia”, a frase de Chico Buarque expressa a esperança de um amanhã melhor em um país abandonado pelo próprio Governo. 2020 chega ao fim trazendo consigo inúmeros aprendizados que não serão esquecidos, desde o ambiente social, até a autoaceitação, e até mesmo aprender a lidar com o luto. Foi um ano difícil para todas as pessoas, e, mesmo com a segunda onda, é notável que o brasileiro ainda tem esperança de um novo ano, em que a vacina já seja uma realidade mais próxima, e os acontecimentos de um ano afetado pela pandemia fiquem no passado, embora jamais esquecidos.



Picolés de cajuína

Castro Instituto de Educação (Aquiraz/CE)

Orientação: Lucas de Sena Alencastro

Rafael Gotardo Câmara Melo Filho

Dalila Brito dos Santos

Lia de Almeida Tavares

Quem diria que Raul estava certo e um dia a terra iria “parar”? Tudo por causa da pandemia da Covid-19, que abalou as nossas expectativas e causou mudanças drásticas no cenário mundial. Uma pandemia nos mostrou o quanto somos vulneráveis e o quanto Jurgüen Habermas estava correto ao afirmar que nunca soubemos tanto sobre a nossa própria ignorância. Como um vírus tão pequeno se tornou uma arma biológica? Será que voltamos a ser servis à natureza? Nesse contexto, todos nós observamos um embate entre as questões de saúde e a economia, principalmente quando a condição de controle da disseminação afeta as condições de existência do atual modo de produção. O negacionismo científico culminou em muitas mortes. Quem sofreu na corda bamba? Os empregados que não podem executar seu serviço de forma remota! Desse modo, a maioria vive a mercê do governo que declara apenas um “me ne frego” que remete ao fascismo de Mussolini.



O brasileiro chora pela morte de milhões de vítimas pela covid-19. Enquanto isso, a população se aglomera nas comemorações de ano novo. Fonte: Arquivo Pessoal.

A pandemia acometeu a todas as áreas sociais, deixando o iluminismo doente na espera de um respirador. Todos esses anos de valorização da razão foram questionados

por um viés ideológico. Sinto muito em concordar com Cazusa, mas eu também vejo o futuro repetir o passado ao debatermos sobre a eficácia da vacina e os embates gerados a partir dessa dúvida. Vemos o futuro repetir o passado ao vermos a falta de apoio do Estado nas periferias que, há 100 anos, em sua gênese, sofriam com a construção dos campos de concentração cearenses. Parece existir entre nós, a cegueira branca de Saramago, pois tratamos de cegos que vendo preferem omitir a situação e aqueles que vão ao caminho contrário são tidos como hereges. Em tempos de uso exagerado da internet, tudo reaparece, inclusive a “inquisição”. Quem nunca foi perseguido por defender o óbvio como a imunização? A fogueira não é mais a punição, mas o resultado da ignorância continua sendo a morte.

Todos querem salvaguardar sua saúde, mas poucos têm esse direito. Selecionar vidas mostra como o mal é banal. Ademais, o impacto do vírus na vida do pobre e do rico diz muito sobre a sociedade em que vivemos. No decorrer do tempo, foi possível observar como a noção de coletividade é pertinente no nosso cotidiano. Assim, enquanto uns se mostraram generosos com os desafortunados, outros fizeram questão de acentuar as desigualdades em prol do hiperconsumo e do enfraquecimento do Estado.

Diante da crise, tudo se modificou e os super-heróis se manifestaram na linha de frente no combate ao coronavírus, são eles os médicos, enfermeiros, técnicos, fisioterapeutas, psicólogos e toda a equipe de saúde. Infelizmente, as atualizações no número de mortos, que já chega a 1,5 milhões, tem um lugar reservado no jornal. Foi nesse panorama que o homem pode desacelerar e perceber o que realmente importa, como nossa sociedade é orgânica e, apesar de diferentes, todos

somos interdependentes, como já afirmou Durkheim no seu conceito de divisão social do trabalho. É nessa conjuntura que o corpo social não pode mais ocultar a violência, seja contra a ciência, as mulheres, as crianças, as LGBTQI+ ou os pretos.

Além do ataque epidemiológico, a coletividade sofre com o descaso político. Frases como “é só uma gripezinha” ou “E daí, vamos todos morrer um dia” acentuam o retrocesso vivido pelo povo brasileiro e evidenciam que o poder “ubuesco” trabalhado por Foucault não se limitou ao absolutismo. Será que algum dia passou pela sua cabeça que milhões de vidas seriam ceifadas e consideradas apenas números no qual foram embora sem uma despedida digna, apenas jogados em covas rasas como corpos descartáveis?

A fogueira não é mais a punição, mas o resultado da ignorância continua sendo a morte.



Pipocas

Colégio Farias Brito Sobralense (Sobral/CE)

Orientação: Adriano Rodrigues Bezerra

Eunig Bezerra Sales

Letícia Lima Debrot

Yanca Nogueira Dias

Os muros da pandemia são os mesmos que nos libertam. Para entender essa premissa, precisamos refletir sobre nossa condição não apenas como seres humanos em um cenário de pandemia que nos privou de tantas atividades cotidianas, e sim como seres vivos, já que certos impactos à fauna e à flora de diferentes regiões do planeta foram relativamente controlados nesse mesmo período. Porém, até que ponto os benefícios imediatos da redução na circulação humana irão permanecer?

Figura 1 - Planeta Terra trancado com uma fechadura e rodeado por vírus



Fonte: https://www.ft.com/__origami/service/image/v2/images/raw/http://prod-upp-image-read.ft.com/9529bdaa-6ab9-11ea-a3c9-1fe6fedcca75?source=next&fit=scale-down&quality=highest&width=720

Nesse sentido, há pelo menos duas décadas, estudiosos já relacionavam a perda florestal e a proliferação de micro-organismos para o cotidiano humano. Sob essa óptica, o filme WALL-E, disponível na plataforma

Disney+, aborda como o consumo dos recursos terrestres forçou a humanidade a viver no espaço, pois a poluição tornou a vida na Terra inadequada.

De modo semelhante, em entrevista para a Universidade Federal de Juiz de Fora, o professor César Henrique (2020) afirma que o isolamento pode ser visto como forma de trazer a reflexão para uma sociedade tão imediatista pautada no egoísmo. Por esse viés, uma vez que ficamos preocupados com a limitação da nossa liberdade de sair a qualquer momento, sequer refletimos sobre a nossa trajetória de degradação do meio ambiente até o cenário atual, o que de certa forma nos torna responsáveis pela liberação do vírus de seus hospedeiros naturais.

“Os muros da pandemia são os mesmos que nos libertam”

Com efeito, ainda no primeiro trimestre do ano, o mundo teve que “parar” e adaptar o cotidiano movimentado das cidades ao modelo domiciliar. Pelas bases do determinismo geográfico, a natureza determina as condições de sobrevivência do ser humano. Seguindo essa linha de pensamento, nós como seres dependentes da natureza deveríamos buscar a manutenção de um consumo sustentável a fim de que o planeta continue a nos oferecer recursos essenciais. Entretanto, observa-se um individualismo em nossas ações, o que pode ser comparado à visão de muitos durante a pandemia de que nossas ações individuais não causam um grande impacto no mundo.

Portanto, para que as mudanças que beneficiaram o meio ambiente permaneçam, é necessário que tenhamos um maior respeito pelos demais seres.

Teremos que nos adaptar a uma nova normalidade e criar uma perspectiva de equilíbrio entre a qualidade de vida pessoal e a dos ecossistemas para as futuras gerações. Por fim, somente uma revolução da consciência de cada indivíduo acompanhada de políticas de sustentabilidade poderão evitar o caráter momentâneo dessas transformações ambientais.



Pokémons cearenses

EEEP Otília Correia Saraiva (Barbalha/CE)

Orientação: Douglas Santiago de Lima

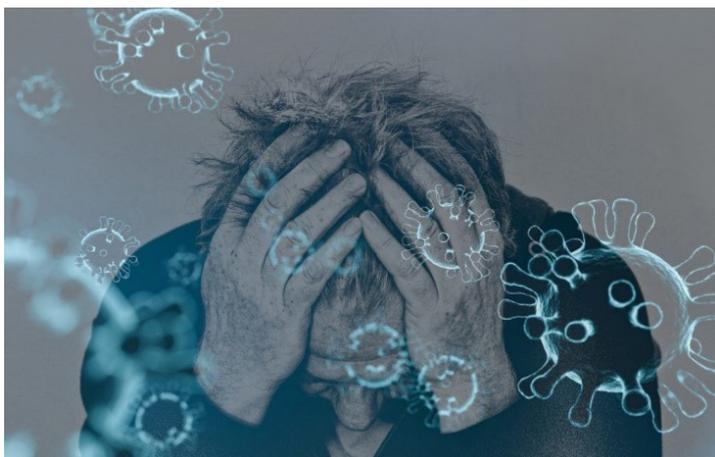
Francisco Irlan de Oliveira Barros

Hebert de Lima Pereira

João Marcello dos Santos Sousa

Vinte e seis de fevereiro de 2020 é registrado no Brasil o primeiro caso de Covid-19, com isso um alerta à sociedade brasileira é acionado e a mesma dá pouca importância - já que está em época de festividades e comemorações de carnaval. Um mês depois, em meados de março, as aulas nas escolas estaduais do estado do Ceará são suspensas de forma presencial. Nós, como alunos, ficamos então, no centro de uma pandemia que acabara de começar - por nunca ter passado por tal experiência, há uma sensação de medo em nossos corpos.

Figura 1 - Pesquisadores analisam saúde mental e prática de atividade física durante a pandemia.



Disponível em: <https://sites.usp.br/iearp/pesquisadores-analisam-saude-mental-e-pratica-de-atividade-fisica-durante-a-pandemia/>

vivendo um momento de incertezas, de solidão, de tristeza e desânimo, porém podemos relativizar, estamos em pandemia sim, mas o pensamento positivo ainda prevalece.

“Não podemos voltar ao passado, mas podemos voltar à normalidade. Juntos somos milhões contra um. Cuide-se!”

“Descobri estar com ansiedade. Passei os dias aprendendo técnicas e entendendo ainda melhor

meu problema. No início, as crises ainda prevaleciam diariamente e eu ainda não sabia o porquê. Comecei a estudar a fundo e consegui compreender melhor. Meditei muito e me senti mais leve. Depois de um bom tempo, eu não me sentia mais cheio, nem havia crises e, a essa altura só precisava voltar com tudo nos estudos... Sim! Estava em uma situação preocupante no colégio, notas baixas, faltas... o que mudou totalmente. Tenho força e conhecimento para ser mais forte que meus problemas. As notas estão altíssimas, meu espírito reviveu, minha vitalidade está presente. Com a ajuda de alguns amigos e da minha pesquisa a respeito, obtive êxito. Apenas precisei de um momento assim, como a pandemia. Mesmo que falem, que digam que esse momento é horrível, faça dele um proveito. É isso que importa. Ter resiliência é fundamental.” relato do aluno Willian Jonny.

Através de relatos de estudantes pode-se perceber as diferentes formas em lidar com o fenômeno pandêmico. “Olá, eu sou Irlan, estudante da EEEP Otília Correia Saraiva e quero relatar minhas experiências em tempos de Covid-19. No começo foi bem difícil, pois o mundo virou de cabeça para baixo e tudo aquilo que eu conhecia e fazia mudou drasticamente. De repente me vi não podendo mais ir para minha escola, tendo que usar máscara e o pior de tudo: o isolamento social que foi o acontecimento que mais demorei a me adequar. O fato de não poder ver a maioria de meus amigos presencialmente foi o que me deixou mais abalado. Porém, fomos obrigados a nos acostumar com essa nova maneira de viver e aqui estou. Meu desempenho na escola não caiu e talvez tenha até melhorado. É verdade que a pandemia foi algo ruim, mas temos que tentar ver o lado bom, graças a ela, fiquei mais perto de minha família e pude ficar mais tempo comigo mesmo - o que permitiu me conhecer

melhor e até mesmo começar a fazer exercícios físicos constantemente - o que trouxe para mim a sensação de estar revigorado!” relato do estudante Irlan.

Como visto nos relatos, existem várias formas de encarar essa pandemia, histórias de superação é o que não faltam; como a do aluno Willian Jonny que venceu a ansiedade, bem como uma forma positiva de enfrentá-la relatada na vivencia do estudante Irlan. Infelizmente casos de ansiedade vem crescendo, por isso, mais do que nunca, devemos estar unidos para vencer esse vírus. Vamos nos cuidar, usar máscara e álcool em gel, já que esses são alguns dos cuidados eficazes para nos proteger enquanto não existe uma campanha de vacinação, todos devem fazer sua parte. Procure sempre fazer e cobrar ações contra o vírus. Fique em casa, pois o vírus continua nas ruas.



Polaris

Colégio 7 de Setembro (Fortaleza/CE)
Orientação: Douglas Santiago de Lima
Francisco Irlan de Oliveira Barros
Hebert de Lima Pereira
João Marcello dos Santos Sousa

Vivemos um período atípico e “anômico”, como diria Émile Durkheim, diante das disfunções sociais escancaradas pela atual pandemia. Afinal de contas, em pouco tempo, o Sars-Cov-2 difundiu-se da China para o resto do globo de forma extremamente rápida, colocando os valores e a adaptabilidade humana à prova ao fragilizar a organicidade dos setores. Nesse momento, as vivências de cada grupo pendulam em função das condições socioeconômicas, existindo desafios que se estendem desde a falta de renda até as dificuldades de adaptação.

Como adolescentes, é aflitivo transitar do universo infantil da socialização para a vida adulta durante tempos de incertezas, sobretudo com o fechamento temporário, longo, das escolas e sua passagem para as aulas on-line. Dessa forma, dispomos de mais perguntas que respostas: Quais foram os principais aspectos dessa mudança? Como educadores e alunos reagiram à situação? Existem previsões de como será a escolarização pós-pandemia?

Figura 1 - Estudantes sentem dificuldade em aprender durante as aulas virtuais



Fonte: <http://www.marianaribeiro.com.br/crianca-no-computador/>

Sob esse viés, apesar de o ensino a distância ser uma aparente novidade nos colégios do Brasil, esse método era comum em civilizações antigas, como Roma e Grécia, nas quais podia se optar pelos estudos mediados por correspondências. Assim, vê-se que a metodologia de ensino remoto faz parte da história

humana há séculos, mas, ao colocá-la amplamente em prática nos últimos meses, seus verdadeiros obstáculos foram expostos.

***“As espécies que sobrevivem não são as mais fortes e nem as mais inteligentes, e sim, aquelas que se adaptam melhor às mudanças”
(Darwin, C).***

Sabemos que três fatores apressam os sistemas no mundo: doença, guerra e revolução. De fato, a pandemia acelerou alguns processos, como a modernização do ensino tradicional de forma heterogênea, ainda que a estranheza e o despreparo em relação aos novos métodos de ensino guiassem o país a uma possível crise pedagógica. Nesse sentido, a pressa diante da situação emergencial em retomar os estudos dentro de determinadas realidades educacionais também colocou em xeque o vínculo entre professor-aluno e a essência do que é o verdadeiro ambiente escolar. Para nós, que vivemos a vida toda frequentando presencialmente as instituições de ensino, passar um período vagaroso estudando por intermédio dos aparelhos eletrônicos é uma ruptura repentina.

Conseqüentemente, a falta de contato real com o professor e com os colegas, a ausência de um local próprio para os estudos no ambiente doméstico e a monotonia das aulas virtuais despertam a indiferença e o desinteresse em qualquer aluno. A nova rotina é nos depararmos com vários outros estudantes com uma postura evasiva quanto aos estudos, muitos escolhendo não comparecer às aulas virtuais, ou deixar de lado suas responsabilidades escolares, como projetos, atividades e avaliações.

Paralelamente, sentimos que a migração do presencial para o virtual também afetou negativamente os professores, que foram pressionados a buscar e rever métodos e processos de ensino, a fim de fisgar os olhares dos estudantes e, de alguma forma, manter o ritmo de aprendizagem. A frustração, por outro lado, tornou-se comum devido a resultados geralmente pouco satisfatórios e da corrida rotineira, sustentada por uma carga horária muito maior durante o isolamento, uma vez que o tempo passou a ser ditado pelo meio virtual.

Naturalmente, esse déficit ainda não pode ser medido com precisão por meio de números concretos, e muito menos os impactos da escolarização no momento da “Pós-Pandemia”. Apenas é certo que o país se defrontará com a necessidade de reduzir ao máximo os danos sofridos pela instabilidade iniciada em 2020, e que a pandemia será marcada como uma época de angústia, perdas, mas principalmente, aprendizado.



Power Team

Colégio Estadual Liceu do Ceará (Fortaleza/CE)

Orientação: Douglas Santiago de Lima

Francisco Irlan de Oliveira Barros

Hebert de Lima Pereira

João Marcello dos Santos Sousa

Viver como um estudante do sistema de ensino público brasileiro em meio a pandemia foi viver em meio a uma incerteza, o que há de se fazer com o tempo que nos foi roubado?

Figura 1 - A imagem mostra uma sala de aula com cadeiras vazias, e escrito na lousa “Covid-19”.



Fonte: CAMPELO, Inês. Aulas online aumentam desigualdade entre educação pública e particular. Marco Zero, 14 maio 2020. Disponível em: <<https://marcozero.org/ensino-online-alarga-desigualdades-na-educacao/>>. Acesso em: 16 dez. 2020.

A partir de um colapso na saúde mundial, por meio do vírus COVID-19, fomos condicionados a um estilo de vida: a vida em uma Pandemia. Todas as certezas se tornaram incertezas. Todas as possibilidades? Novamente nos foram tiradas. Como sucumbir em meio a esse caos é o que nos perguntamos cotidianamente.

Se traçarmos uma conexão entre a realidade dos estudantes de escola pública e a realidade dos estudantes nas escolas privadas, perceberemos que as experiências compartilhadas em ambos os contextos levam a destinos completamente diferentes. Pode-se de início imaginar um susto para todos, mas ao

passar dos meses podemos perceber que o ambiente que acompanha os alunos de escolas privadas possui uma estrutura mais qualificada, bons recursos e mais disponibilidade de comunicação tecnológica.

Perpassando pelo social e humano, educacional e financeiro, podemos observar o abismo existente entre as duas instituições de ensino. Enquanto alunos da rede privada dispõem de uma boa estrutura para acompanhar as aulas online, alunos de escolas públicas enfrentam muitas dificuldades, trazendo à tona largas diferenças sociais e econômicas.

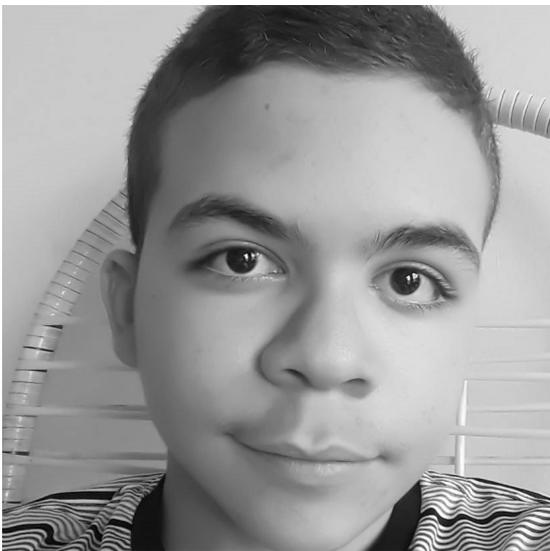
“Se posicionar como estudantes de escola pública é dançar com a resistência e nos colocar como aqueles que vão contra o que nos foi entregue.”

Para os professores, o desgaste se atenua ao lidar não apenas com notas e provas, mas com a intensificação da dura necessidade que é sustentar, ainda que virtualmente, o que seria um ambiente escolar semelhante ao presencial. Em meio as adaptações necessárias para a nova modalidade de ensino encontramos dificuldades na elaboração de aulas, pois são poucos aqueles que tiveram a formação adequada para lecionar a distância. Como uma surpresa para todos, o ensino precisou se moldar a partir da necessidade de traçar um contato, mesmo que virtual, entre aqueles que constituem a escola, criando a ideia de uma sala de aula para além das quatro paredes.

Vale ressaltar que ocorreu uma ressignificação da educação para desenvolver novos métodos de estudos, e que embora reconheçamos as dificuldades com relação

ao ensino-aprendizagem de forma virtual, podemos citar alguns benefícios para a educação que acreditamos se perpetuar no futuro, como uma ampliação do uso das tecnologias em prol do aprendizado, promovendo metodologias que são mais intuitivas e que consequentemente despertam o maior interesse, atraindo os alunos a se fazerem mais presentes nas plataformas, inserindo-os diretamente no debate da utilização de internet e dos recursos digitais a favor da educação.

Com a pandemia, tivemos que nos manter por suspiros. Qual o propósito da desvalorização? Embora o ensino a distância tenha se mostrado como a opção mais viável, não podemos o considerar como ideal. Como esperar o máximo em meio a uma pandemia se não nos é entregue o mínimo? Como comparar educação pública se nós não temos referências nem mesmo dentro de nossa própria casa? Educação é liberdade, e isso não nos podem roubar.



QI do Sertão

IFCE (Juazeiro do Norte/CE)
Orientação: Gagarin da Silva Lima
Vitor Lohan Felix Avelino
Larissa Pontes Dantas
José Arnaldo P. Silva Filho

O ano de 2020 já começou com um novo vírus, de-nominado de Síndrome respiratória aguda grave, o SARS-CoV-2, surpreendendo todo o mundo, vindo a ser declarado como pandemia em março pela Organização Mundial da Saúde, OMS. Desde então, diversos países começaram uma “corrida” para a descoberta de uma vacina.



A imagem mostra uma criança, após muito tempo sem ver o avô, devido ao isolamento social, usando capa protetora para poder abraçá-lo. Fonte: <https://bit.ly/3qRdZdf> (Acessado em: 14 de dezembro de 2020).

Com a intensificação da Covid-19, inúmeras medidas foram adotadas para conter o avanço da contaminação, e entre as principais está o distanciamento social, a qual a população precisou obedecer. O Governo do Ceará adotou diversas medidas para a segurança da população, dentre elas podemos citar a lei nº 17.261, sancionada pelo governador Camilo Santana, no dia 13 de agosto, que define multa por não utilização de máscara nos locais públicos e privados.

Nesses tempos, vivenciamos as pessoas ficarem assustadas e confinadas em suas casas, com medo de serem infectadas e assim as ruas ficaram praticamente vazias. Para o aluno José Arnaldo do 1º ano do ensino médio, do curso técnico e integrado em Eletrotécnica, IFCE-Campus Juazeiro do Norte, “esse é um período realmente desafiador, pois todos os problemas: depressão, violência, ansiedade, desigualdade social, dentre outros, juntamente com a pandemia atingiram toda a população com maior intensidade, desestabi-

lizando a economia, abalando famílias e destruindo sonhos, em que passar por tudo isso se tornou uma “prova de sobrevivência”.

“Medo, angústia e desespero: tudo o que queríamos era um abraço reconfortante...”

Com o isolamento social, tivemos que cumprir quarentena. Sempre que necessitávamos sair, tínhamos que nos policiar em relação ao uso das máscaras e álcool, todos os estabelecimentos possuíam restrições da quantidade de pessoas que poderiam estar frequentando-o naquele momento. A sensação de estarmos aprisionados aumentava com o decorrer dos dias, medo, angústia e desespero: tudo o que queríamos era um abraço reconfortante, sem contar com o enorme desejo de vermos aqueles que amamos para além dos meios digitais.

Um período bastante complexo e intimidador, em que rapidamente tudo mudou, inúmeros obstáculos apareceram para todos, levando-nos a refletir como o ser humano busca meios para adaptar-se, pois a educação, assim como vários outros setores, teve que mudar a sua dinâmica, tendo assim que realizar o Ensino a Distância. Outro exemplo são as olimpíadas estudantis que, mesmo sendo de modo remoto buscaram, apesar de tudo, trazer o conhecimento. Com o distanciamento social, tradições que ocorriam durante todo o ano, tiveram que ser canceladas o que trouxe uma grande angústia a maioria da população, porém, para contribuir de alguma forma, muitos artistas realizaram “lives”, que são transmissões ao vivo para recrear e arrecadar dinheiro e mantimentos, através de parcerias para hospitais, focados no atendimento de pessoas com COVID-19.

O distanciamento social é essencial para manter-se um “controle” sobre o ritmo de contaminação, embora seja de extrema importância, a situação de isolamento domiciliar acarretou certas consequências sociais, tal como a violência doméstica, já que muitas mulheres passaram a permanecer em suas casas com mais frequência, grande maioria das vezes com seus agressores. De acordo com O Ligue 180 (Central de Atendimento à Mulher), nos primeiros quatro meses de 2020 houve um crescimento de 14,1% em relação ao mesmo período de 2019.

Para ajudar as mulheres a denunciar, formas inusitadas foram adotadas, como vídeos falsos de automaquiagem, botões escondidos em sites de eletroeletrônicos ou até mesmo um X feito de batom estampado na mão. Todas essas medidas fizeram com que o governo, empresas e organizações da sociedade civil se mobilizassem para ajudar mulheres que estivessem sendo violentadas.¹

Apesar dessa pandemia atual, ainda é possível acreditar que essa crise mundial irá ser superada, com o desenvolvimento de uma vacina eficaz e a conscientização da população, seguindo as devidas normas de proteção.

¹ <https://bit.ly/3sVYlXk> (Acessado em: 14 de dezembro de 2020)



RaBeKás

EEEP Dr. José Alves da Silveira (Quixeramobim/CE)

Orientação: Gagarin da Silva Lima

Vitor Lohan Felix Avelino

Larissa Pontes Dantas

José Arnaldo P. Silva Filho

Definitivamente, o ano de 2020 foi um dos mais atípicos. Quem imaginaria que depois de três meses das festas e das luzes de fim de ano, uma pandemia chegaria para cancelar planos, sonhos, encontros e, principalmente, vidas?

Tudo o que conhecíamos virou de ponta cabeça de um dia pro outro, e de repente tivemos que nos adequar a uma nova realidade, que trouxe com ela o isolamento social, álcool em gel, máscaras e distanciamento.



Ilustração de Helô D'Angelo - 28 de março de 2020. Na imagem está escrito: "Achei que não era pra tanto, mas era." Fulano da Silva 1955 - 2020. Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/B-SOmLDHvjY/>> Último acesso em: 10/12/2020

Trago a visão de uma pessoa que não teve experiências diretas com a Covid-19, e sim como alguém que teve o privilégio de ficar em isolamento desde o início da pandemia. Sim, privilégio. Pois foi isso que me manteve a salvo esse tempo todo. Muitos teriam suas vidas preservadas se pudessem ter ficado em suas casas, mas infelizmente, eles não puderam parar e tiveram que se manter de pé em meio ao furacão que foi e está sendo essa pandemia.

Na minha estadia permanente e tediosa em casa, eu passei a acompanhar os passos da doença que, de forma rápida e nefasta se espalhava pelo mundo. Eu sabia que isso me afetava psicologicamente, mas eu tinha essa vontade frenética de saber o que estava acontecendo com a humanidade. Quando o vírus chegou ao Brasil, instalou-se um sentimento de preocupação, bem como muitas dúvidas a respeito de sua letalidade, impulsionadas pela subestimação do próprio governo vigente, que preferiu atribuir nomenclaturas diminutivas ao vírus.

“São incontáveis as vidas que já foram levadas e as lágrimas das famílias que regam o solo com desesperança.”

Alguns meses antes, via-se na Itália caminhões abarrotados rumo aos cemitérios e o sistema de saúde sobrecarregado. Tal realidade que parecia distante, se fez presente aqui no Brasil. São incontáveis as vidas que já foram levadas e as lágrimas das famílias regam o solo com desesperança.

Com isso, cheguei à reflexão melancólica de que o vírus interligou pessoas do mundo inteiro da pior forma: com uma linha dolorosa de perdas. Em diversos países, culturas, idiomas e tradições, há familiares lidando com o infindável luto de perder alguém querido tão repentinamente. Essa dor eu senti na pele e posso sentir palpitar até hoje, o que a causou não foi a covid-19, mas eu sei o que é se sentir no fundo do poço e não ter uma luz para se guiar.

Paralelamente a toda a dor que eu pude imaginar que milhões de pessoas sentiram ao perder quem amavam, eu também senti raiva. Raiva da indiferença, da

naturalização e obsolescência com que o governo do inominável presidente tratou as vítimas do coronavírus e seus familiares. “É só uma gripezinha”, “E daí? Não sou coveiro”, “É o destino de todos”. Então esse é o espírito patriota que tanto se discutia nas eleições de 2018? É assim que os filhos da “pátria amada” merecem ser tratados? Enfim, se tornou cada vez mais nítida a consideração inatingível do governo pela sua população, tanto pelos que morreram, quanto por aqueles que não puderam se despedir ou enterrar seus entes queridos em locais dignos por questões sanitárias.

Ver a naturalização de centenas de mortes por dia é algo que também tem me incomodado bastante. Eu realmente não entendo o que faz as pessoas serem tão egoístas ao ponto de festejarem - sei lá o que - enquanto famílias enlutadas choram os seus mortos. Se torna até uma dor extra: a negação compartilhada da gravidade de uma pandemia. E foi navegando pelo site *Jornal do Commercio*, de Pernambuco, que me deparei com relatos de pessoas que perderam seus familiares para a Covid-19. Um deles era sobre a dona Lenira, de 102 anos.

“Ela não melhorava, mas também não piorava. Isso nos enchia de esperança. Porque ela sempre foi muito apegada à vida. Se não fosse o vírus, teria vivido mais uns bons anos”, disse o neto de dona Lenira, João Paulo. Esse não é um caso isolado, nem apenas um número, é uma vida perdida assim como outras milhares e milhares, com histórias, familiares, sonhos e anseios. Do rico ao pobre, do jovem ao idoso, do doente ao saudável, do crente ao ateu.

O vírus não poupou nenhum e ainda há quem duvide da sua gravidade. Enquanto uns preferem ignorar e “tocar a vida”, dores reais são enfrentadas e só o que ficam são as lembranças e o desejo de um último adeus.



Raios de luz

Lucas Emmanuel Lima Pinheiro (Iguatu/CE)

Orientação: Débora Fernandes

Maria Fernanda

Paloma Ribeiro

Sarah Gonçalves

No ano de 2020, uma pandemia se alastrou pelo mundo, causada pela doença denominada COVID19. Resultando no enfrentamento de vários problemas, tais como o número de mortes no município de Iguatu que segundo os dados do site da Prefeitura de Iguatu registrou no mês de dezembro 4,644 casos confirmados da doença e 97 óbitos. Desde o início da pandemia, já são 3,801 infectados curados e outros 739 estão em isolamento domiciliar.



<http://blogs.diariodonordeste.com.br/centrosul/cidades/feiralivre-deiguat-u-mantem-tradicao-e-atrai-consumidores-aosabados/31202>

Citaremos, assim, um grupo de pessoas que enfrentaram problemas econômicos em meio à pandemia: os vendedores autônomos, classe mais afetada. Eles precisaram se adaptar as dificuldades como perda de mercadorias, dificuldade para alimentar as suas famílias e ainda conseguir dinheiro para suprir suas necessidades básicas, pois sua única fonte de renda era tirada dessas vendas no centro da cidade. Nesse sentido, muitos vendedores foram prejudicados por conta do isolamento e tiveram que recorrer a novos recursos e inovações como a ideia de vendas online por meio das redes sociais. Contudo, nem todos tiveram esse privilégio, já que uma parte deles não dispunha de acesso à internet. Além disso, outra classe bastante prejudicada são as pessoas que estavam na linha de frente da pandemia, como os médicos e os enfermeiros. Estes não podiam ver seus familiares por conta da

sobrecarga de trabalho, bem como pelo medo de que seus familiares fossem contaminados.

Em meio à pandemia, tivemos um crescimento pessoal que jamais teríamos se por acaso estivéssemos vivendo dentro da normalidade. Fomos nos encontrando, conquistando coisas novas e tendo novos planos diante desse novo vírus. Ademais, vivemos um isolamento social por quase um ano, tivemos que conviver mais com a gente mesmo, com a família, e por isso, mudar alguns hábitos. Tivemos que saber mais sobre nós e também rever os nossos limites, e dessa forma, evoluímos muito em nosso autoconhecimento. Então, para nós, apesar do distanciamento social, a pandemia nos deixou mais próximos, nos fez crescer, tornando-se assim, uma das nossas experiências mais importantes.

“Quando algo ruim acontece você tem três escolhas: deixar isso definir você, deixar isso destruir você ou fazer isso te deixar mais forte.” (Autor desconhecido)¹

Além dos grupos mencionados anteriormente, nós, alunos, enfrentamos muitas dificuldades. Assim, no começo, o processo foi bem complicado, pois não estávamos acostumados com as aulas remotas. Isso acabou dificultando nosso aprendizado. Mais complicado foi conviver com pessoas da nossa casa que foram infectadas e a cada falta de ar, a cada tosse seca, vinha conosco o medo: se iríamos suportar aquilo, que jamais pensaríamos em viver.

Destarte, a pandemia está difícil para todos nós. Tivemos que tomar várias decisões que não estávamos acostumados, como ficar em casa isolados e o uso de

¹ Disponível em: <<https://www.frasesdobem.com.br/frases-de-reflexao>>

máscara. Tudo para nos cuidar e cuidar das pessoas que amamos, muitas vezes, com isso, tendo que nos afastar deles. Nesse momento, ficar distante é uma prova de amor, de afeto e de cuidado, fazendo com que aprendêssemos bastante com nós mesmos. Embora não saibamos quando isso vai acabar, temos que ter os mesmos cuidados para as pessoas que estão no nosso dia a dia e nós, não nos contaminemos com o vírus.

Esse ano nos ensinou a sermos fortes mesmo com todas as dificuldades, com todos os choros ou mesmo quando o celular desligava na hora da aula. Somado a isso, a angústia de não poder ver quem amamos e o desespero de ver o mundo em uma situação de emergência. Aprendemos a sermos gratos de forma cotidiana. Não foi fácil ter que estudar sobre tanta pressão e angústia, assim nos fortalecemos. Passar mais tempo com a nossa família, nos ajudou a valorizar ainda mais quem está do nosso lado e quem nos ama. Ver inúmeras pessoas perdendo as pessoas que amam, mais de 180 mil mortes, que hoje, são só fotos deixadas diante da falta que elas fazem.



Rendeiras das ondas

Castro Instituto de Educação (Aquiraz/CE)

Orientação: Débora Fernandes

Maria Fernanda

Paloma Ribeiro

Sarah Gonçalves

A pandemia da COVID-19 nos possibilita discutir sobre dilemas éticos, sobre novas formas de relacionamento humano e escancarar as mazelas da nossa sociedade, além de possibilitar a percepção de que não estamos inseridos no primeiro momento “pandêmico” da história e não estaremos no último.



A imagem trás as várias partes da sociedade atual, unidas contra a COVID-19, para que por meio desta união, aconteça a erradicação do vírus, além de trazer representação das principais formas de combate ao Vírus. Fonte: Arquivo Pessoal.

O livro Memórias Póstumas de Brás Cubas desenvolve sua narrativa no período da epidemia de febre amarela no Brasil através da situação dolorosa da perda de Nhã-Loló e assim apresenta a epidemia como algo útil a espécie, embora desastrosa para uma certa porção de indivíduos. Não é muito diferente dos temas tratados no livro “A Fome”, de Rodolfo Teófilo. Na trama, as condições de sobrevivência dos retirantes da seca e o seu cotidiano com a morte são aterrorizantes. Do mesmo modo, durante a pandemia do coronavírus, precisamos conviver com as perdas que se tornam mais difíceis devido as novas formas de relacionamento humano com o distanciamento. O aumento da dificuldade de compartilhar sofrimentos nos provocou

uma grande tensão psicológica.

A filósofa Hannah Arendt afirma que as pessoas são incapazes de fazer julgamentos morais, aceitando e cumprindo ordens sem questionar devido à massificação da sociedade. E, infelizmente, essa é a realidade da posição de vários indivíduos perante à pandemia da Covid-19.

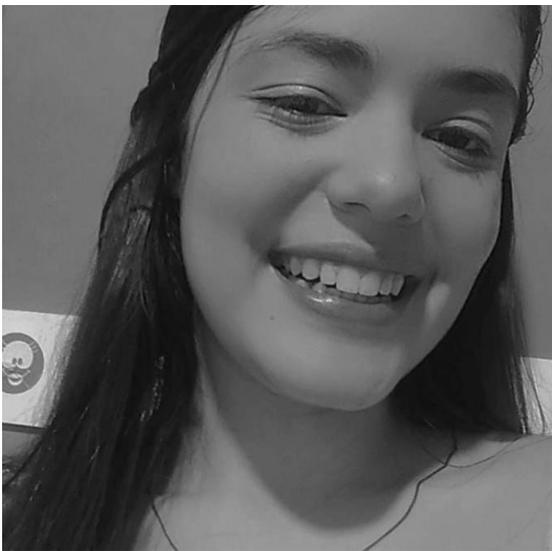
“A COVID-19 deixou o Iluminismo em quarentena e despertou o negacionismo científico, quase inquisitorial.”

Percebemos que as recomendações dos órgãos de saúde, para muitos, são superadas pela influência dos aprendizes de Stálin, que encaram a pandemia como apenas uma “gripezinha” e banalizam as 1,5 milhões de vidas ceifadas, tornando-as apenas “uma estatística” e permitindo assim que o Sars-CoV-2 atuasse do mesmo modo que a Peste Negra em “Máscara da Morte Vermelha”, de Edgar Allan Poe.

Vale ressaltar que os mais afetados negativamente por tal cegueira social são as pessoas de baixa renda por não terem pleno acesso à saúde, à informação e ao saneamento básico de qualidade. Vivemos em um Darwinismo Social em que os menos “aptos” deixam de existir por não serem capazes de se adaptar. Afinal, como manter um isolamento radical se um dia em casa pode representar menos um real? É evidente que o falho sistema capitalista amplia a invisibilidade social de tais indivíduos. Em vista disso, tais apontamentos são confirmados por meio de um estudo do Núcleo de Operações e Inteligência em Saúde tendo como resultado que pretos e pardos sem escolaridade tiveram 80,35% de taxas de morte, enquanto os brancos com

nível superior tiveram 19,65%. Temos a certeza de que há uma cor na letalidade!

Tal situação conturbada resultou em vários questionamentos na sociedade e gerou dúvidas que nem deveriam existir. Desse modo, a COVID-19 deixou o Iluminismo em quarentena e despertou o negacionismo científico, quase inquisitorial, visto que uma pesquisa do Datafolha mostrou que 9% dos 2.065 brasileiros entrevistados dizem que não irão se vacinar contra o novo coronavírus, revelando assim que a desinformação da sociedade, o mau uso das redes sociais e a influência de argumentos errôneos de grupos e chefes nacionais estão formando uma verdadeira revolta da vacina contemporânea. Entretanto, em meio a uma situação de adversidades e angústias também nos surgiu a multiplicação de iniciativas em prol das pessoas em estado de vulnerabilidade na pandemia, revelando a construção do ser social. Nesse sentido, o terceiro setor realiza atualmente um movimento que busca democratizar a pandemia se opondo ao ubupoder dos setores governamentais, mostrando assim que talvez o maior problema esteja no vírus social e não no biológico. Até quando durará a eugenia sistemática revelada pela Covid?



Revolucionárias do Nordeste

Colégio Cientista (Fortaleza/CE)
Orientação: George Oliveira Mota
Letícia Beatriz Aguiar
Elis Ferreira Rodrigues
Thalita Ferreira Pinheiro

Pergunto-me se o mundo ficará da mesma forma depois da Pandemia e escuto a resposta em alto e bom som: Jamais seremos os mesmos.

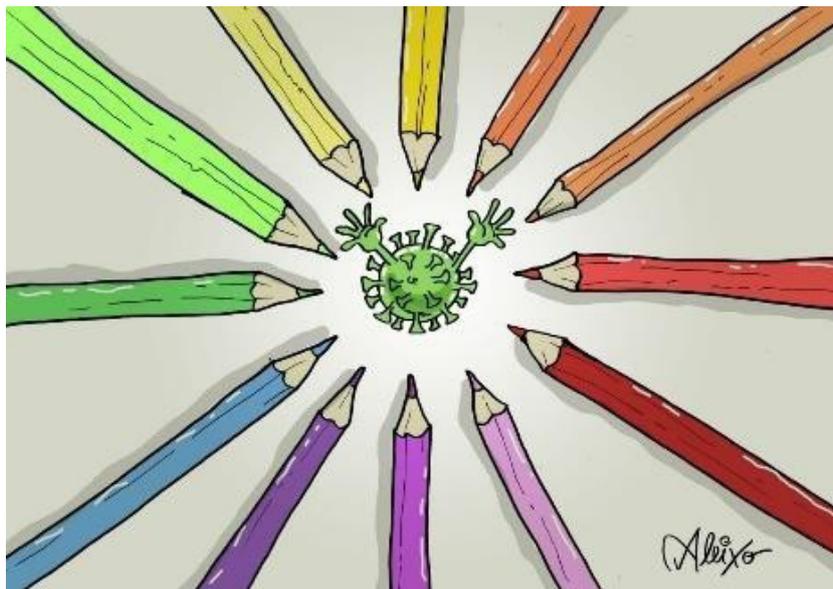
De forma inesperada e sem previsão de retorno à normalidade, nossa sociedade foi afetada em todas as áreas por um inimigo invisível. Em um mundo cada vez mais globalizado, o vírus que teve início na China foi rapidamente disseminado pelo mundo, principalmente por meio do trânsito de pessoas em viagens internacionais, trazendo com ele a necessidade do isolamento social e uma série de mudanças e de adaptações. O tempo, antes escasso, agora era algo que havia de sobra.

Como estudante, não posso deixar de ressaltar que, sem dúvidas, um dos setores mais afetados pela pandemia de Covid-19 foi o da educação. Alunos, pais, professores e os demais funcionários escolares reinventaram-se para conseguir prosseguir com os estudos e o uso da tecnologia foi essencial para esse processo, trazendo novas formas de ensinar e incentivando a criatividade tanto de alunos como de professores.

“Educar não é repetir palavras, é criar ideias.” (CURY, 2003, p. 34).

A rotina foi alterada, pois, as relações sociais e a convivência física diária tiveram de ser substituídas pelo espaço virtual. Essa centralização do cotidiano no mundo virtual trouxe uma série de dificuldades. Muitas vezes sentindo-se incapacitados, ouvi relatos de vários professores que tiveram grande dificuldade em adaptar-se ao ambiente tecnológico.

Figura 1 - “Ciência e educação contra o Coronavírus”.



ALEIXO, Cláudio. “Educação X Pandemia”. Twitter, 2020. Disponível em: https://twitter.com/ClaudioAleixo_/status/1283757015219802112?s=19. Acesso em 11 dez. 2020.

Além disso, um paralelo interessante é o da experiência entre alunos da rede particular e da pública, mostrando as diferentes perspectivas do EAD.

Segundo pesquisa pessoal feita entre alunos de Fortaleza, os da rede particular, na grande maioria, tiveram aulas online diárias e conseguiram manter certo nível de organização. Já os da pública, arcaram com a responsabilidade de estudar apenas com várias atividades, mas sem aulas. Para ambos, a falta de concentração e o alto tempo de exposição às telas foram os maiores problemas, além da falta de recursos e de ambiente adequado para os estudos.

Em um país como o nosso, com grande desigualdade social e um sistema de ensino ainda precário, a dependência da tecnologia para estudar trouxe prejuízos para uma grande parcela de estudantes, principalmente os da rede pública de ensino. Segundo dados de 2018 do IBGE, uma em cada quatro pessoas no Brasil não tem acesso à internet. A realidade da pandemia, não muito diferente da observada na pesquisa, mostra que

apesar dos esforços muitos foram prejudicados com a falta de aulas e enfrentarão dificuldades para ingressar na faculdade, trazendo em pauta inclusive o adiamento do Enem, assunto que gerou grande polêmica nas redes sociais.

É em situações como essas que percebo que além das dificuldades relacionadas à tecnologia e a infraestrutura, a saúde mental também foi um fator que contribuiu para que muitos pensassem em desistir.

Segundo estudo da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), os casos de ansiedade e estresse mais do que dobraram e os de depressão tiveram um aumento de 90% durante a pandemia. A sobrecarga de atividades, o confinamento e o medo geraram altos níveis de estresse.

Contudo, apesar de tantas dificuldades enfrentadas, a Pandemia também foi, acima de tudo, uma forma de aprendizado. Trouxe uma nova visão de mundo e uma noção cada vez maior dos privilégios e desigualdades da sociedade.

Coisas antes consideradas banais passaram a ter grande relevância e nunca o contato físico teve tanta importância como durante o isolamento social. Será que a situação fez jus ao ditado popular: “Só se dá valor quando perde”?

Agora, nos resta, a mim e a você, caro leitor, esperar que as habilidades e os aprendizados desenvolvidos durante esse momento de crise e de reflexão perdurem após a pandemia, levando às gerações futuras a importância de valorizar a vida.



Sábios pereirenses

EEM Virgílio Correia Lima (Pereiro/CE)

Orientação: Francislene Gabriel Moura

Vitor Manoel da Silva

Wandeiza Nunes de Lima

Hugo Ismael Martins de Lima

Somos estudantes do Virgílio Correia Lima, no início da pandemia as únicas coisas que conseguimos pensar era na família, o medo de sermos infectados, um turbilhão de sentimentos. A escola já não abria, as lojas, as igrejas...

Iniciamos o ensino remoto, no início estava não tão ruim mas era algo novo e de difícil entendimento, a o longo passamos a conseguir tirar um aprendizado, e chegamos ao fim. Ao fim do ano letivo, porém o vírus que infecta a todos ainda não foi embora vacinas estão sendo testada a aflição nós entristece, será que ano que vem iremos reencontrar nossos amigos ? dar aquele abraço tão esperado em nossos avós ? sair de casa sem a necessidade do uso das máscaras ? Abraçar bem forte quem amamos ? Isto é algo que só o tempo dirá...



Período de quarentena em virtude do Coronavírus pode contribuir nos estudos
(Foto: Pixabay)

Em primeira instância, o vírus é algo muito novo... pouco sabíamos sobre o que ele realmente se tratava, muitos estudos foram feitos a respeito e, com o tempo, algumas medidas foram tomadas! Estas acabaram por afetar diretamente nossas vidas e, passamos a nós adaptar a este “novo normal”. No entanto, todas as medidas de segurança não são tão eficazes: faz-se necessário o isolamento social e o distanciamento (estas

muitas vezes são desrespeitadas) e, a própria população acaba pagando o preço.

No entanto, a medicina avançou de maneira esplêndida! A pandemia fez com que as pesquisas e as indústrias farmacêuticas passassem por um avanço de grande proporção. E, com isso, encheu-se de esperança cada cidadão, pois a cura estava á caminho, a população mundial espera ansiosa por este momento.

Portanto, há probabilidade que vacinas sejam disponibilizadas no final do ano de 2020 no início de 2021 que aos poucos vá voltando a normalidade. Os governos ao redor do mundo estão buscando uma solução, para uma retomada certa das atividades econômicas para evitar novamente o fechamento forçado.

Conseqüentemente os próximos anos serão fundamentais para o equilíbrio econômico volte ao patamar desejado, as contas feitas pelos governos sejam quitadas, para que haja crescimentos, produzindo o aumento financeiro e diminuído a desigualdade social. Mesmo com toda a vil tristeza, a felicidade e a vida normal, retornará á todos.

“Se depois dessa pandemia não nos tornamos pessoas melhores, então não teremos aprendido nada da vida.”¹

¹ Disponível em: <https://m.facebook.com/obras.sustentaveis/photos/a.664805096889023/2743908122312033/?type=3&source=48&__tn__=EH-R>



Sangue latino

EEFM Doutor Gentil Barreira (Fortaleza/CE)

Orientação: Marisnanda Mota Araújo

Antônio Levi Nogueira e Silva

Patrik Kauã Firmino Pinheiro

Rayane Gomes Mesquita

Pandemia: nunca ouvimos tanto uma palavra. Pesquisamos preocupados sobre o assunto, sentimos de perto a aflição do que ele representa, seja pelo adoecimento físico ou mental ou ainda a morte de nossos amigos, de familiares, de ídolos das artes, de heróis de uniforme branco (os grandiosos profissionais da saúde) ou de guerreiros do conhecimento (os professores, diante dos desafios das aulas virtuais). Ficamos paralisados pela nossa vulnerabilidade diante de um vírus até então ininteligível, em plena mutação, desafiando as redes de saúde.

Se, há pouco mais de um século, o Brasil enfrentou sua última pandemia (a gripe espanhola de 1918), parece que não aprendeu bem as lições para enfrentar uma nova calamidade de saúde pública. No livro recentemente publicado, Schwarcz e Starling (2020) trazem um panorama de um Brasil despreparado diante daquela “bailarina da morte”: “inexistia uma ação nacional coordenada e permanente no campo da saúde pública para atender um país que entrou muito enfermo nas primeiras décadas do século XX”. Eis um retrato de um país que segue até hoje sem uma articulação nacional para enfrentar grandes desafios da saúde. Depois de 102 anos da gripe espanhola, em 11 de março de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarava que o mundo estava enfrentando uma nova pandemia: a de Covid-19, doença causada pelo novo coronavírus (Sars-Cov-2). Dias depois desse anúncio, o Ceará passou a ser o estado do Brasil mais afetado pelo vírus, contabilizando ao final de 2020 cerca de 9.700 mortes, ficando abaixo apenas para Rio de Janeiro e São Paulo. Nesse contexto, sobressaiu o descaso do então presidente da República, Jair Bolsonaro, que tinha atribuições constitucionais para zelar pela saúde do povo brasileiro.

Figura 1 - Governo Bolsonaro: olhos vendados para a Covid-19



Fonte: PODER 360, 2020.

de uma UTI, com o tão necessário respirador, ou então hospitalizado, em total isolamento.

Cada frase estúpida (“E daí”? / “é só uma gripezinha”/ “ Quer que eu faça o quê?”/ “Eu não sou coveiro”/ “Todo mundo vai morrer um dia”) de Bolsonaro simbolizava golpes ainda mais dolorosos em quem estava à espera

“Quando líderes banalizam a pandemia ou a dor de milhões que lhes foram confiados, por meio do voto nas urnas, expressam uma política que ceifam vidas”.

Essa crueldade ritualizada pelo presidente reflete bem o que Arendt (2013) denominou “banalidade do mal”. Nesse raciocínio, quando líderes banalizam a pandemia ou a dor de milhões que lhes foram confiados, por meio do voto nas urnas, expressam uma política que banaliza vidas, demonstrando uma crueldade ilimitada e retirando-nos a crença no futuro de nossa humanidade.

Quando líderes banalizam a pandemia ou a dor de milhões que lhes foram confiados, por meio do voto nas urnas, expressam uma política que ceifam vidas, demonstrando uma crueldade ilimitada e retirando-nos a crença no futuro de nossa humanidade.

Diante de tantas perdas e lutas contra uma pandemia que muito nos atingiu, é imperativo, também, aplaudir quem lutou bravamente e fez história em 2020: os profissionais da saúde e os da educação, que, respectivamente, resgataram vidas e possibilitaram a fortaleza do conhecimento, o qual regenera nosso humanismo e nos coloca vigilantes na defesa da ciência e da pesquisa.

Referências

ARENDDT, Hannah. *Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal*. 16ª reimpressão. São Paulo: Cia das Letras, 2013.

SCHWARCZ, Lilia Moritz; STARLING, Heloisa Murgel. *A bailarina da morte: a gripe espanhola no Brasil*. São Paulo: Companhia das letras, 2020.

VICTOR, Nathan. Bolsonaro e ministros usam máscara de forma inadequada em entrevista. *PODER 360*, 18 mar. de 2020. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/coronavirus/bolsonaro-e-ministros-usam-mascara-de-forma-inadequada-em-entrevista/>. Acesso em: 08 mar. 2021.



Sans Carlotas

Centro de Educação Básica e Profissional Professor Luciano Feijão
(Sobral/CE)

Orientação: Luís Carlos de Souza Lima

Isabel Cileide Frota Menezes

Edla Gomes Castro

Júlia Prazeres Bomfim

Dois pesos, uma medida. Essa é a constante luta entre a maternidade, trabalho e as desigualdades de gênero vividas pelas mulheres na pandemia. É evidente a necessidade e constante preocupação com as medidas de segurança e o isolamento social. Porém, a realidade não contada das mulheres brasileiras é a dificuldade de se adaptar a essa nova rotina, com filhos, trabalho em casa e a incerteza sobre os próximos dias. Como equilibrar tudo isso?



Fonte: SOF- Sempreviva Organização Feminista de Gênero e Número. Índices definem a situação em relação ao trabalho feminino na pandemia.

A resolução é difícil, visto que, tradicionalmente, as mulheres sempre tiveram dupla jornada, entre a casa e o trabalho, ademais a pandemia de COVID-19 ampliou esse problema. Na história da humanidade as mulheres nunca tiveram uma valorização de seus trabalhos. A coleta e a agricultura, que revolucionou a humanidade, foi tarefa feminina, dividida com a obrigação de cuidar da prole. Foi só com a Revolução

Industrial, com a falta de mão de obra, que abriram espaço para elas começarem a vida em algum emprego formal. Você, leitor, talvez não entenda o quão difícil foi para as mulheres terem um emprego fixo e estável hoje.

Isso aconteceu após anos de luta, e agora a pandemia põe essas conquistas em risco. A difícil conciliação entre o mercado, a vida doméstica e os estereótipos do sistema patriarcal, que inferioriza a capacidade feminina, torna a situação cada vez mais dolorosa de se lidar.

Segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNADC), 7 milhões de mulheres abandonaram o mercado de trabalho na última quinzena de março, no início da quarentena, no Ceará.

Ah, quem dera isso fosse porque elas tiveram uma oportunidade melhor. Mas, não. Com creches e escolas fechadas houve uma necessidade de cuidar dos filhos por não ter onde ou com quem deixá-los. São as mulheres que abandonam os empregos porque os parceiros não aceitam assumir o trabalho doméstico ou são ausentes na criação dos filhos. Isso contribui para o alargamento das barreiras entre a igualdade de gênero. Se ganhasse direitinho a pensão... Se recebesse um melhor salário...

Então, vem o famoso auxílio emergencial. As mulheres são prioridades, mas as dificuldades crescem. Mulher, mãe solteira, professora ou faxineira, são supridas com

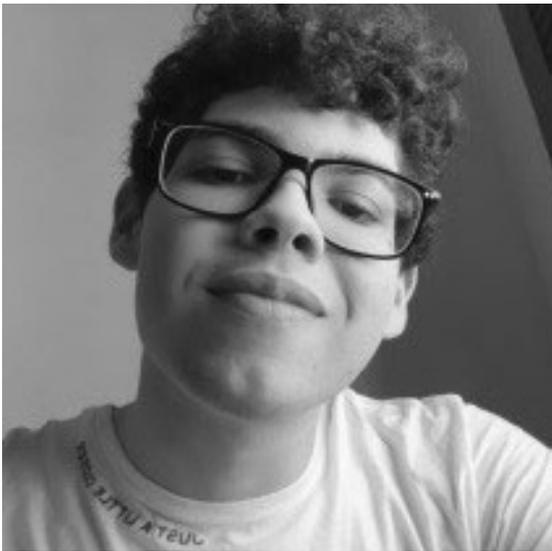
600 reais para compor uma renda e sustentar o filho. “Mas eu não tenho internet em casa, vou conseguir suprir as aulas virtuais dos filhos?” Tem que dar um jeito. “E se o dinheiro só cair no próximo mês?” Passa com o que já tem em casa. É, esse dinheiro a mais que as mães solteiras recebem são uma forma de tapar o buraco de anos de lutas sociais, da falta de representatividade e as dificuldades do dia a dia de tantas guerreiras.

Não é só uma luta para ter o direito a um trabalho digno, mas também para ter uma vida digna e, o mais importante, consolidar todas essas conquistas. “Ah, mas você vai ter mais tempo com o marido, aproveita a família!”. E assim ele ia perdendo a paciência. Primeiro foram os gritos. “Poxa, podia ser um pouco menos autoritário?” Os gritos não bastaram. Ele começou a te bater. E eram cada vez mais feridas no seu corpo, mais choro em silêncio. E nem ouse contar pra sua vizinha, se não ele te mata! Uma ameaça por cima da outra. A violência doméstica teve extremo aumento na pandemia. Pois na quarentena, de acordo com a Defensoria Pública, 90% das violências contra a mulher ocorreram dentro de casa, no Ceará.

Ao contrário do que se impõe, a violência doméstica não é uma situação em que mulheres gostam de estar, mas sim um ciclo que começa com o abalo emocional até o físico. Presas devido ao distanciamento social, sem contato físico, sem formas de buscar ajuda, o agressor sai impune e a vítima continua se afundando nesse cenário de vulnerabilidade.

Logo, a pandemia não criou problemas, mas os escancarou, principalmente, para nós, as mulheres. A quarentena e as medidas preventivas acabam sendo obstáculos para a liberdade individual. Então caro

leitor, se faz importante a necessidade de prezar a independência e reforçar a valorização da capacidade feminina entre as próprias mulheres, como forma de fazer com que todas entendam a importância da sororidade na sociedade patriarcal. Como afirma a socióloga Simone Beauvoir, “O opressor não seria tão forte se não tivesse cúmplices entre os próprios oprimidos”.



Sertão veredas

Colégio Teleyos (Fortaleza/CE)

Orientação: Carlos Henrique

João Guilherme

Thiago Caliel

João Victor

Vivemos atualmente em um paradoxo baseado na preocupação e na empatia ao próximo. A vida e o bem-estar do outro se tornaram de suma importância para todos durante a pandemia do novo coronavírus.

Sem dúvidas, nós esperávamos que 2020 seria um ano próspero para muitas pessoas, mas a realidade nos mostrou que o ano marcaria a vida de todos de uma maneira pouco agradável. Apenas após a 1ª morte ser confirmada, em 12 de março, foi que o Brasil entrou em quarentena para tentar diminuir o número de infecções, dia posterior ao que a Organização Mundial da Saúde declarou pandemia devido ao Sars-Cov-2. O posicionamento de nossos representantes estaduais para proteger a população foi duramente criticado pelo Presidente da República, que não concordou com a quarentena e com o isolamento social. Para ele, a doença não passava de uma “gripezinha”, porém já são quase 200 mil brasileiros mortos e, enquanto muitos diminuem o potencial de infecção do vírus, milhares de histórias são perdidas pelo Covid-19.



A imagem mostra o coronavírus repreendendo o Presidente por diminuir o risco da doença. Disponível em: <https://angelorigon.com.br/2020/07/08/charge-1682/>.

O número de mortes diárias foi um fato que amedrontou grande parte dos brasileiros, famílias

foram perdendo seus integrantes de uma maneira rápida e surreal, com a tristeza e a sensibilidade dominando aqueles que estão na linha de frente no combate à doença. Nós, cidadãos que não atuamos na área da saúde, só poderíamos respeitar os decretos estabelecidos e manter o distanciamento daqueles que nos amam.

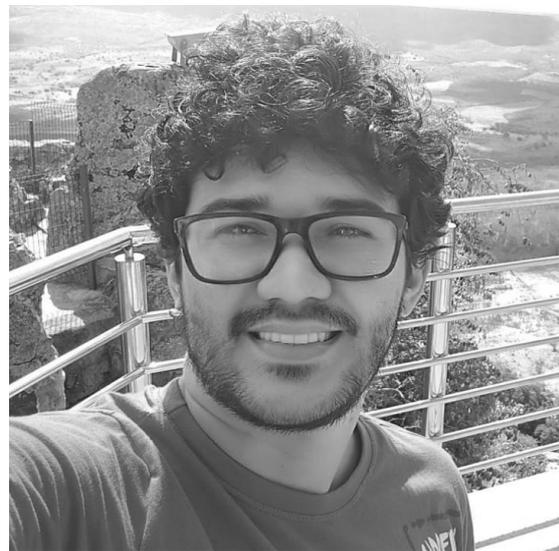
O crescente número de infecções no país tem uma ligação direta com a condição socioeconômica da nossa população, pois essa doença entrou no Brasil por meio de pessoas que têm maior poder aquisitivo. A chegada do coronavírus ao Ceará aconteceu exatamente por isso, um cidadão viajou para a Europa e retornou ao Brasil com suspeita de infecção. Entretanto, porém essa realidade afeta mais pessoas de poder econômico baixo, evidenciando a desigualdade social. As pessoas de áreas periféricas que trabalham para os mais ricos têm que se deslocar de um bairro a outro por meio do transporte coletivo, que, geralmente, é superlotado, aumentando o risco de exposição ao vírus. Isso nos mostra que os mais atingidos e os que mais morrem são pessoas pobres. Cidadãos que não têm condições de pagar um plano de saúde ou comprar produtos recomendados para evitar a contaminação e a propagação do vírus. Essa pandemia revelou da maneira mais cruel que as injustiças do nosso sistema trabalhista afetam exacerbadamente a economia, deixando rastros incontáveis e insanáveis na sociedade, porém precisou que uma pandemia nos acontecesse para termos consciência de que estamos em uma crise que está longe de terminar.

No século XIX, Rodolfo Teófilo datilografou diversos relatos sobre a epidemia de varíola que aniquilou, também, o Ceará na sua época. Em um deles, ele relata o seguinte: “A confusão foi então horrível, e o pânico tudo avassalou. A população inteira desvairou-se,

como um bando de aves bravas que fosse alcançado à noite no quieto pouso pela ofuscação do facho de astuto caçador”. Enquanto Rodolfo, um sanitarista, incentivava as pessoas a tomarem a vacina para controlar a calamidade pública, os representantes do Ceará tentavam calá-lo. Apesar de o relato ser antigo, a mensagem que é transmitida se encaixa perfeitamente no contexto atual. Nossa sociedade está mergulhando em caos, pessoas estão com medo de ser alcançadas pelo novo coronavírus e de passar a doença para outras, enquanto o Governo ainda não se importa com severidade em relação ao vírus.

“A confusão foi então horrível, e o pânico tudo avassalou. A população inteira desvairou-se, como um bando de aves bravas que fosse alcançado à noite no quieto pouso pela ofuscação do facho de astuto caçador.” (Relato de Rodolfo Teófilo sobre a epidemia de varíola no Ceará)

A pandemia e a crise sanitária no país estão longe de terminar, enquanto os nossos políticos, não apenas cearenses, mas, também, do Brasil, não reconhecerem que tudo que eles fazem em prol deles mesmos reflete diretamente no país em sua totalidade. Essa realidade é evidenciada pelo sociólogo Zygmunt Bauman, em seu conceito de Modernidade Líquida, em que tudo o que as pessoas fazem ou deixam de fazer tem impacto direta ou indiretamente sobre todos os indivíduos que vivem em sociedade. Enquanto os representantes continuarem incentivando a saída das pessoas de suas casas, os brasileiros continuarão sendo expostos e nós não iremos conseguir sair dessa devastadora situação de calamidade pública e de crise socioeconômica no país.



Soldadinhos

EEEP Governador Virgílio Távora (Crato/CE)

Orientação: José Claudio L. Gonçalves

Hildegardis da C. L. Ferreira

Ana Thereza P. Damacena

José Rayan de M. Carvalho

Desde o início do ano de 2020, um evento de dimensões incomensuráveis afetou a população mundial. Sem distinção de classe, raça, gênero ou orientação sexual, a Pandemia da SARS-Covid 19 afeta todos(as) nós.

Figura 1 - O uso de máscaras é recomendado para todos(as), sem qualquer distinção

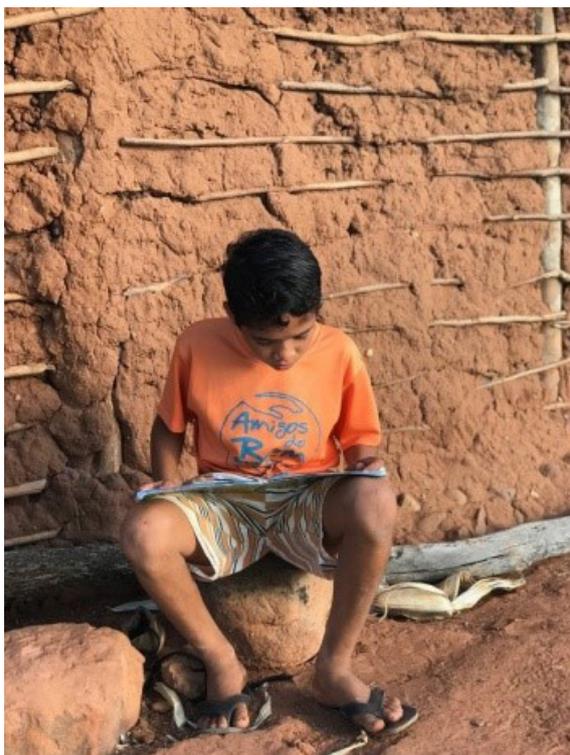


Fonte: <https://www.al.ce.gov.br/>

Tendo em vista que o Governo Federal não vem tomando atitudes concretas e precisas para conter a verticalização da curva de contágio, o número de casos cresce de maneira descontrolada no Brasil, infectando a população e tirando tragicamente, a vida de milhares de indivíduos diariamente.

Enquanto determinados políticos subestimam a gravidade da doença a chamando de “gripezinha” ou promovem o negacionismo da Pandemia, com um teor até cômico, faltam diversos medicamentos, leitos de UTI, equipamentos de proteção para os(as) agentes da saúde e estrutura para atender os(as) contaminados em todos os estados. De maneira mais objetiva, um dos principais grupos afetados pela Pandemia somos nós, estudantes. O ambiente escolar teve de ser fechado e a nossa casa se transformou em sala de aula.

Figura 2 - Aluno de escola pública estudando em casa na Pandemia



Fonte: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2020/05/05/sem-internet-merenda-e-lugar-para-estudar-veja-obstaculos-do-ensino-a-distancia-na-rede-publica-durante-a-pandemia-de-covid-19.ghtml>

A classe estudantil enfrentou e ainda enfrenta diversos problemas para conseguir estudar e aprender o conteúdo pela tela de um computador ou celular. Sem falar que, muitas vezes, nem mesmo tais aparelhos tecnológicos ou a internet são de fácil acesso para a realidade social dos(as) alunos(as) que, na grande maioria, são filhos(as) de trabalhadores(as) e vivem em famílias de baixa renda.

“Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção” (Paulo Freire).

Além, das dificuldades do ensino remoto por conta da falta de acesso democrático a tecnologia e a ausência de um espaço físico adequado para se estudar dignamente, somam-se ainda as relações tóxicas. Passaram a ser mais frequentes discussões e conflitos em nossos lares que, resultantes e/ou potencializados pela Pandemia, envolve-nos ainda mais num cenário de incertezas e ansiedade em relação ao futuro. Isso, somado às medidas de isolamento social e de lockdown, muito necessárias, mas que nos impossibilita de irmos a uma praça, tomarmos um ar fresco, ter um lazer público para aliviar.

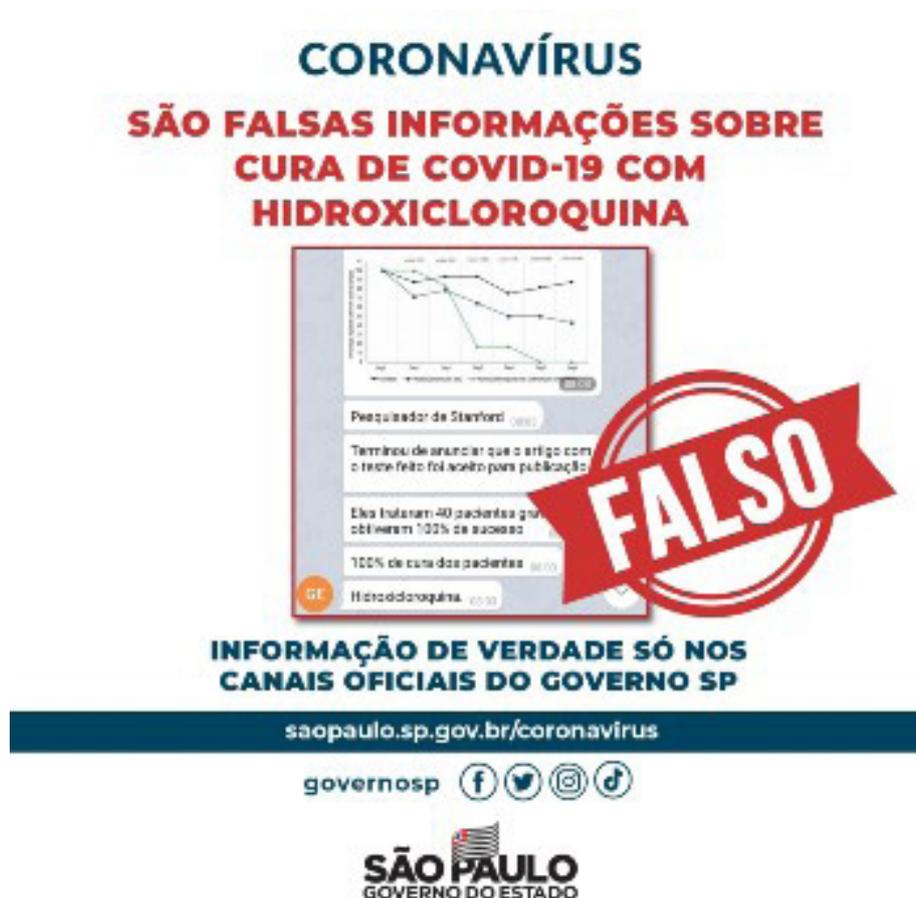
Figura 3 - Importância do distanciamento social



Fonte: <https://www.ceara.gov.br/2020/06/08/taxa-de-transmissao-em-fortaleza-e-a-menor-desde-inicio-da-pandemia/>

Do mesmo modo, o isolamento tem alterado a nossa forma de ver o mundo. Dentro de casa, somos atingidos por notícias a todo o momento. Também, vemos a desinformação, por meio de Fake News, que de forma antiética e de uma irresponsabilidade social extrema buscam confundir a população.

Figura 4 - Fake News sobre cura da SARS-Covid 19



Fonte: <https://www.saopaulo.sp.gov.br/spnoticias/coronavirus-sem-fake-no2-remedio-suspensao-de-aposentadoria-e-gargarejo/>

Contudo, não podemos deixar de citar a respeito das milhares de pessoas curadas por meio do SUS e a existência de inúmeros esforços científicos para a produção e distribuição de vacinas ao redor do mundo, com uma visão positiva, acredita-se que logo chegará ao Brasil. Além disso, profissionais engajadas, éticos e comprometidos com a prevenção responsável e com a solidariedade nos faz acreditar na atuação do ser humano como sujeito histórico que pensa coletivamente.

Por fim, jovens estudantes usando as redes sociais para manifestar reflexões, sensibilizar, informar e reivindicar direitos e melhores condições de vida, também, nos deixam mais esperançosos de que a as vivências da

Pandemia, juntamente com a perspectiva de uma educação menos exclusiva, transforme-nos em pessoas mais conscientes individual e coletivamente.

Figura 5 - Estudantes de escola pública se manifestam pelo adiamento do Enem no contexto da Pandemia



Fonte: <https://projeto colabora.com.br/ods4/o-enem-da-desigualdade-as-diferentes-preparacoes-de-alunas-de-rede-publica-e-particular-durante-a-pandemia/>



Soldadinhos do Vale

IFCE (Juazeiro do Norte/CE)
Orientação: Gagarin da Silva Lima
Deyvid Gomes Batista
Gustavo Levi Silva
Luana da Costa Peireira

Decretada no dia 11 de março, pela Organização Mundial da Saúde (OMS), como pandemia, o novo coronavírus. No dia 16 de março, por meio do decreto nº33.510, foi decretado situação de emergência na saúde no estado do Ceará.



Trazendo uma mulher dentro de alguma caixa, isolada, a imagem representa o isolamento social provocado por esta pandemia Fonte: <https://bitlybr.com/7NtL>. Acessado em: 15/12/2020

Até que ponto o final desse isolamento social, provocado pela pandemia do novo Coronavírus, terá afetado a economia e o psíquico humano?

Segundo António Guterres, Secretário-geral da Organização das Nações Unidas (ONU), alerta que “Mesmo quando a pandemia estiver sob controle, luto, ansiedade e depressão continuarão afetando pessoas e comunidades”.

O Ministério da Saúde, em pesquisa realizada durante a pandemia do novo Coronavírus sobre a saúde mental da população, em seu resultado preliminar¹, afirma que a ansiedade é o transtorno mais presente e que mais de 80% dos entrevistados afirmam ter desenvolvido ansiedade nesse período.

Aqueles que desenvolveram problemas psicológicos e/ou psiquiátricos, estão correndo risco de ficarem sem tratamento adequado, já que o governo federal planeja fazer uma revogação de 100 portarias do Ministério da Saúde sobre saúde mental. Caso venha a se concretizar, programas e serviços importantes do SUS (Sistema Único de Saúde) seriam prejudicados, como o fechamento de CAPS (Centro de Atenção Psicossocial) e o serviço Residencial Terapêutico.

***“Mesmo quando a pandemia estiver sob controle, luto, ansiedade e depressão continuarão afetando pessoas e comunidades”
(António Guterres, secretário-geral da ONU)***

Essa atitude tomada em período de grande impacto na saúde mental da população, é no mínimo irresponsável e torna visível a responsabilidade do Presidente da República Jair Bolsonaro sobre as vidas que serão atingidas e perdidas por conta da revogação dessas portarias.

Nós, redatores desta coluna, desenvolvemos ansiedade durante o isolamento social, a mesma foi agravada pela falta de contato pessoal com nossos amigos, pois houve suspensão de aulas presenciais. Cada um de nós tivemos um nível de ansiedade diferente e maneiras de lidar com isso.

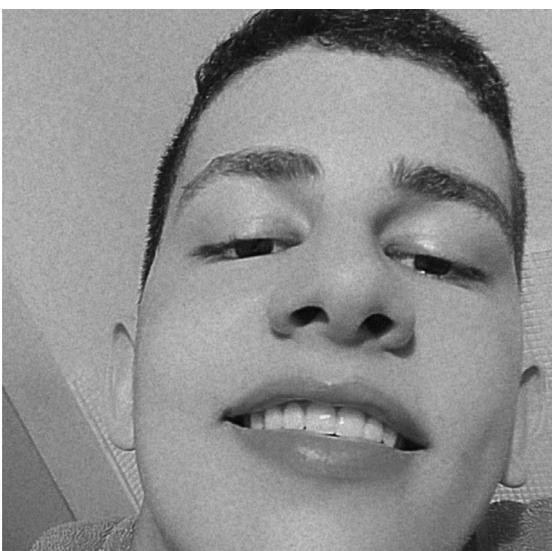
Gustavo Levi, membro desta equipe, afirma ter sentindo muita pressão neste período de isolamento, devido a suspensão das aulas presenciais - além da incerteza de quando voltaria à “normalidade” - essas questões fizeram com que tivesse crises de ansiedade.

A piora da saúde mental em nossa população é algo preocupante, e que foi agravada devido à pandemia, como mostra a pesquisa sobre saúde mental da população brasileira, ainda mais quando este problema envolve os estudantes. Nós, estudantes, estamos sendo pressionados para que continuemos com os estudos mesmo sem termos condições psicológicas para tal.

Vivemos uma crise humanitária e sanitária que nunca antes na história recente do Brasil havia ocorrido. É necessário refletirmos sobre esse momento histórico, para saber como agir na próxima pandemia e principalmente, sobre a importância de estudar a história para que ela não volte a se repetir.

Referências

BRASIL. *Resultados preliminares de pesquisa sobre saúde mental são divulgados*. Disponível em: <<https://bitlybr.com/5rGVip8s>> Acesso em: 12 de dez. de 2020.



Subidores do Horto

IFCE (Juazeiro do Norte/CE)

Orientação: Gagarin da Silva Lima

Michel Ângelo Santos Pinheiro de Melo

Pedro Henrique Leite Gomes

Pedro Edson Cardoso Bandeira Almeida

Com a chegada do novo vírus Sars-CoV-2, da família coronavírus, as instituições viram-se forçadas a redefinir seu funcionamento, atendendo às medidas de segurança recomendadas pela Organização Mundial da Saúde (OMS). Com o aumento do número de casos, fez-se necessário intensificar as medidas para o enfrentamento da situação. Segundo o Decreto Estadual nº 33.519, de 19 de março de 2020, foram suspensas as atividades na maioria dos estabelecimentos comerciais, assim como nas escolas públicas e particulares do Ceará.

Dada a emergência, as redes de ensino tiveram suspensas as aulas presenciais. Para conter os prejuízos, as escolas recorreram à tecnologia para a realização das atividades no meio virtual.

A modalidade remota trouxe consigo novos problemas, como a utilização excessiva de atividades para compor a carga-horária das disciplinas. Tal medida, entretanto, não transpareceu eficácia, visto que a responsabilidade de boa parte dos alunos transcende a sala de aula. O contato com o ambiente familiar em tempo integral trouxe de volta afazeres domésticos que, no período regular, seriam sobrepostos pelo dia letivo.

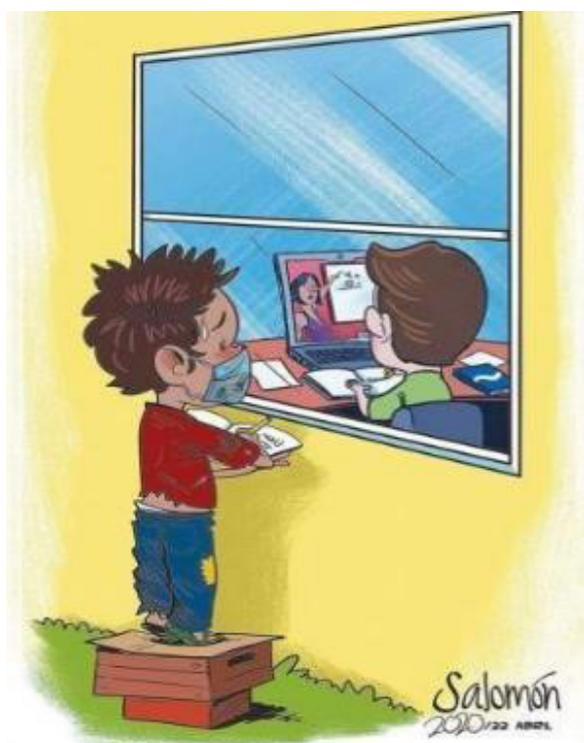
Ademais, a exigência de competências tecnológicas para o bom uso das plataformas on-line fez com que muitos professores, precisando agora adaptar suas metodologias, demorassem para aderir à nova modalidade.

Outro obstáculo para a aplicação dessa metodologia é a conectividade:

“Cerca de seis milhões de alunos brasileiros não têm acesso à internet”.

Tal estatística, proveniente de um levantamento feito pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), publicada no dia 2 de setembro de 2020, atesta ainda que, destes cerca de 6 milhões de alunos, 5,8 milhões são de escolas públicas, o restante composto de instituições privadas. Escancara-se, portanto, a desigualdade entre os dois segmentos.

Figura 1 - Imagem que retrata a desigualdade de acesso à educação, no contexto da pandemia



Autor: Salomón. Disponível em: <https://bityli.com/HL6LN>. Acesso em 14/12/2020

No cenário das aulas remotas, a posse de dispositivos eletrônicos apropriados não é universal. O IFCE, por meio de ação coordenada pela reitoria, adquiriu 4.500 tablets destinados aos alunos de baixa renda para garantir a continuidade do processo educacional.

Nossa colega Vanessa (nome fictício), aluna do segundo ano do curso técnico integrado em Eletrotécnica, foi contemplada com o dispositivo, o que, segundo ela, lhe assegurou a adequada participação nas aulas remotas.

Um problema adjacente é a interposição do trabalho com os estudos, medida esta necessária no contexto de muitas famílias vulneráveis à crise econômica atual. Como exemplo, o aluno José (nome fictício),

que também cursa o segundo ano do ensino técnico integrado ao médio no IFCE, precisa dividir o tempo entre o serviço de entregador e as aulas, sofrendo com a falta de tempo e com o cansaço. Próximos do término do ano letivo, ainda com pendências em algumas disciplinas, aguardamos informações concretas sobre a possibilidade do retorno das aulas presenciais em 2021. As notícias não são favoráveis nesse sentido, com a autorização concedida pelo Ministério da Educação (MEC) para a continuação das aulas não presenciais até dezembro do próximo ano.

Dentre os danos causados pela abrupta mudança na forma de ensino, foi muito comum manifestarmos oscilações de humor, ansiedade e estresse decorrentes da combinação do isolamento social com o ensino remoto.

Nossa perspectiva para o futuro é o surgimento de uma modalidade híbrida, que reúna as facilidades das plataformas modernas com a solidez do ensino presencial, e que, com o aprendizado decorrente dos erros agora cometidos, possamos contribuir para uma educação mais eficaz e inclusiva.



SuperAG

EEM Angélica Gurgel (Fortaleza/CE)
Orientação: Cintielena Holanda Costa
Aláide Maria Chaves
José Airton Alves Rodrigues Junior
Maria Edwirgens de Sousa Damasceno

Em 2020 fomos surpreendidos pelo anúncio de uma pandemia causada por um novo vírus denominado SARS-Cov-2, que afetou e continua afetando o cotidiano de todos os cidadãos do mundo.

A rotina global mudou completamente. De repente, tudo esvaziou. Nossa casa lotou e a comunidade se reinventou. Passamos a ser impactados por ações governamentais, tomadas na tentativa de amenizar o avanço do contágio e salvar o máximo de vidas.

Então nos vimos “trancados” em casa para manter a nossa saúde e a dos nossos entes queridos intactas. Ruas vazias e casas lotadas. Novas rotinas de trabalho e de estudo. O lugar onde antes quase apenas se dormia virou local de estudos, de trabalho, de realizar atividades físicas, virou também local de lazer. Tivemos que reaprender a conviver em família, tivemos que nos reinventar para nos adaptar, aprendendo coisas novas e ressignificando as antigas para aplicar no que hoje é chamado de “novo normal”.

Mas não podemos achar que esse foi o único impacto da pandemia na nossa vida. Nossas famílias se depararam com a diminuição ou com a perda de renda. Tudo fechou: postos de trabalho, escolas, indústrias e escritórios, gerando o aumento dos preços de mercadorias e de serviços.

Foi assim, o vírus impedindo as pessoas de trabalhar e ainda dificultando até para adquirir o que comer.

“De repente tudo esvaziou, nossa casa lotou e a comunidade se reinventou”

Ainda assim, cada um procurou tirar para si o melhor de cada situação, buscando sobreviver. O consumo dos serviços de entrega aumentou de maneira exponencial. Isso fez até o tio da tapioca, que fica ao lado da nossa escola, fazer entregas. Foi a maneira que o comércio local encontrou para não perder tudo. Pessoas em quarentena descobriram novos hobbies, que acabaram se transformando em profissão, complementando renda e trazendo alegria a quem agora realmente trabalha com o que ama fazer.

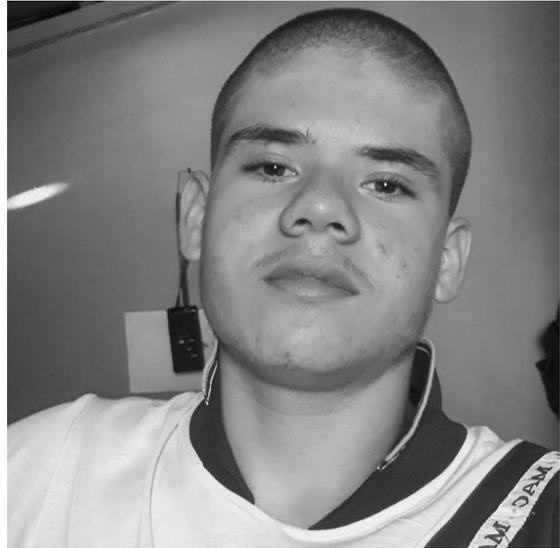
A pandemia também nos fez ver que existe solidariedade no mundo sim. Várias pessoas abriram mão de parte da sua renda para ajudar famílias carentes a se protegerem do Covid-19. Ajudaram com alimentos, com itens de higiene, com atenção e amor. No nosso bairro, Messejana, senhoras costureiras faziam máscaras de pano para distribuir entre aqueles que não podiam comprar. Os professores da nossa escola fizeram uma campanha de doação de produtos de higiene para as famílias de alunos que estavam precisando no momento. E a nossa rua foi tomada pela troca de alimentos e de ajudas, como acontecia antigamente: “Vizinha, tu tem um pouquinho de açúcar que me arranje”? “Maria, me dá um pouquinho de sal!”, “Raimundo, tu vai no mercantil hoje? Compra um álcool gel pra mim, por favor!”

Como sociedade, nossos valores foram fortalecidos, a amizade e a solidariedade se tornaram evidentes novamente. O ser humano enxergando-se no outro, nas suas necessidades mais básicas, as do corpo, ou nas mais profundas, as da alma.

Quando o “verdadeiro normal” voltar, esses são valores que não devem ser esquecidos. Também nunca esqueceremos das pessoas amadas que, por conta dessa

pandemia cruel, nos deixaram.

Infelizmente, a pandemia ainda não acabou. Os números estão crescendo novamente e os cuidados com nossa saúde têm que redobrar. Não podemos descuidar. Quem partiu nos deixou, além da dor, essa importante lição. Somente assim sairemos dessa fase nos percebendo como uma imensa comunidade e com o sentimento de que vencemos juntos.



Tabajaras do Arabê

EEM Ministro Antonio Coelho (São Benedito/CE)

Orientação: Bruno Castro

Antonio Kauan

Graziele Ferreira Barbosa

Marília Barbosa Freire

O ano de 2020 é mais um daqueles anos que ficam marcados na memória da humanidade pela propagação de uma grave doença. Não é a primeira vez que o mundo se depara com este tipo de situação, e como nas outras ocasiões, não estava preparado. A globalização contribuiu para a velocidade com que o famoso “coronavírus” se espalhasse rapidamente por vários países e continentes, configurando uma pandemia.

Antes desconhecido, o vírus SARS-Cov2, trouxe uma enorme crise carregada de dúvida, medo, tristeza e morte. A ciência e a tecnologia entraram em ação para procurar respostas e soluções eficazes, contudo, em pleno século XXI deparam-se com burocracia, politicagem, negacionismo e notícias falsas.

No primeiro semestre a vida desacelerou, e a população ainda desorientada, passou a conviver com o que tentaram normalizar como novo padrão de comportamento. Sem aglomerações, usando máscaras ao sair de casa, higienizando constantemente as mãos, cumprindo medidas de isolamento e distanciamento social. Fecharam-se estabelecimentos comerciais, a indústria e os serviços considerados momentaneamente não essenciais foram paralisados. A economia sofreu um duro golpe. Houve diminuição da circulação de dinheiro, mercadorias e pessoas. Cresceu o número de desempregados, falidos e desesperados. Na educação, escolas e universidades suspenderam as aulas presenciais. As autoridades de saúde pediam ao povo: “fiquem em casa”.

Apesar disso, os hospitais lotaram com profissionais sobrecarregados e sistemas de saúde em colapso. Famílias enlutaram e muitas pessoas enfrentaram as mazelas da doença, ficando inclusive com sequelas imprevisíveis.

Muitos setores tentam se reerguer e buscar medidas capazes de atenuar as consequências negativas da pandemia.

Com a educação não foi diferente! Os sistemas de ensino, as escolas e universidades precisaram se reorganizar. Os professores necessitaram reinventar suas metodologias de trabalho com o uso constante de tecnologias. A partir daí instituiu-se o ensino remoto. Os estudantes precisaram se adequar a este modelo de aprendizagem virtual. Dessa forma, as redes sociais, o e-mail e as plataformas de videoconferência tornaram-se os principais mecanismos de interação entre escola, professores, famílias e alunos.

Fechar as escolas e aderir a uma modalidade paliativa de ensino a distância não é uma tarefa simples, pois o Brasil é um país continental de inúmeras desigualdades sociais e econômicas.

Nem todos os estudantes possuem dispositivos eletrônicos ou acesso à internet. Por conta disso, muitos alunos ficaram sem aulas. Em alguns casos, as escolas enviaram material impresso para estudo domiciliar, mas isto não é suficiente para garantir uma aprendizagem satisfatória, haja vista que não havia interação direta com os professores.



Fonte: arquivo pessoal.

As redes de ensino não estavam preparadas para lidar com tantas mudanças em um curto tempo a fim de diminuir os danos provocados pela pandemia. Além das perdas cognitivas, a restrição das aulas presenciais

impediu o convívio com os colegas. As interações sociais diminuíram, corroborando com impactos negativos na saúde mental dos jovens, como depressão, ansiedade, etc. A distância do chão da escola também ampliou incertezas sobre o futuro, aumentou a possibilidade de evasão por diversos fatores.

No caso dos professores, uma parcela significativa não estava preparada para lidar com as tecnologias educacionais disponíveis e as dificuldades do home office, em determinadas situações recebendo poucas orientações e muita demanda de trabalho. Vale ressaltar que também precisaram dispor de recursos financeiros para adquirir equipamentos e ajustarem seus lares à nova rotina.

O fato é que o ano está acabando, mas ainda não se sabe quando a pandemia estará sob controle. No momento há mais dúvidas do que propostas e encaminhamentos entre todos os envolvidos nas diversas esferas educacionais. Quem não teve acesso às aulas remotas deve ficar reprovado? E os estudantes portadores de necessidades especiais, foram bem presencialmente num cenário de muitos casos de COVID-19? estão preparadas para a retomada do ensino presencial? O investimento na educação pública foi satisfatório? E as disciplinas que necessitam de aulas práticas laboratoriais, como ficarão?

Algumas autoridades que deveriam ser competentes e nos conduzir rumo aos melhores caminhos parecem perdidas em suas retóricas pouco propositivas.

É fundamental que haja um comprometimento de políticos, gestores, especialistas, professores, famílias, comunidades e

estudantes para que as sequelas deixadas pelos desdobramentos da pandemia na formação de crianças e jovens não fiquem entre nós por longa data.

Por enquanto, algumas vacinas despontam como possibilidades de imunização emergencial, mas as medidas sanitárias de higiene e o distanciamento ainda são as alternativas mais viáveis para evitar o contágio. Entretanto, tais precauções seguem sendo ignoradas por uma parcela da população por questões ideológicas ou egocêntricas.

Houve quem acreditasse que o momento que vivemos seria uma oportunidade para a humanidade melhorar ou evoluir no que diz respeito aos seus valores e princípios éticos. No entanto, percebe-se que além do coronavírus a sociedade ainda não aprendeu a curar outras doenças morais.

O enfrentamento de uma situação como esta alcançaria maior êxito se as pessoas tivessem mais empatia. O futuro será melhor quando os interesses e privilégios cederem espaço aos princípios de justiça social e equidade.



Team Agro

EEM Ministro Antonio Coelho (São Benedito/CE)

Orientação: Francisco Rodnei dos Santos Vieira

Andressa de Fátima Loiola Lopes

Antonio Gustavo Ribeiro de Sousa

Marcos Felipe de Sousa Oliveira

O nosso desejo era que as palavras “nós” e “pandemia” estivessem juntas somente no título desta coluna, mas infelizmente não está somente aqui. O ano de 2020 foi marcado pela presença do vírus SARS COV 2, o Covid-19, atingindo em massa o mundo e se tornando uma pandemia. Setores como o de saúde, educação e economia foram atingidos abundantemente, porém o setor mais atingido e o único irreparável foi o da família destruída, o das milhares de mentes torturadas, o da fome presente na mesa, o da ausência do ente querido, o que marcou a vida e o coração de bilhões de pessoas no mundo. O déficit da economia não se compara ao déficit que ficou acumulado de milhões e milhões de perdas, saudades, traumas, culpas e medos que fez parte dos últimos meses na vida de cada cidadão espalhado pelo mundo. O vírus veio tomando conta dos países de um por um, escutava-se muito a expressão “só é lá” outros diziam, “isso, já acaba”, “é só uma gripezinha”. Então, seguindo o protocolo da OMS (Organização Mundial da Saúde) e a exemplos de alguns países que estavam em Lockdown, entramos em isolamento, e continuamos a escutar “são só 15 dias”, “não vai parar tudo, né? E parou! Os 15 dias se tornaram meses. E os meses se tornaram torturas.

Escolas fecharam, empresas fecharam, lojas fecharam, covas se abriram...

Figura 1 - Gravura do globo terrestre de máscara representando o planeta terra depois da pandemia do covid-19 em que é necessário seu uso para a não contaminação



Fonte: Arquivo Pessoal

“É tudo a mídia que está inventando”, vieram o número de 1.000 mortos por dia no nosso país, foram mil vidas ceifadas, mil famílias chorando a dor da perda e sem poder se despedir pelo risco de contágio, foram mil sonhos que se desfizeram. Corpos empilhados

como se fossem objetos, números de casos e mortes subindo cada vez mais, o desemprego bateu à porta, as contas chegaram, a fome também, o que fazer? Morrer de fome? Morrer de covid? Deus nos acuda. E isso definiu a vida dos brasileiros nos últimos meses, então houve uma “leve melhora” as pessoas se acalmaram e se acostumaram (sim, essa é a verdade) alguns estabelecimentos voltaram a funcionar (ufa, ainda bem!), as empresas voltando a trabalhar com capacidade reduzida e com todo o cuidado necessário, o trabalhador agradecia por voltar a trabalhar, por voltar a ter esperança e comida no prato! Infelizmente o maior vírus da história da humanidade ainda é a ignorância e a incompreensão. As praças, bares e praias lotadas. A covid só está presente nos jornais e nos hospitais, na festinha do amigo, no barzinho da esquina, no evento do candidato da cidade, não está. Um vírus invisível fechou as maiores empresas do mundo, fechou as melhores universidades, esvaziou

estádios de futebol, fez grandes países declararem Lockdown, fez atéu querer rezar. É isso tudo só nos mostrou o quanto somos pequenos e vulneráveis. Hoje, no mês de dezembro, perto das festas de final de ano, o sentimento de vazio permanece, falta o pai na mesa, falta a vó, falta aquela tia brincalhona, vidas ceifadas pelo vírus. Porém, a luz da esperança se acende e reluz o brilho nos olhos da humanidade que tanto esperam por dias melhores, eles virão, tem de vir.



Tengo Lengo Tengo

IFCE (Juazeiro do Norte/CE)
Orientação: Gagarin da Silva Lima
Lívia Moreira Cruz
Luiza Moreira Cruz
Ruan de Freitas Aquino

Até que ponto estamos preparados para lidar com o acaso?

No dia 16 de março de 2020, cinco dias após a Organização Mundial da Saúde (OMS) decretar a pandemia do novo coronavírus, a rede de Institutos Federais do Ceará publicou o primeiro ofício que suspendia as atividades presenciais, unindo-se ao combate nacional à transmissão da Sars-Cov-2.



Ilustração de uma estudante frustrada com mais uma queda da internet no estudo remoto na pandemia.
Disponível em: <http://www.ufsm.br/midias/arco/teletreabalho-ead-pandemia/>. Acesso em: 9 de dezembro de 2020.

Poucos esperavam, no entanto, que a suspensão de apenas quinze dias estenderia-se por mais de nove meses, sem previsão de retorno, modificando não só as relações educacionais, como também as interpessoais. Diante dessa catástrofe mundial, nós, assim como a maioria dos jovens, tivemos que adaptar nossas rotinas de estudo ao isolamento social, buscando uma mínima “normalidade” em tempos atípicos e, de forma brusca e repentina, vimos as salas de aula presenciais migrarem para o ambiente virtual, dando início ao fenômeno das videoconferências.

Mesmo que os adolescentes sejam reconhecidos como “nativos digitais” e precursores de um processo de dependência virtual, nós não estávamos preparados para essa revolução da virtualização do ensino diante da conjuntura caótica nacional. O estudante de Edificações do IFCE Juazeiro do Norte, Ruan Freitas, integrante da “Tengo Lengo Tengo”, 18 anos, conta: “A falta de um ambiente adequado para o estudo em minha casa e quedas constantes de conexão com a internet foram algumas das dificuldades que enfrentei durante o ensino remoto”.

“Não estávamos preparados para essa revolução da virtualização do ensino”

Além desses problemas relatados pelo membro da equipe, que são realidade para boa parte dos estudantes brasileiros, não demorou muito tempo para que a sobrecarga das tarefas escolares integrasse nosso cotidiano, abrindo caminho para uma epidemia silenciosa entre os jovens: a ansiedade. Segundo pesquisa realizada pelo DataFolha, em julho de 2020, somam 74% os estudantes que se sentem tristes, ansiosos ou irritados neste período de pandemia.

Dentro desse universo conturbado, o sentimento de angústia fez-se presente dias e noites, trazendo dúvidas sobre nosso futuro acadêmico, a saúde de nossos familiares e até mesmo sobre a nossa própria identidade. Para a estudante do 3º ano do Ensino Médio, Luiza Moreira, que também faz parte da “Tengo Lengo Tengo”, concluir o ensino básico sem poder estar com os amigos deixou-a muito desanimada, mas situações inusitadas também fizeram-se presentes: “O papagaio da vizinha não parava de gritar, parece até que queria participar da aula também”, e completa

brincando: “Depois de um tempo, acabei fazendo amizade com ele”.

Porém, apesar de tantas desventuras, nós, junto a toda juventude, nunca deixamos de buscar formas de superação diária. Em momentos críticos, a resiliência manifesta-se como uma das maiores características humanas, revelando caminhos alternativos na “vivência online”. Mesmo com dificuldades, fortalecemos laços a partir do diálogo, pudemos ver o que realmente importa e recordamos os bons momentos em sala de aula. Quem diria que sentiríamos falta até do “bandejão” do almoço na nossa escola?!

É preciso aprimorar a prática do ensino a distância, de modo que crie oportunidades de construção coletiva do conhecimento, usando as diversas ferramentas presentes na internet. Afinal, a qualidade da educação não pode estar entregue ao acaso.



Terákios

EEM Professora Eudes Veras (Maracanaú/CE)

Orientação: Marilene Moreira

Analice da Silveira

Jhonathan Camargo

Diogo Costa

“São as águas de março fechando o verão, é a promessa de vida no teu coração”, esse trecho da música Águas de março, escrita por Tom Jobim, em 1972, fala sobre esperança por dias melhores, é o que esperamos para um futuro próximo.

O dia 18 de março de 2020, seria mais um dia de aula, porém, ao chegarmos na escola, todos estavam comentando sobre a suspensão das aulas, sobre uma tal quarentena. Vamos ficar 40 dias em casa?

Figura 1 - Casos de covid-19 no Ceará já passam dos 134 mil



Fonte: Camila Lima, Diário do Nordeste.

Os jornais de um modo geral só falavam sobre a Pandemia mundial da Covid-19 que havia chegado ao Brasil, uma doença que a princípio possuía sintomas parecidos com uma gripe, mais que já havia vitimado milhares de pessoas em outros países.

O núcleo gestor da escola anunciou que as aulas estavam suspensas, que deveríamos permanecer em casa, em isolamento social. Naquele momento não sabíamos como iria ficar o ano letivo de 2020.

Durante a Pandemia, vários fatores contribuíram para deixar a quarentena mais difícil, a ansiedade

e o medo se faziam presentes na rotina das nossas famílias, o medo de morrer, de que alguém ficasse doente, medo de perder o emprego. Infelizmente essa pandemia também nos revelou o quanto vivemos em uma sociedade marcada pela desigualdade. Dados publicados pela Secretaria Municipal de Saúde de Fortaleza, em 4 de maio de 2020, mostraram que enquanto o maior número de casos de Covid-19 estava concentrado nos bairros mais ricos da capital cearense, os índices de mortalidades eram maiores nas periferias.

Perdemos parentes, amigos, conhecidos, pessoas que não representavam apenas um número para as estatísticas, mas que eram pais, mães, filhos, tios, avôs, avós. Tudo isso tem gerado uma grande tristeza, não poder se despedir do seu familiar é algo cruel.

2020 também foi um ano desafiador para nós, como estudantes do 2º ano do Ensino Médio, tivemos que nos adaptar às novas práticas pedagógicas.

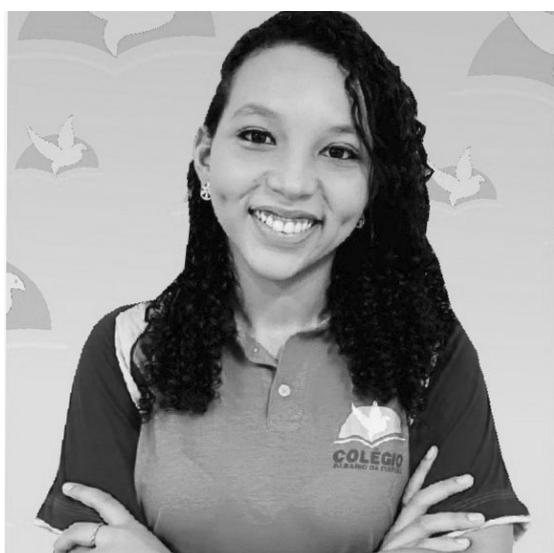
Nossos professores tiveram que se reinventar para ministrar aulas no contexto do ensino remoto, utilizando as tecnologias digitais.

A princípio, tivemos algumas dificuldades, principalmente relacionadas ao acesso. Ter uma internet de qualidade custa caro, mas, felizmente, contamos com o apoio dos nossos pais para fazer o acompanhamento das aulas online. No entanto, essa não foi a realidade de todos os estudantes da

Rede Pública do Estado do Ceará, muitos colegas não conseguiram acompanhar as aulas porque não tinham

acesso à internet, não tinham celulares, outros optaram por desistir, porque tiveram que trabalhar para ajudar no orçamento familiar, pois o empobrecimento de muitas famílias durante a pandemia se deu em um ritmo acelerado.

Em meio a todas dificuldades e desafios, aprendemos que a resiliência é algo fundamental para a vida, nossa capacidade de sobreviver e superar momentos difíceis é o que nos mantém fortes e otimistas por dias melhores. Esperamos que a vacina possa chegar em breve para todos, independentemente do país, classe social ou etnia, afinal somos todos humanos.



Terra de Alencar

Colégio Paraíso da Cultura (Crato/CE)
Orientação: Monise Naiane Correia Lima
João Gabriel Oliveira Sampaio
Vitor Gabriel Carvalho Facundes
Vitória Gabriela Silva Sousa

Nesses tempos de incertezas em que vivemos ocasionados pela Covid-19 - doença que ganhou esse nome por ter seus primeiros casos no ano de 2019, causada pelo vírus SAR-CoV-2, e que se desenvolveu em humanos provavelmente por conta da ingestão de algum animal exótico, vendido em um mercado da cidade de Wuhan na China é cabível pensar o quanto essa doença mexe com o nosso cotidiano.

Figura 1 - Ansiedade e depressão em tempo de pandemia



Disponível em: <http://blog.econeteditora.com.br/como-enfrentar-ansiedade-em-epoca-de-covid-19/> . Acesso no dia: 13/12/2020.

A Pandemia da COVID-19 tem se tornado um grande desafio da saúde pública em escala mundial. A falta de planejamento para a saúde, em âmbito mundial, para o extermínio do vírus e displicência de algumas pessoas com relação ao não cumprimento das medidas de isolamento social, têm se tornado empecilhos para a sociedade em geral.

“Depressão e ansiedade serão sequelas da pandemia que vão sobreviver ao vírus”.¹

Além dos problemas de cunho social e econômico, não podemos esquecer a questão da saúde mental, que vem sendo cada vez mais um problema durante esse período, sendo a ansiedade o melhor exemplo para

ilustrá-lo. O fato de ficar em casa tem se tornado difícil, pois as pessoas são obrigadas a conviverem com um pequeno grupo e com a constante reflexão interpessoal, fato que torna difícil manter a saúde mental em dia. Muitas pessoas que sofrem de ansiedade sabem o que sentem, mas não conseguem expressar para outras a reação que estão sentindo naquele momento.

Em entrevista dada ao site “Valor Econômico” o Dr. Drauzio Varella afirma: “Depressão e ansiedade serão sequelas da pandemia que vão sobreviver ao vírus”. (Varella, Drauzio, 2020)

Com certeza não é um desejo que as medidas restritivas continuem sendo implantadas, e sim que a vida siga seu curso normal, porém, com a situação nesse momento, o que temos de mais seguro é a manutenção do distanciamento social, visto que, estão surgindo novas ondas de casos da doença em diversas partes do mundo.

Outra questão também é o cuidado com o nosso bem-estar mental, a fim de minimizar os efeitos da Covid na saúde psíquica, tais como: praticar exercício, buscar distrações como leitura, assistir filmes, ouvir músicas, além de filtrar as informações que recebemos sobre a doença, sem descuidar da saúde, pois o excesso de informações, principalmente as fake news, fazem com que as pessoas venham a ter mais crises de ansiedade.



The Ispilicutes

Colégio Farias Brito (Fortaleza/CE)
Orientação: André Isaac Santos de Sousa
Leticia Maria Lima de Oliveira
Joana Melo de Andrade Monteiro
Lorrany de Oliveira Freire

Segundo o escritor e bioquímico Isaac Asimov, considerado um dos mestres da ficção científica, “o aspecto mais triste da vida atual é que a ciência ganha em conhecimento mais rapidamente que a sociedade em sabedoria” (Isaac Asimov). De fato, nossa sociedade é movida pela curiosidade, a ciência, coisas que possam, de alguma forma, ajudar-nos a entender melhor o mundo em que vivemos. O desejo de saber mais e a busca pela verdade, são só alguns exemplos de coisas que configuram a humanidade, ou, pelo menos, deveriam configurar. Nosso cotidiano agora parece uma cena de filmes de ficção-científica hollywoodiana. O mundo fechou, virou de ponta cabeça: a pandemia começou.



Autor: Brum Chargista

fatores à tona e nos fez pensar sobre várias situações que agora, mais do que nunca, estão fazendo parte do nosso cotidiano, por exemplo, a ciência. A importância do conhecimento científico é inquestionável na medida em que possibilita avanços nos campos da saúde, alimentação, tecnologia e muitos outros, melhorando a qualidade de vida das populações e enriquecendo as sociedades intelectual e culturalmente. Zygmunt Bauman, importante filósofo e sociólogo, uma vez descreveu nossa sociedade contemporânea como imediatista e superficial. No entanto, a ciência não encaixa nesse modelo, ela perde cada vez mais visibilidade, por ser construída com o tempo e buscar

Fiquem em casa, usem máscaras, álcool gel não pode esquecer, milhares de mortes diariamente ao redor do mundo. A pandemia trouxe consigo vários

aprofundamento das ideias, o contrário de nossas tendências.

O fato de apenas uma pessoa dizer que essa pandemia é uma “gripezinha”, ou que o uso de máscaras é inútil, traz sérias consequências para as próximas gerações. Baladas ilegais, centenas ou até milhares de pessoas aglomeradas sem nenhuma medida de segurança, pessoas sem máscara em locais públicos, expondo uma série de outras pessoas, ainda que indiretamente, a um risco de vida. Esses pequenos atos de negação a ciência põem séculos de estudos, o esforço de milhares de pessoas, no lixo.

“Os que se encantam com a prática sem a ciência são como os timoneiros que entram no navio sem timão nem bússola, nunca tendo certeza do seu destino.”(Leonardo da Vinci)

Mesmo em um país com tanto potencial estudantil, a falta de infraestrutura, carência de incentivo e informação fazem com que muitos estudantes não se interessem pela área de pesquisa, por não oferecer o retorno financeiro desejado, por ser uma área desvalorizada, mesmo que seja tão essencial. Algumas de nós pretendemos seguir carreira na área da ciência ou da saúde, configuraremos a próxima geração de cientistas, pesquisadoras, mas como fazer isso em um mundo onde a ciência é desconsiderada? Onde até o Governo contribui para isso: O ato de negação em relação aos dados praticados pelo mesmo, a defesa de um medicamento testado e comprovado como ineficaz e a ausência de uma política federal de testagem e de confinamento potencializou a propagação da doença. Esta situação de descaso ao desenvolvimento científico

coloca o Brasil em uma posição de atraso no combate à Covid-19. Porém, sabe-se que se o Brasil desse a devida atenção à Ciência ele poderia estar melhor em vários aspectos, desde a minimização dos casos dessa doença (que poderiam, sim, ser prevenidos), até a melhora do mesmo no cenário internacional. Mas disso já sabemos, o atraso já gerou consequências internacionais, visto que fez com que o Brasil se ausentasse de acordos fundamentais para que sua população pudesse ser atendida por uma potencial vacina. O descaso traz medo, acabou que todos nós sofremos as consequências, e continuaremos sofrendo, até que a ciência ganhe a atenção devida.

Assim como a ideia proposta por Isaac Asimov, pôde-se ver que a ciência veio desenvolvendo-se continuamente há milhares de anos, porém a sabedoria da sociedade não acompanha tal ritmo, a negação apenas aumenta, e, diretamente proporcional a isso, as consequências. Uma delas veio, marcou nosso ano, 2020: o ano de nós e a pandemia. Mas como será com a sociedade? Seria o ditado: Quem não aprende no amor, aprende na dor.



The Three Gladiators

EEEP Antônio Tarcísio Aragão (Ipu/CE)

Orientação: Jorge Luiz Ferreira Lima

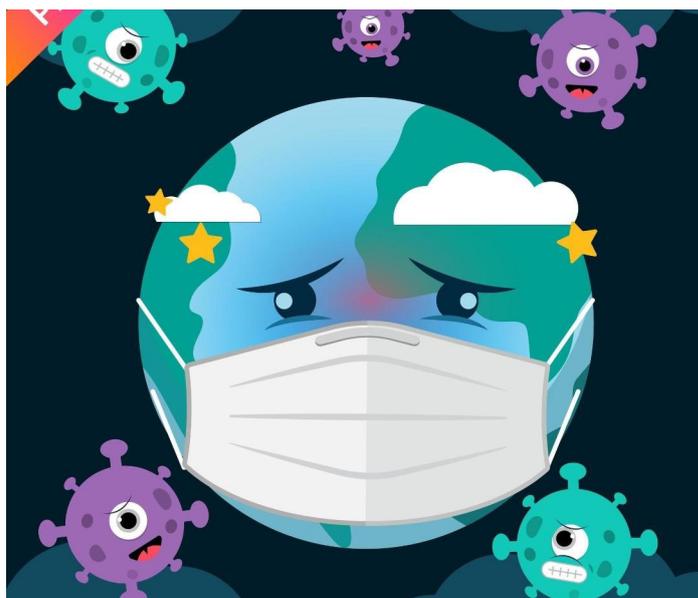
Felype de Sousa Teófilo

João Pedro Camelo da Silva

Kayo Vieira Nunes

Em 2020, ano de início da pandemia causada pela contaminação pelo vírus sars-cov19, várias pessoas mudaram seu estilo de vida por causa da quarentena. Alguns experimentaram uma melhora, pois saíram de suas acomodações e medos, tiveram que agir.

Figura 1 - O mundo usa máscara com medo do Coronavírus



Fonte: <https://pt.vecteezy.com/arte-vetorial/1110385-o-mundo-vestindo-mascara-e-sentir-medo-do-virus-corona-covid-19-atacando>

No entanto, muitas pessoas pioraram de vida devido à falta de oportunidades e infraestrutura. Profissionais autônomos que ganhavam muito dinheiro trabalhando presencialmente perderam toda sua renda com o isolamento social.

Diante das dificuldades impostas pela Covid-19, foi necessário se adaptar às condições adversas do momento, sendo fundamental a utilização de mecanismos de comunicação à distância, ou seja, pela internet, visto que rotina de estudo, trabalho e interações entre familiares, seria essencial à permanência destes laços para prosseguir o cotidiano sem haver estagnação da vida.

“Foi necessário se adaptar às condições adversas do momento, sendo fundamental a utilização de mecanismos de comunicação à distância, ou seja, pela internet.”

Nessa difícil fase da história da humanidade, a área da tecnologia foi fundamental para combater os efeitos da pandemia, mesmo não conseguindo obter os mesmos resultados do trabalho e das interações presenciais, mas conseguiu suprir as necessidades e não deixar tantas perdas, de conteúdos e relações pessoais.

Com o aumento dos casos, o distanciamento social foi utilizado como meio de contenção do vírus, que mesmo assim, acabou se dispersando, pelo desdém da gravidade da doença, por uma boa parte da população. Nosso dia a dia se tornou conturbado, e a falta de motivação e dificuldades com a pandemia, mexeu na vida escolar e profissional, sendo muito mais desafiador a realizar e compreender as obrigações.

Esse acontecimento imprevisto, deixou o povo com medo, isolado e tendo que passar praticamente 24 horas com os familiares, ocasionando conflitos e situações que não eram vivenciadas antes. Cidades ficaram vazias, algumas lojas tiveram que fechar suas portas, pelo baixo lucro, além de demitir funcionários devido à falta de dinheiro para mantê-los.

Apesar de vários pontos negativos, esse acontecimento proporcionou a reflexão sobre relações humanas, afeto e vida em sociedade em tempos líquidos de novas tecnologias. Além de contribuir com o desenvolvimento emocional e a aproximação de entes queridos, também se tornou perceptível, a capacidade do ser humano de adaptar-se, tanto na área profissional como pessoal.

Os seres humanos têm uma tremenda capacidade de adaptação a diferentes lugares e situações de vida. E na pandemia de covid-19 não foi diferente. Nos adaptamos a esse novo modo de vida, muitas pessoas

mudaram totalmente seu nicho. Um exemplo é a internet. De acordo com os dados do índice MCC – ENET, as vendas online dobraram em junho de 2020; em comparação ao mesmo período do ano passado, a alta foi de 110,52%.

Com isso, o isolamento social serviu para aproximar as pessoas e mostrar uma realidade nunca vista. Mesmo assim, conseguimos evoluir como pessoa, abrindo caminho para um modo de vida mais complexo e produtivo.

Por fim, podemos perceber que além das dificuldades impostas, também adquirimos lições importantes como a valorização da união em momentos árduos, a proximidade com a família, amigos e a capacidade de se adaptar com o novo.



Time Currupião

EEEP Dep. José Walfrido Monteiro (Icó/CE)

Orientação: Francisca Claudiana do Nascimento Vieira

José Kaike

Larissa Ramieliv

Jennifer Andrade

Educador físico, formado em artes plásticas, ser humano que esbanjava alegria por onde passava, esse era Rodrigo Costa. Dona Socorro era dona de uma sorveteria em um distrito. Mulher alegre, guerreira e que não podia me ver na rua que já vinha com um abraço apertado e um beijo no rosto.



Fonte: <https://images.app.goo.gl/176BNhbLy7qefRwv9>

Zé Airton, mototáxi muito conhecido de Orós, homem cheio de vida, dono de uma simplicidade e humildade que não tinha tamanho. Só bastava ligar que em menos de 1 minuto ele chegava com um enorme sorriso no rosto. Rodrigo, Dona Socorro e Zé foram apenas 3 dos 43 óbitos por covid-19 na cidade de Orós.

Eu vi milhões de pessoas morrerem, através desses olhos que a terra vai comer.

Eu vi milhões de pessoas doentes e os doutores tomando a frente para a morte não vencer.

Eu vi bilhões de pessoas se trancando e até se afastando de quem morava no mesmo apê para essa doença não ver.

Eu vi especialistas do mundo todo correndo contra o tempo para uma cura ocorrer.

Sim, eu vi com esses olhos que a terra vai comer, o mundo tentando vencer um vírus tão potente que pretende devastar com toda a gente.

Só dei valor a minha liberdade quando a perdi. Assim como, só senti a falta de um abraço quando não pude mais ter.

A pandemia da qual estamos vivenciando acabou por nos colocar em nossas casas por bastante tempo em prol da nossa segurança individual e coletiva, e caso fosse sair de casa por alguma necessidade usasse máscara. Muito interessante notar que este isolamento e fechamento do comércio nos mostrou como a grande maioria dos brasileiros não vive muito tempo sem trabalhar e ganhar seu dinheiro, fazendo com que muitos tivessem que desobedecer ao isolamento e começassem a trabalhar. Alguns bares até começaram a funcionar escondidos nos fundos de seus estabelecimentos, com isso muitas pessoas começaram a frequentar estes bares aumentando o risco de contaminação e propagação do vírus.

Às vezes eu fico pensando: até quando isso vai durar? Com o passar dos dias as pessoas estão se cansando e começando a tentar ter uma vida normal novamente, esquecendo assim, que a covid-19 ainda está lá fora e que ela pode agir a qualquer momento e esse é o grande problema porque não podemos parar e ela também não para. Todos estamos em uma verdadeira corrida contra a morte.

São vários os especialistas em busca de uma cura que seja eficiente, assim como, são várias as pessoas que lutam pela vida. No final estamos todos no mesmo barco em busca da nossa liberdade e normalidade da vida novamente, algo que antes parecia tão simples, hoje é quase impossível.



Três espiões demais

EEEP Dep. José Walfrido Monteiro (Icó/CE)

Orientação: Francisca Claudiana do Nascimento Vieira

Cayk Ferreira Lima

Ellen Karine Pereira Moura

William Marcelino Moura

O ano é 2020. Estávamos horrorizados com as queimadas nas áreas florestais da Austrália e lidando com fortes chuvas na região centro-oeste do Brasil. Até que, em março do mesmo ano, a OMS (Organização Mundial da Saúde) decreta uma pandemia, causada pelo novo coronavírus.

Essa pandemia agitou a nossa vida, estremeceu a economia, adiou diversos planos e sonhos, transformou o mundo do trabalho, a escola e aumentou ainda mais a ansiedade. Além disso, tirou uma atividade que é inerente a todo ser humano: ficar junto de quem gostamos.

Figura 1 - O isolamento social durante a pandemia



Fonte: Portal PEBMED, 2020. Disponível em: <https://pebmed.com.br/o-isolamento-social-durante-a-pandemia-de-covid-19-e-seu-impacto-em-outras-infeccoes-em-pediatria/>

Como uma das medidas de prevenção à COVID 19, o isolamento social foi pensado como uma alternativa direta ao propósito da vida. Este é o meio mais indicado no cenário atual, por ser a melhor e mais eficaz forma de conter a pandemia.

“Além de abalar toda nossa vida, essa pandemia tirou uma atividade que é inerente a todo ser humano: ficar junto de quem gostamos.”

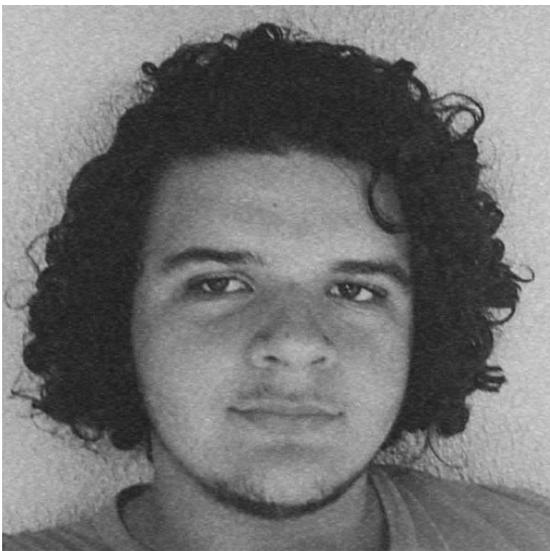
A sociedade se faz presente em um contexto contraditório, em que vemos uma parcela da população consciente, privando suas ações cotidianas para protegerem a si e a todos; e outra parte vivendo como se a pandemia não existisse, desencadeando assim um desentendimento de opiniões e ações desnecessárias para esse momento que requer união.

Segundo o Datafolha, cerca de 28% da população brasileira não respeita o isolamento social. Nesse número, estão incluídos os trabalhadores essenciais (que são efetivos para que nossa vida continue funcionando) e pessoas que afirmam não terem mudado nem um pouco sua rotina, mesmo diante de tudo que já aconteceu. Isso é muito semelhante com a situação ocorrida durante a gripe espanhola em 1918, onde o isolamento devido ao vírus influenza também não era totalmente respeitado.

Quando trazemos o isolamento social para o mundo do trabalho podemos citar, por exemplo, a situação dos profissionais da saúde que desde o início está na linha de frente dessa pandemia. Poderiam estar em casa perto de sua família, mas sua função nesse momento é essencial. Esses não tiveram a opção de reinventar sua forma de trabalho, como a maioria dos profissionais de outras categorias estão fazendo, como por exemplo, o professor.

Por outro lado, temos pessoas que não valorizam o privilégio de estar em casa, se protegendo ao lado de sua família. Elas saem desnecessariamente, promovem aglomerações e acabam escarnecendo suas vidas e a de seus familiares. Essas ações só acabam por desvalorizar o trabalho realizado pelos profissionais envolvidos diretamente com o vírus.

Diante disso, até que chegue o fim desta pandemia, é necessário que estejamos isolados e em alerta com todos os cuidados estabelecidos pela OMS. Só assim teremos mais chances de sobreviver e a oportunidade de nos reunirmos novamente, como outrora fazíamos.



Trindade do Sertão

EEMTI Lia Sidou (Aquiraz/CE)
Orientação: Marcelino Bezerra de Lima
Thiago Labella de Freitas
Lucas Labella de Freitas
Luan Barbosa de Matos

O coronavírus impôs mudanças radicais na vida social. Sendo parte dos atingidos, nós estudantes, encontramos-nos em situação de “desespero” devido a inúmeros fatores, dentre os quais, vale destacar, a preparação para o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). Ressaltamos as dificuldades enfrentadas pelos estudantes, especialmente, pelos da rede pública.

Diante desse cenário, considerando-se que não tínhamos condições ideais nem mesmo para os estudos antes da pandemia, isto é, o ensino tradicional, como revela o ocorrido conosco, alunos de uma escola estadual da cidade de Aquiraz – CE, que, em uma época chuvosa deste ano, tivemos de nos ausentar da sala de aula devido a um alagamento. Nesse sentido, podemos refletir que será difícil conseguirmos ter bons resultados através das aulas on-line.



A partir dessa problemática, alunos espalhados por todo o país fizeram protestos midiáticos, como a famosa “hashtag” AdiaEnem, visando comover o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) e o MEC a adiar o exame para datas a partir do mês de maio de 2021, para que houvesse uma maior possibilidade de nós, pré- universitários, estarmos mais habilitados a realizar a prova.

Por um momento achamos que havíamos conseguido comover os agentes com a “#”, porém, não passava de um engano, pois, “bateram o martelo” para uma data contrária a que foi escolhida pelo público maior, sendo marcadas para o correr, o primeiro dia de prova dia 17 de janeiro e o segundo dia de provas no domingo seguinte, dia 24 de 2021.

***“Que lutemos contra o governo, que luta
contra a nossa cultura, arte e educação” -
Valter Bitencourt Júnior***

Sabendo ser dever do Estado destinar, a todos os cidadãos, condições igualitárias e contribuir para um futuro melhor, urge que o mesmo desenvolva medidas para reverter o quadro. Portanto, defendemos a ideia de haver distribuição de equipamentos tecnológicos para os alunos, visando a conexão de todos no meio virtual. Em contrapartida, sabendo que não muito o que fazer nesta altura do campeonato, deve-se trabalhar no cenário pós-prova, sendo assim, apoiamos a ideia de diminuir a ampla concorrência nas vagas das universidades que são adquiridas com a nota do ENEM, deixando uma específica para quem tiver concluído o ensino médio na rede pública.



Trindade Olimpiana

EEEP Antônio Tarcísio Aragão (Ipu/CE)

Orientação: Jorge Luiz Ferreira Lima

Artur Jardel S. Gomes

Mateus Sousa Martins

Francisco Kauan M. Pontes

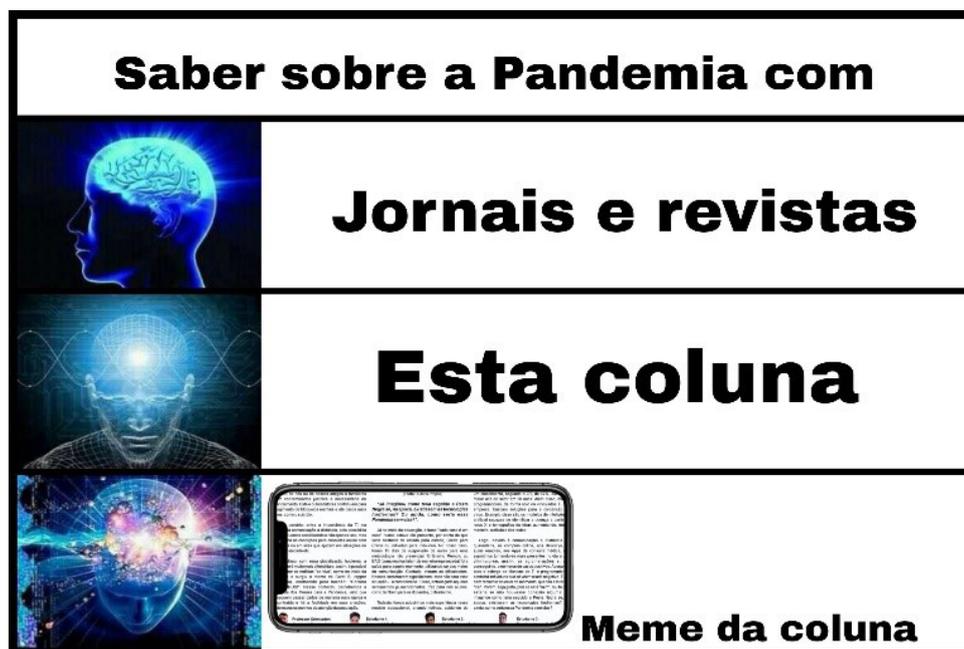
A Peste Negra (Séc. XIV) foi uma pandemia que, devido à carência de sistemas informativos, possibilitou uma série de óbitos. Não obstante, o surto do novo Coronavírus (2020) diferencia-se pela presença das chamadas “tecnologias da informação (T.I.), as quais nos proporcionam a comunicação e adaptação à nova realidade amenizando impactos no meio social, na estrutura educacional e nas relações empresariais.

Em primeiro plano, é bastante notório que uma medida drástica como uma quarentena mundial iria afetar o nosso espaço mais íntimo; a mente. O medo de algum de nós ou de nossos amigos e familiares serem contaminados justifica a necessidade do distanciamento. Este e outros fatores contribuem para o surgimento de bloqueios mentais e até casos mais graves, como o suicídio.

Neste cenário, torna-se perceptível a importância da T.I. na questão da comunicação à distância, pois possibilita que continuemos socializando e não apenas isso, mas proporciona as condições para consultas online com psicólogos ou em sites que ajudam em situações de pânico, ansiedade etc.

Além disso, com essa globalização hodierna, a informação é muito mais difundida e, assim, é possível acompanhar as notícias “ao vivo”, como no início da pandemia e surgiu o meme da Cardi B, rapper americana, conhecido pelo bordão: “Corona VAAAAAIRUS!”. Nesse contexto, percebemos a relevância dos memes para a Pandemia, visto que conseguem passar dados de maneira mais rápida e descontraída e há a facilidade em suas criações, sendo esses os motivos da atenção da população.

Figura 1 - Meme sobre a pandemia



Fonte: Arquivo pessoal

“Já imaginou como teria seguido a Peste Negra se, na época, existissem as tecnologias hodiernas? Ou ainda, como seria essa pandemia sem elas?”.

Já no meio da educação, a frase “cada caso é um caso” nunca esteve tão presente, por conta de que varia bastante de estado para estado, Crede para Crede ou indivíduo para indivíduo. No nosso caso, foram 15 dias de suspensão de aulas para uma metodologia não presencial. O Ensino Remoto ou EAD (como muitos falam de maneira equivocada) foi a saída para aquele momento, utilizando-se dos meios de comunicação. Contudo, vieram as dificuldades. Nossos lares trazem algo tão bom - mas não para essa situação -: a comodidade. E isso, entrelaçado àqueles sentimentos já mencionados, traz para nós alunos, como também para os docentes, o desânimo.

Todavia, fomos adquirindo mais experiência nesse modelo educacional criando rotinas, cuidando do corpo e da saúde mental e nos apropriando de novas tecnologias. E, Portanto, com ajuda das tecnologias da comunicação e do esforço de discentes e professores, o ano letivo não foi totalmente “perdido”.

Até então, por cursarmos ensino técnico na área em questão e como aspirantes a desenvolvedores, acompanhamos de perto essas mudanças no departamento em questão. Com o isolamento social, empresas perderam clientes e tiveram que cessar suas atividades econômicas presenciais, resultando na migração para a plataforma virtual. Nisso, a demanda por programadores para lojas virtuais teve um crescimento, segundo o G1, de 47%, essa foi a maior alta do setor em 20 anos. Além disso, muitos programadores, de forma solo ou vinculados a uma empresa, buscam soluções para a contenção do vírus. Exemplo disso são os modelos de inteligência artificial capazes de identificar a doença a partir de raios X e tomografias do tórax, aumentando, dessa maneira, a eficácia dos testes.

Logo, devido à comunicação a distância na quarentena, às compras online, aos deliverys, às aulas remotas, aos Apps de consulta médica, aos algoritmos tornando-se mais presentes no dia a dia, diminuiu-se, assim, as aglomerações e, por conseguinte, os números de casos positivos. Apesar de todo o esforço de técnicos de T.I. e programadores, ainda há indivíduos que só vêem o lado negativo. Tudo bem reclamar no calor do momento, quando a Internet “cai”. Porém, seja grato, pois se está “ruim”, muito pior estaria se não houvesse conexão alguma. Já imaginou como teria seguido a Peste Negra se, na época, existissem as tecnologias hodiernas? Ou ainda, seria essa pandemia sem elas?



Trio Humanities

CSTI Francisco das Chagas Costa (Sobral/CE)

Orientação: Maria José Marques de Sousa

Pedro Emanuel Pimenta da Silva

Adrian Evangelista de Melo

Raiane Portela Aguiar

A realidade mundial resumiu-se em um mesmo cenário. A humanidade nunca havia se sentido tão igual e mesmo isolados, tão próximos, pois o noticiário se encarregou de mostrar a realidade do planeta diariamente e nos mínimos detalhes.



Fonte: <https://images.app.goo.gl/BygUNP3MjXHKXFMa6>

Na área da educação as dificuldades a serem superadas também foram muitas, sabemos das variadas possibilidades que as novas tecnologias podem oferecer, porém as escolas se depararam com vários entraves como: alunos sem acesso a internet nem aparelhos digitais, a necessidade de continuarem oferecendo a alimentação escolar pois para muitos, aquela às vezes se torna a única alimentação deles, a nova rotina escolar com as aulas remotas e principalmente a falta da interação que é nata do convívio escolar, a qual afetou significativamente no psicológico de professores e alunos.

O isolamento com lockdown trouxe muita polêmica e junto dela o aumento assustador do desemprego. O desespero bateu na porta das famílias, tudo ficou muito incerto, tanto o pagamento de contas básicas como água, luz, gás de cozinha como a garantia da alimentação de todos. O comércio nacional e internacional foi muito abalado, fronteiras foram fechadas e as portas de praticamente todo empreendimento foram fechadas e era justamente neste ponto que a opinião da população se confrontava, já que ficavam na dúvida entre correr o risco de contrair

a doença ou ficar em casa sem saber se teriam como alimentar sua família.

“A pandemia aproximou-se cada vez mais das pessoas, nossos familiares foram infectando-se, infelizmente alguns entes queridos partindo, o medo então, tomando de conta de todos, pois tudo que víamos na televisão estava agora dentro de nossas casas, foi assustador.”
(Adrian Evangelista de Melo)

O ser humano sempre deixou de pensar no problema do outro e dessa vez não foi diferente, no começo o problema era apenas na China, logo estava dentro da casa de milhares de pessoas.

O sentimento de incertezas e tristeza trazidos pela pandemia do covid-19, gera na população sintomas de ansiedade, que podem evoluir a um quadro de depressão, uma mudança brusca no estilo de vida que foi uma consequência do isolamento, leva a irritabilidade, hábitos alimentares não saudáveis ou perda de apetite, interferência no sono, sentimento de culpa e perda de interesse por realizar atividades até mesmo escolares ou profissionais e hobbies, que antes eram prazerosos para estes indivíduos.

Mesmo com essa situação que marcará a vida da população mundial e com o número de mortes apresentada, vemos que algumas pessoas ainda não se conscientizaram sobre a necessidade de uma mudança no nosso estilo de vida, até mesmo em simples e importantes detalhes, como usar máscaras e lavar as mãos, que ainda hoje, dez meses depois do registro do

primeiro caso no Brasil, pessoas ainda desrespeitam, aumentando assim a velocidade da transmissão.

A vida coloca todos em situações adversas, mas é imprescindível que se tire delas lições, e as mesmas se transformem em mudanças no comportamento e atitudes do dia a dia, o mundo se deparou com esse desafio para que mergulhássemos no nosso mundo interior e buscássemos o melhor de nós.



Tríplice Aliança

Colégio Módulo (Juazeiro do Norte/CE)
Orientação: Débora de Moraes Esmeraldo
João Victor de Matos Bandeira Lopes
João Vitor Benjamim Dias
Pedro Lucas Gomes Moreira de Meneses

O início da nova década parecia animador, 2020 trazia consigo esperança de um novo início, de ciclos, de novas oportunidades. A notícia que chegava da China não parecia assustar, mesmo com os casos se espalhando mundo afora, quem imaginaria que seríamos acometidos por esse misterioso e brutal vírus? O carnaval foi o último evento que o brasileiro presenciou, aliás a festa não pode parar, ou pode? Pois bem, parou e como parou. Os casos começaram a chegar no Brasil e logo, nosso Ceará, foi tomado pelo vírus misterioso. Escolas, comércios, templos religiosos e ambientes de lazer foram fechados e nossas vidas mudadas, afinal não somos seres que estão acostumados a viver sozinhos. Ser humano é viver em sociedade. Em 15 de Março os primeiros casos no Ceará foram confirmados, e, pouco tempo depois, os colégios tiveram que fechar. No início seria por apenas 15 ou 30 dias, uma antecipação das férias, porém a volta às aulas presenciais em 2020 nunca ocorreu de fato, pelo menos na maioria das instituições.

Após ficar evidente que a pandemia não passaria tão rápido as instituições mobilizaram-se para desenvolver um método de ensino remoto, uma manobra muito difícil, tendo em vista a forma abrupta com que esse novo cenário foi imposto, além da pouca familiaridade de muitos profissionais com as ferramentas digitais. Porém, esses eram apenas os primeiros problemas que iriam ocorrer, pois nós estudantes agora tínhamos que nos reinventar para conciliar estudos com o isolamento social, bem como muitos dos problemas familiares que existem em muitos núcleos. Era um desafio, sobretudo, para os vestibulandos, que além de todas as mudanças, ainda convivem com a pressão dos vestibulares e de qual caminho querem seguir na vida. Nós estudantes também esperávamos uma resposta rápida do Ministério da Educação, o que não existiu e complicou

a vida dos estudantes brasileiros, expondo o abismo social, no caso da educação, o contraste entre a resposta do ensino público em comparação com a do ensino privado.

Após um breve período, a maioria das instituições privadas conseguiram organizar as aulas para o ambiente virtual por meio de ferramentas como o Google Meet, Classroom, Zoom, etc. Dessa forma, nós alunos tivemos a tarefa de reorganizar nossas vidas e rotinas, o que para muitos foi um grande desafio. Além dessa reorganização, o isolamento social expôs e/ou agravou diversos problemas como o conflito familiar, ansiedade, depressão, entre muitos outros, o que para os estudantes dificultou ainda mais essa transição. Com o passar das semanas a desigualdade social entre as instituições de ensino nunca ficou tão evidente.

Muitos colégios públicos não eram capazes de atender todos os seus alunos, tendo em vista a falta de ferramentas e condições para muitos deles. Muitos colégios também falharam ao transferir toda a carga horária presencial para o ambiente virtual, um grande erro, logo que a capacidade de concentração em aulas virtuais e os danos que os alunos eram expostos ao passarem horas diante de uma tela, não foram levados em consideração. Além do mais, poucas instituições e profissionais se dispuseram a ousar conhecer e usar ferramentas que viessem a tornar as aulas mais interativas, quebrando a rotina monótona. Essas falhas, aliadas a pandemia, as desigualdades sociais e a falta de sucesso na transição para muitos estudantes, resultaram em um atraso educacional que será difícil de reverter. Esse ano vem expondo também como é falha e retrógrada a forma de ensino brasileiro, que dispõe de tecnologias do século XXI mas mantém uma mentalidade de século XX, esse ano vem ensinando que

a educação brasileira precisa de reformas, bem como um combate mais enfático às desigualdades sociais e educacionais.

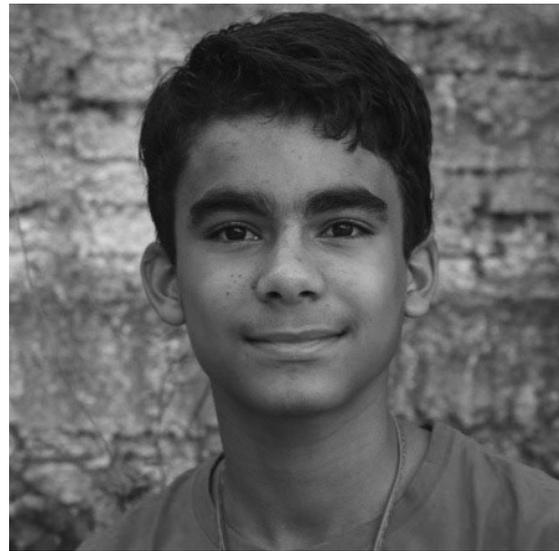
Figura 1 - A sala de aula vazia



Fonte: <http://wallacecamargo.blogspot.com/2012/10/a-sala-de-aula-vazia.html>

Por fim, as expectativas começam a aumentar dia após dia para o retorno gradual do mundo “normal”. O planeta começa a dar respostas com possíveis vacinas e as campanhas de imunização começam a ser preparadas pelos países. A educação nos proporcionará o retorno para nossas vidas, pois o caminho da escuridão é derrubado com a luz do conhecimento e, graças à ciência, poderemos ter esperança de um 2021 melhor.

“Pesquise, conheça. Fuja das trevas da escuridão. Não à ignorância, sim ao conhecimento.” (Professor Zilfran Varela Fontenele, discurso da final OCHE 2019)



Unidos pela ciência

EEF Estado da Paraíba (Crato/CE)
Orientação: Emanuela de Moraes Silva
Gabriel de Moraes Lacerda
Ana Klyvia Fonte Fernandes
Letícia Fernandes Valdevino da Silva

Não há quem não já tenha se sentido sozinho pelo menos uma vez na vida. Essa afirmação chegou de vez para todo o mundo, literalmente, desde que a pandemia do Corona vírus se espalhou, nos obrigando a manter o distanciamento social dos nossos amigos, familiares e da escola.

Figura 1 - O medo da solidão é real, mas é temporário



Ilustração: Benedetto Cristofani. Outras Palavras, 2020. Disponível em: <https://outraspalavras.net/terraantropoceno/esperanca-como-acao-caminhos-para-o-pos-pandemia/>

Ficamos em isolamento dentro de nossas casas e nos deparamos com uma situação existencial: O que fazer com tanto tempo com nós mesmos? Você se encarou durante essa quarentena? Usou esse tempo para fazer autocrítica enquanto juventude no mundo? Fez perguntas a si mesmo esperando alguma resposta? Quem somos nós diante de um vírus tão mortal? Qual o sentido da nossa vida até aqui? Seremos os mesmos depois dessa pandemia? Alguns de nós entraram em depressão, ansiedade, medo da morte.

Podemos afirmar que não existirá pessoa no mundo que sairá dessa pandemia como era antes. Tudo mudou. Convivemos com a morte diariamente. Noticiários

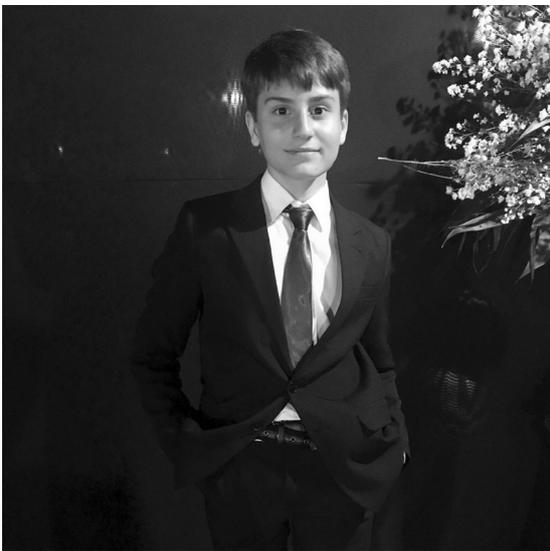
tem como pauta cotidiana o número de novos casos e mortes pela Covid-19 em nosso país. Já perdemos mais 250 mil pessoas, e outras tantas estão em sofrimento nos leitos hospitalares ou esperando por um. O medo da morte por um tempo nos uniu nesse momento de isolamento social, mas hoje vemos muitas pessoas que, sem necessidade, estão de volta a um normal que ainda não chegou e nem vai chegar, pelo mesmo da mesma maneira que era antes.

“A solidão nos exige a convivência com nós mesmos, talvez seja por isso que tantos tenham medo dela.”

Será que perdemos o medo da morte, ou apenas a banalizamos? A reflexão que gostaríamos de deixar registrado aqui é: estamos mesmo no mesmo barco ou apenas na mesma tormenta? Afinal, quem vemos ser os mais atingidos por esta pandemia é a população da periferia, pessoas em vulnerabilidade social, indígenas e quilombolas.

A vontade de que tudo volte ao normal chegou com força, principalmente em nós jovens. Hoje, somos os maiores transmissores da Covid-19, segundo uma pesquisa feita pelo jornal O GLOBO e Rede Análise Covid (2020), através da base de dados do Sistema Único de Saúde (SUS). Motivos? Talvez por termos cansado de ficar em casa. Ansiedade de viver. Afinal somos jovens! Mas, e se pensarmos melhor e nos encararmos de verdade? Será que não estamos apenas com medo? Medo da pandemia nos tirar a juventude, a liberdade de viver mundo a fora? O medo de perder coisas e pessoas nos atormentam todos os dias desde o início da pandemia. A solidão foi palavra conhecida nesses últimos meses.

A solidão nos exige a convivência com nós mesmos, talvez seja por isso que tantos tenham medo dela. Por isso temos que aprender a sermos nossas melhores companhias. Saber apreciar um livro, uma música e cultivar nosso amor próprio. Para que, apesar e através desse momento de pandemia, possamos aprender a nos amar, para aí sim, amarmos o próximo. E então talvez, ficar em casa, não seja mais sinônimo de solidão ou medo, mas de cuidado conosco e empatia com o próximo.



Uz Três Aperriandin

Colégio Sete de Setembro (Fortaleza/CE)

Orientação: Márcio Gurgel de Souza

Maria Eduarda Rosa da Silva

Pedro Lucas Santana da Silveira

Rodrigo Diógenes Martins

No início do ano, já corriam notícias sobre um novo vírus identificado na China, mas parecia algo muito distante. Até que enfim, foi anunciado que seria necessário um afastamento social, e assim o caos se instaurou, filas enormes em supermercados com corredores lotados de carrinhos e pessoas desesperadas montando estoques de produtos alimentícios. O que eram pra ser apenas quinze dias tonaram-se uma eternidade.

Shoppings, aeroportos e restaurantes fechados, população trancada em casa, muitas famílias passando por dificuldades por falta de renda, já que não podiam trabalhar, e muitos estudantes com dificuldade de acessar o conteúdo escolar. Nos noticiários, o que acompanhávamos era o aumento no número de mortes, hospitais superlotados e imagens de corpos em meio às ruas. Apesar da situação parecer muito caótica, não se trata de uma sinopse de um filme apocalíptico e nem de um best-seller de distopia, isso foi apenas um breve relato do que vivemos no ano de 2020.

Figura 1 - Isolamento e solidão durante a quarentena



Tudo foi resignificado, de acordo com o processo histórico cultural teorizado por Eric Hobsbawn, mas acredite, ele mesmo teria se assustado com tamanhas mudanças.

Fonte: <https://www.cpp.org.br>

O ano de 2020 é obviamente diferente. Com a presença do isolamento social, houve um constante distanciamento dos relacionamentos, e os registros de casos de ansiedade e depressão aumentaram. Parte desses problemas já existiam, mas com a permanência em casa e a ausência da correria cotidiana, eles foram detectados e agravados devido às incertezas do período. Não poderia ser de outro modo -mas vai além-, perdemos a nossa segurança emocional e a suposta certeza de que “tudo vai dar certo”, muitos sonhos foram perdidos e, por diversas vezes, junto com estes, as pessoas que ousaram tê-los.

Por isso, permita-nos dizer que, apesar de tudo, nessa pandemia, todos somos vencedores, todos deveriam sentir orgulho de si mesmos, como Sartre afirmou, “Melhor morrer em pé do que viver de joelhos”. Não é fácil, ninguém disse que é.

“Todo amanhã tem duas alças. Podemos segurá-lo com a alça da ansiedade ou com a alça da fé” - Henry Ward Beecher

Um ponto marcante nessa crise está relacionado à educação, com o EAD (ensino a distância) os desafios foram tanto para os professores, que tiveram que lidar com novas plataformas e produzir diferentes materiais on-line, e alunos, que todo dia se depararam com aulas virtuais e cansativas, por exemplo. Quando sua rotina muda de tal modo, como foi para nós, estudantes, fica mais difícil de reorganizar o tempo das atividades, e sem poder interagir com outras pessoas veio a ansiedade, a tristeza, a carência de um abraço e a saudade de tempos menos difíceis.

Muitos pequenos aspectos, coisas comuns da adolescência e do ano letivo, fizeram falta e contribuíram para esse quadro de tristeza, como competições esportivas, comemoração de aniversários com amigos e outras atividades. No nosso caso, uma das grandes frustrações foi o cancelamento da festa junina.

Para os alunos do nosso colégio, a partir do nono ano, as danças da quadrilha fazem parte de uma gincana, são semanas de ensaio e preparação, momentos para se juntar com os amigos e conseguir extravasar um pouco do cansaço dos estudos e incentivar o trabalho em equipe. Com o cancelamento das aulas, nada disso foi possível.

Apesar de todos esses desafios e da instabilidade, agora a esperança é a única que pode nos ajudar a sobreviver nessa “reta final”. Claro que diante de tamanhas transformações o convívio social não será o mesmo, por exemplo, as aulas remotas vieram para ficar por um bom tempo e as máscaras serão os novos acessórios de vestimentas.

Entretanto, já contamos com um grande progresso no combate ao vírus, como o recente desenvolvimento de diversas vacinas, que, em muitos países, já começam a ser utilizadas. É fato que está não será uma cura milagrosa, mas talvez o mais sensato seja se deixar levar pelos pensamentos positivos, para não ser corroído por todas as frustrações.



Vanguarda

Colégio Master (Fortaleza/CE)
Orientação: Francisco Fábio Fernandes
Rafaella Ribeiro Lima
Lívia Beatriz Carvalho Fernandes
Sanderly Teles Marques Monte

O ano de 2020 marca o acontecimento de uma série de mudanças e adaptações pelas quais tivemos que passar. Por mais crítico que tenha sido, este ano nos apresentou oportunidades únicas de se viver.



A pandemia representou não somente um símbolo de tragédias e destruições, mas também de muitos aprendizados e descobertas.

Fonte: https://br.freepik.com/vetores-premium/chame-a-ilustracao-dos-pais_11144824.htm#page=2&query=corona+amor&position=14

O “novo normal” trouxe consigo diversas condutas a se aderirem, como o uso da máscara e o distanciamento social. Por conta disso, se tornou complicado decifrar os sentimentos daqueles que estão ao nosso lado, logo, presumimos certa monotonia e indiferença em seus sentimentos. O distanciamento social torna ainda mais intenso o sentimento de solidão, visto que afeto e abraços de quem amamos nos ajudam a passar por situações difíceis com resiliência. A humanidade precisou reaprender a sorrir e a abraçar. A pandemia mudou o que entendemos como afeto. Em vez da proximidade, amar agora significa manter a distância. A necessidade é de não se permitir sorrir de perto, de preservar o outro e a si mesmo com o distanciamento e com uma máscara no rosto que esconde sentimentos, reações, risos e tristezas. Um pano no rosto e o não-abraço são as medidas mais seguras (não as únicas) para seguir vivo, enquanto a vacina não chega.

A pandemia provocou uma mudança no cotidiano de todos. A rotina passou de algo “banal” para um “novo normal” e, de um dia para o outro, tivemos que sair da zona de conforto e aprender a conviver com a nova realidade.

O medo provocou uma grande mobilização por parte de todos, especialmente da ciência, que buscou, desde o princípio, minimizar os danos causados pela pandemia. Prova disso está no desenvolvimento da vacina em tempo recorde. O caos gerado provocou aprendizados que o mundo levará para o resto de suas vidas.

Diante de tudo que passamos, o isolamento social nos trouxe oportunidades únicas de progredir como pessoas e dar mais valor às pequenas coisas da vida, pois até mesmo elas têm seu valor. Mesmo com o mundo parado e as dificuldades, estamos todos conseguindo sobreviver a esta crise.



Vozão

EEEP Clemente Olintho Távora Arruda (Baturité/CE)

Orientação: Marta Maria Costa Farias

Nathan Pablo de Freitas Soares

Suely Maciel de Queiroz

Júlia de Souza Matias

Planos, sonhos, família, amigos, amores. Como manter e avançar durante uma pandemia que de forma inesperada nos isolou e nos distanciou?

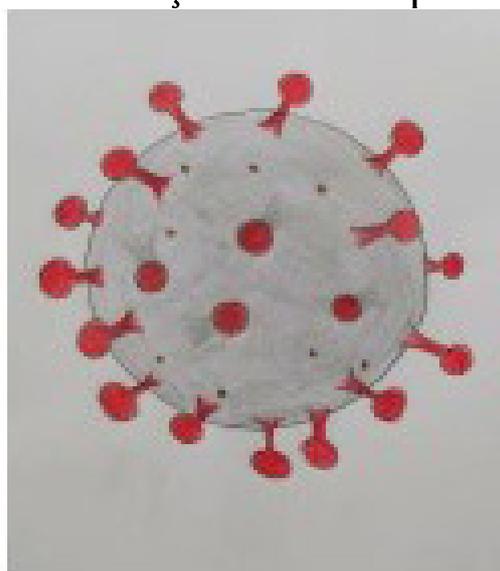


Me pego pensando no que os jovens do futuro buscarão saber sobre o ano atípico de 2020, se me perguntarem “e como foi ser jovem naquela época...?”.

Fonte: Arquivo pessoal

SARS-CoV-2, popularmente conhecido como COVID-19. Desde então, iniciou-se uma luta constante em prol da vida e contra a disseminação do vírus. Todos foram pegos de surpresa.

Pois era algo que estava acontecendo em outro continente, jamais poderíamos imaginar que fôssemos ser alcançados tão rapidamente.



Fonte: Arquivo pessoal

O que parecia impossível e distante, agora era real e estava aqui, em nosso país, na nossa cidade, na nossa casa.

Como de súbito, tivemos que parar. Não podíamos mais ir para a escola, para o trabalho, para a igreja, para casa de nossos familiares e nos reunir com os amigos. Fomos impactados e ao mesmo

tempo desafiados a conviver confinados. Tivemos que nos reinventar, buscar maneiras de continuar, mesmo que em um ritmo diferente, com metodologias diferentes dentro de um cenário aterrorizador. Tudo era novo e nos desafiava dia após dia.



Fonte: Arquivo pessoal

a escola? Enfim, cada decreto e pronunciamento dos nossos governantes nos reprimiam e só restavam mais isolamento, medo, incerteza e solidão.

Todos os setores sofreram abalos e com eles nós também fomos atingidos: a economia entrou em crise devido ao fechamento dos comércios, fábricas e indústrias, não sabíamos como obter o básico para nos manter: o alimento, o medicamento, o sustento. Na segurança pública, com a diminuição de agentes trabalhando, houve um acréscimo no número de violência o que nos deixava indefesos e vulneráveis; a saúde colapsou, sofreu de forma direta com a chegada



Fonte: Arquivo pessoal

do vírus, muitos profissionais foram contaminados e tiveram suas vidas interrompidas, pois as medidas de segurança e prevenção não supriram a real carência e despreparo dos hospitais ao receber quantidades altíssimas de contaminados, cada vida restaurada era comemorada, no entanto a morte tornava-se cotidiana e mais terrível, pois não havia despedida: parentes,



amigos, vizinhos, não podíamos nos aproximar e compartilhar a dor da perda. Na educação as mudanças foram imediatas, e ações e planos para continuar atendendo os alunos no decorrer do ano letivo foram elaborados rapidamente e aperfeiçoado no decorrer dos dias. As aulas não podiam parar, decidimos continuar.

Fonte: Arquivo pessoal

Professores e alunos tiveram que se adaptar à nova metodologia de aulas remotas, utilizando aplicativos de videochamada e conferências.

As aulas online geraram muitas dificuldades tanto para professores como alunos. Vários empecilhos estavam em nosso caminho e vencê-los era nosso maior desafio. Os planos de aula tiveram que ser refeitos e adaptados, a falta de experiência com o ensino a distância e a carência de acesso à internet e/ou das ferramentas utilizadas na gravação e na visualização das aulas, principalmente nas zonas rurais, geraram atrasos na aprendizagem, motivando um



Fonte: Arquivo pessoal

aumento da desigualdade e exclusão social.

Percebemos que o fato de não termos o controle dos dias, do tempo e muito menos do futuro torna tudo mais incerto e muitas dúvidas surgem nas nossas mentes. O que era pra ser apenas 15 dias tornaram-se meses, a grande felicidade de passar os tão sonhados dias de glória em casa no conforto do lar, deram lugar a saudade e a ausência de contato, a cada nova notícia: o medo de sair; o isolamento ficou mais rígido, mais cuidado e higienização, o álcool em gel e a máscara, tornaram-se obrigatórios em nossas mochilas.



Fonte: Arquivo pessoal

Assim a máscara nos prevenia, mas também escondia parte da nossa expressão: sorriso, tristeza, medo... Com certeza a pandemia nos ensinou algo que não poderíamos aprender em nenhum banco escolar.



Fonte: Arquivo pessoal

Gratidão, o significado da palavra que mais utilizamos nesses dias, encontramos bem aqui fora do dicionário, em meio ao caos que nos aterrorizou. Assim como o cantor Lulu Santos, nós também acreditamos “num novo começo de era”, e essa nova era será extraordinária! E assim foi 2020.



White Wings

Colégio Farias Brito Central (Fortaleza/CE)

Orientação: André Isaac Santos de Sousa

Victoria Couras Albuquerque Freitas

Kelder Oliveira de Souza

Gabriela Lavor da Silva

O mês era maio, uma referência para as sonhadas festividades maternas. Mas, depois de tantos casos de Covid-19 vistos somente pelos meios de comunicação de massa, saltou-nos dos mais sombrios pesadelos uma nova realidade: minha avó materna, parte do grupo de risco, não estava bem e fora levada ao hospital. Tentar descrever a angústia que sentimos durante aquele momento e todos os próximos meses que o sucederam é quase impossível. Após a internação, veio o diagnóstico, minha vó tinha uma doença grave: saudade! Saudade em metástase! Saudade leve, saudade ponderada, saudade aguda, saudade crônica! Uma saudade que fora ocasionada, como consequência do isolamento social, e que acometeu, não só minha vó, mas muitos idosos no Ceará e no Brasil, os quais tiveram de cumprir rigorosamente todas as medidas de distanciamento social, mas que, infelizmente, padeceram de um mal não menos letal: a depressão, o novo mal do século, que já soma 322 milhões de pessoas no mundo, 11 milhões só no Brasil conforme dados recentes da OMS. O confinamento do grupo da terceira idade foi indiscutivelmente necessário, o que se tornou indiscutivelmente desnecessário foi a falta de políticas públicas para minimizar o impacto do isolamento no cotidiano dos idosos com uma saúde mental já tão debilitada, pois as condições neurológicas degenerativas, infelizmente, já são mais comuns na terceira idade e acometem, geralmente, pessoas com mais de 65 anos, faixa etária em que é mais propício o aparecimento de doenças como o Mal de Alzheimer e a doença de Parkinson. Assim, minha vó tornou-se um símbolo do que ocorreu com muitos outros idosos pelo mundo, tentaram isolá-los do vírus, mas se esqueceram de protegê-los de outro tão igualmente mortal: a solidão.

A violência emocional não foi um caso “isolado” como ocorreu com minha avó, como ocorreu com vários idosos.

No entanto, pelo mundo, aconteceu o que podemos chamar de epidemia dentro da pandemia: a violência doméstica. Com efeito, Simone de Beauvoir, escritora e filósofa francesa, uma das mais importantes figuras do pensamento feminista, já expunham, no século XX, uma sociedade extremamente sexista, que fomentava a covarde violência de gênero. Assim, houve de antemão, no contexto do novo corona vírus, a preocupação com a saúde propriamente dita, com a economia, mas o confinamento afetou, além de idosos, mulheres e crianças que, diante da urgente necessidade de isolar-se em seus lares, passaram a conviver integralmente com seus agressores. Dessa forma, a quarentena trouxe à tona outras doenças de que há muito padece a sociedade: o machismo, a desigualdade de gênero e o espelho de relações desiguais e segregacionistas, que ferem que adoecem que matam e que também precisam de cura. Logo, isolou-se as pessoas, entretanto não podemos nos esquecer de que as lutas, em prol de uma convivência mais harmônica, mais equânime não podem continuar aceitando uma sociedade que vive balizada por um verdadeiro “apartheid”, caso contrário as “Amélias”, como compôs Mário Lago e Ataulfo Alves, jamais serão desconstruídas.

“Vira a mesa, assume o jogo, faz questão de se cuidar” “Disfarça e segue em frente todo dia até cansar. E eis que de repente ela resolve então mudar” (MENDONÇA, NOVAES, Desconstruindo Amélia, 2011)

Figura 1 - Mulher reza ao lado de fora de igreja, no Rio: isolamento social mais brando não foi suficiente em algumas regiões



Pilar Olivares/Reuters. Leia mais em: <https://veja.abril.com.br/saude/evitar-lockdown-no-brasil/>. Por Mariana Rosário 7 de Maio de 2020, 13h45.

A partir da letra de canção de “Desconstruindo Amélia”, composta por Martin Andrade De Mendonca e Priscilla Novaes Leone, imortalizada na voz da cantora Pitty, é possível perceber como a pandemia por Covid-19 foi bem além dos explícitos números de mortos pelos quais choramos todos os dias. O novo corona vírus escancarou também as mortes por trás das portas de quartos fechados, por trás do abandono, por trás da falta de alteridade com o outro, por trás da negligência governamental. No Brasil pandêmico de hoje, cujo número de mortes tanto nos assusta, é preciso também que nos comovamos com todos os brasis: o do preconceito, o da discriminação, o do ódio, o da pobreza, o Brasil que mazela o corpo, mas que também corrói a alma. Urge que nos importemos com as vovós, com os jovens, com as crianças, com os pretos, com as mulheres, com o de direita, com o de esquerda. Enquanto o nosso país priorizar questões ideológico-partidárias, tratar pandemia como “gripezinha”, esconder dados, como numa nova Chernobyl, as pessoas continuarão matando, dolosamente atrás das portas, ou culposamente, descumprindo as orientações das autoridades médicas. Cuidemo-nos: de nós, da minha vó, da sua, de todos!



Xêro no Cangote

Walter de Sá Cavalcante (Fortaleza/CE)

Orientação: André Vinícius Bezerra Magalhães

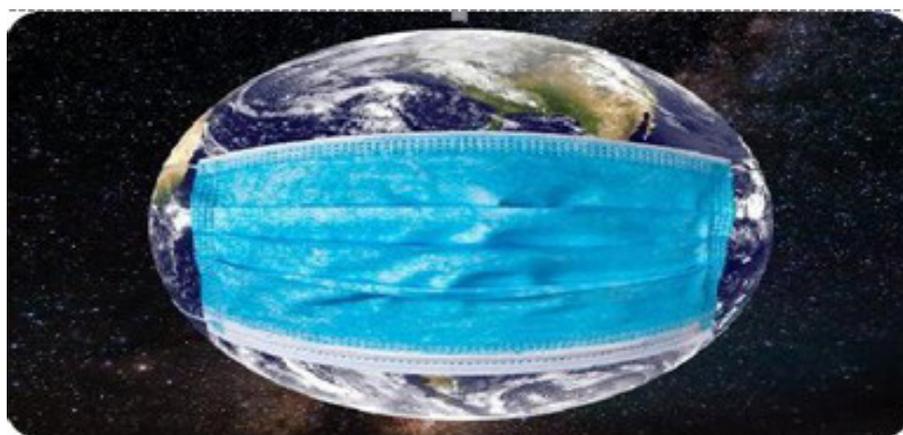
Maria Mariana Alves Pitombeira

Alice Coelho Resende

Luis James Nogueira de Oliveira Junior

18 de março de 2020, sem dúvida, foi um dia atípico para o mundo. O termo quarentena era a palavra mais utilizada nos meios de comunicação. Assustados, não sabíamos o que fazer e o que estava por vir, até que uma ameaça à saúde humana passou a ser uma realidade entre nós: a pandemia, que tem causado pânico e tem-se prolongado até os dias atuais.

Figura 1 - O mundo enfrentando a Pandemia



Fonte: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/rfi/2020/05/22/dados-indicam-fim-da-pandemia-em-um-mes-com-excecao-de-paises-como-o-brasil.amp.htm>

Como a globalização, o vírus se propagou pelo mundo. Por ser uma recente forma de contaminação, não temos respostas precisas da comunidade científica sobre a origem do Covid-19 e sobre sua duração, mas sim a certeza de que vem assumindo proporções continentais.

Nesse contexto, festas canceladas e viagens desmarcadas são um retrato fiel do que previam muitos infectologistas, vistos como pessimistas demais por uma parte da sociedade.

Álcool em gel 70%, máscaras e sabonetes viraram as nossas armas, e os jornais se tornaram o nosso centro de comando, transmitindo toda a informação necessária sobre os números de uma tragédia encarada com descaso pelo líder do Executivo Nacional. Ademais, o ensino tornou-se virtual. Nunca mais

escutamos aquele bom dia do porteiro da escola; nunca mais vimos aquele sorriso dos professores. Acordar cedo, sentar-se e ligar o celular ou o notebook se tornaram a nossa rotina. Pais tiveram de aprender a ensinar. Enquanto isso, professores, profissionais que têm a capacidade de se reinventarem, inovaram a sua metodologia de ensino diante desse cenário desafiador.

“Precisou que o mundo parasse e um vírus ameaçasse a nossa sobrevivência para que os pais percebessem que a educação se faz em casa, e que as escolas são centros de socialização, que ensinar não é fácil, e que professores são muito mais heróis, do que aqueles que o cinema mostra.”
(Adriana de (An) Pietro)

É oportuno ainda dizermos que, apesar de toda a perda, tristeza e ansiedade que sentimos, a pandemia nos proporcionou momentos de reflexão, tornando-nos mais próximos dos nossos familiares e amigos.

Em meio a tudo sobre o que estamos a refletir, devemos ainda relatar ganhos como o despertar dos sentimentos de solidariedade, de empatia e de amor. Aprendemos que as soluções para a humanidade eram possíveis de forma coletiva, afinal todos habitamos o mesmo planeta e partilhamos do que nele existe.

Esperamos que o novo normal se constitua em uma oportunidade de reconstruir o mundo e de superar as adversidades trazidas pela Pandemia. Desejamos que as lições aprendidas sejam relevantes para a construção de uma sociedade mais saudável, mais justa, mais solidária, disposta a bem conviver e a respeitar a diversidade humana e a pluralidade de ideias.

Nós e a Pandemia

VOLUME III



INSTITUTO FEDERAL
Ceará



alias